

Prefácio

A Ti Te dedico estas Memórias,
A Ti Vida,
A Ti Alma,

Vida em Ti que há em Mim,
Vida em Mim que há em Ti.

Em que a Voz se fez Alma e a Alma se fez Ouvir.

Biografia

Ana Mascarenhas nasceu em Lisboa, em 1969.
Actualmente frequenta uma Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos.
Sendo o seu maior desafio a escrita, espelhou-se no seu primeiro livro, "Louca Sensatez".

Escrevo a Alma no Tempo _____	6
Rituais _____	7
Tango, Como Te Mereço _____	9
Refúgio _____	11
Enfeitiçada _____	13
Essências Odaliscas _____	16
Neste Momento _____	18
Lágrimas de Chuva _____	19
Natureza Selvagem _____	21
Saber Viver na Virgindade, Maria _____	23
Sou Tua, Desfruta-me _____	25
Tenho um Furacão Dentro de Mim _____	26
Grito Apagado _____	28
O Uivo da Loba _____	29
As Mãos não Calam _____	30
Uma Procura, um Reencontro _____	31
Sensações Perdidas _____	33
Preciso Urgentemente de Viver! _____	35
Uma Dança Por Dançar _____	36
Neve Negra! _____	38
Dói-me a Alma _____	39
Sabre _____	41
A Dor de Não Tocar _____	42
Renasço Lapidada de Cinzas Outrora Incendiada, por Lenha Nunca Queimada _____	43
Já Não Tenho Ilusões _____	44
Desejos Infinitos _____	45
Tempo _____	46
Acordar Sem Dor de Saber o que é a Paixão _____	48
Testemunhos de Meia-Idade _____	49
Emocionalmente Esgotada _____	50
Mulher Moderna à Moda Antiga _____	51
Imagino-te Príncipe _____	52
Frustrações Vividas _____	53
Aprender a Perder-me Novamente _____	54
Que o Amor Nunca Te Fira _____	55
Continuarei a Acreditar?! _____	56
Sol de Inverno _____	57
Almas por Cuidar _____	58
Vagueio-me por Ti Mãe Terra. _____	59
Amores Impossíveis _____	60
Emoções _____	61
Acordei de Manhã Cedo _____	62
Estados Equilibrados por Desequilibrar _____	63
Desorientadamente Saudável _____	64
Desinteressado, Sobretudo! _____	65
Palavras com Vida Própria. _____	66
Alma Cigana _____	67
Apenas Não Existo _____	68
Pequenos Grandes Momentos _____	69
Escrevo, Escrevo e Nada Digo _____	70

Louca Sensatez

Palavras Atropeladas	71
Dei-te a Minha Alma!	72
Um Abraço Desértico	73
Lágrima	74
Descansar a Morte	75
Mergulho-me Apenas	76
Como é Difícil Abraçar com Alma	77
Palavras com Dom	79
Pedras	80
Cinzas do Nada	81
Casulos de Arame Farpado	82
A Vida de Uma Tela por Pintar	84
Sonhar Acordada	86
Um Caso sem Caso	88
Retiro	89
Uma Casa de Madeira Branca, Aparentemente Velha e Muito Frágil	90
Regressa	93
O Sexo de Dante	95
Labirinto	97
Distância Traída	99
Corrimão sem Escadas	101
Solto-me	103
Uma Estranha Forma de Vida	104
Crueldades da Vida	105
É Cansaço, Será?	107
Um Abraço sem Voz	109
Pensar Alto	110
Navegantes Perdidos	111
Um Dia Saberei Ser	112
Mata-me Sem Vez	113
Pedaços Insensíveis	114
Já Não Sei Escrever	116
Nós Sem Amarras	117
Mar de Sesimbra	119
Namoros Esquecidos	121
Dúvidas de Leito	122
Sinto-me Apenas	123
Serei Apenas Escrita	124
Oiço a Chuva lá Fora	125
Sabe Bem Sorrir	126
Paixão Atropelada	127
Verão Primavera	128
Assumidamente	129
Criança Sozinha	130
Palavras são Palavras	131
Solidão como Companhia	132
Deixei-te Entrar na Minha Solidão	133
Escravizas-me Sem Nada em Troca	134
Esta Já Não Sou Eu	135
Alma Calada e Grito Ausente	136
Cinzas Férteis	137
O Silêncio das Palavras	138
Saber Morrer com Vida	139

Louca Sensatez

ESCREVO A ALMA NO TEMPO

Assim sou, reservada quando exposta, exposta quando reservada.

Com a escrita me acuso, me relato, me defendo e me inocento.
Com a escrita me dispo de preconceitos, revelo-me sem pudor e sem regras.
Com a escrita sou eu, apenas eu como mulher, amante e pródiga no meu Eu.
Com a escrita os telhados de vidro passam a zinco e sem eles nada valho.
Com a escrita sou a revelação da alma despida, e do corpo coberto.

E porque há momentos mágicos que permanecem intocáveis na minha memória.
E porque há momentos vivos que permanecem escritos para não se quebrarem.
E porque o que escrevo não é só o reflexo da minha alma, mas sim ela mesma.
E porque o que escrevo é igualmente a própria alma sem reflexo e sem espelho.
E porque o que escrevo é também água transparente que reflecte-se no meu corpo.

Escrevo memórias da minha vida, como tantas vidas de memórias vividas.
Escrevo apenas a vida que é longa, mas tão curta quando olho para trás.
Escrevo o tempo que me percorre e eu leio-o sem ter tempo de o ler.
Escrevo apenas por o tempo ter tempo, mas não ter tempo para dele conta tomar.

O tempo que me dedico a escrever, é também o tempo do meu refúgio.
O tempo que ganho e não perco, é igualmente o tempo do meu saber.
O tempo que gosto de ter, é o tempo que quero e o tempo não esquece.
O tempo é isso mesmo, apenas tempo.

Tempo para rir e para chorar.
Tempo para sofrer e para amar.
Tempo para aprender e ensinar.
Tempo para parar e para pensar.

Tempo que te dedicas a mim, por ser eu que te tomo de mim.
Tempo que te ofereces a mim, por saber que serei dona te ti.

Com a escrita revelas-me, as memórias acusam-me e a leitura inocenta-me.
Com a escrita temporizas-me, a alma solta-se e a paixão liberta-se.

Por isso,
Leio-te, leio-me e calo-me silenciada por ti, calada no tempo.

De manhã acordo, ainda nem o despertador tocou e já acordada estou.

Levanto-me e vou a deambular pelo meu castelo, abro as portadas de madeira encostando-as às ombreiras de pedra rústica. A diferença de temperatura do chão de madeira nos quartos, é algo anormal quando cá em baixo chego e piso a tijoleira fria. Da escada vislumbro o meu salão, o meu jardim, as minhas plantas, as minhas redes.

Penso como gostaria agora de me estender nelas, se o tempo o permitisse e o trabalho deixasse.

Mas o chá quente chama-me logo pela manhã, escolho um diferente todos os dias entre algumas dezenas deles que persisto em ter. A minha nova mania é tomar chá em conjunto com as refeições, já não bastava tomar ao pequeno-almoço, lanche e depois do jantar, agora tomo também em conjunto com o almoço.

Tornei-me uma hipérbole nos chás.

Descansada, pensativa e algo atormentada são os adjectivos perfeitos que me acompanham no meu ritual matinal.

Olho as notícias, oiço-as e tento esquecer o mundo lá fora que a cada dia que passa se torna incompreensível pelas pessoas mesquinhas, pelas fraquezas e impurezas que nele habitam.

Tento regressar imediatamente para o meu canto que traiçoeiramente me protege, que quero e insisto em acreditar para me sentir segura e inabalável.

Acordo os meus filhos, umas vezes de forma desagradável, outras de forma meiga, o stress é quem dita como os devo acordar e aliado a ele está também o tempo ganho comigo que o gastei com os meus adjectivos. Trinta minutos depois já compostos no carro, quando arrancamos para as nossas obrigações diárias, eles para a escola e eu para o trabalho.

O que mais gosto é de conduzir sem destino e, quando para o trabalho vou, imagino-me sempre sem destino, os meus pensamentos voam. Tenho dias em que a alegria é tão ou mais contagiante que as pessoas dos outros carros se afeiçoam a mim e brincam com o meu sorriso, mas também tenho dias em que a tristeza é profunda e as lágrimas se soltam no meio do caminho, sem nunca perceber o porquê de ser sempre a melhor altura para chorar.

Aqui a compaixão também é sentida nos carros vizinhos. Tenho outros dias que utopicamente normal estou, e vejo a destreza com que se conduz, sinto a falta do bom senso nos condutores, o stress altera-os de forma ofensiva e desumana, observo cuidadosamente o que uma simples condução pode fazer ao mais comum dos mortais. A transformação é constante, é uma mutação sem igual, se for preciso passados 10 minutos o seu estado volta a ser normal como se nada houvesse, nada tivesse acontecido. O ser humano é de facto impressionante em alterar humores e mudar costumes.

A minha companhia de eleição na condução é a música. Outra mania que adoptei foi o Chillout, House Music entre outros, sinto-me a mudar nos estilos musicais, aprendi a gostar de Jazz, reaprendi a ouvir música diferente mas marcante, música velha de tempos passados transformados em tempos modernos. Gosto também de ouvir Tango e imagino-me a dançá-lo de forma sensual e sedutora. Gosto de seduzir com a dança, ela liberta o que de mais escondido está. O sufoco torna-se um prazer e o prazer torna-se tentador.

Louca Sensatez

De repente vejo-me na realidade do meu dia-a-dia e sinto que tudo o que me passou de emoções fora apenas sonhos inacabados.

O dia passa igual a tantos outros, volto a tentar sonhar quando faço a viagem inversa, mas os problemas de trabalho colocam uma barreira não me permitindo dar a esse luxo.

Quando chego a casa, os meus livros são a minha maior tentação. Nesse aspecto sou uma privilegiada, escolho os meus dias, as minhas horas e segundos dedicados só a mim. Sou egoísta por natureza só para ter momentos meus, é o meu maior defeito.

Opto muitas vezes por me dedicar também à jardinagem, gosto de cuidar das minhas plantas, de ouvi-las brilharem e sentir de uma forma delicada o cheiro que libertam em conjunto com a terra molhada.

A noite chega e com ela a minha tentação acaba por a acompanhar, os livros, a escrita, o papel e a caneta, tudo o que me desanuvia de um dia actualmente cansativo e obrigatoriamente exausto.

Mas não resisto, não resisto a ler, não resisto a escrever nem que sejam apenas duas linhas, não resisto, não quero resistir, sinto fazer parte de mim esta minha vontade louca de me entregar de corpo e alma, nua e piamente à minha tentação de amar de forma incontrolável e devoradora, a sede que tenho de ler e de escrever.

Senti um aperto, senti uma mão forte, senti que era um homem apaixonante.

Estavam nuas as minhas costas cobertas de um longo vestido que me colocava desprotegida a zona mais lasciva para uma mão masculina me tocar com a garra de uma sensualidade inesquecível.

Era única a sensação, era quente o calor humano.

Era o arrasar de uma intimidade sem igual.

As nossas pernas entrelaçavam-se ao som que ficava esquecido pelos passos que se tocavam sem se atropelarem.

As nossas faces eram opostas, os lábios não se atreviam a revelar-se, apenas a escassos milímetros nascia o desejo do contacto.

O meu corpo rejubilava sensualidade, implorava prazer e emoção.

Traíçoeiramente provocava pudor e a sua cumplicidade em amar tal desejo acusava sem hesitar o rigor com que me agarrava e apertava contra si.

Era um aperto sem perdão, eu queria e gostava, eu permitia e desejava.
Empurrando-o por vezes para longe, as nossas mãos nunca se deixavam.

Mas logo, logo os corpos pediam o toque, a sensualidade e a cumplicidade de um prazer sem igual.

Repetidamente e consoante o som, o olhar cruzava-se.

Eram olhares de desejo, de paixão limitada pela música que nos impedia de avançar.
Mais uma vez nascia entre nós um aperto, um toque simples mas sensual, com garra mas sem trilhar.

Nasciam rasgos de força, as mãos hirtas, o corpo sem vontade própria era ditado pela melodia.

Os pés rompiam caminhos sem hesitar, sem nunca cair com vontade adequada de existir sempre um braço que me amparava.

Agarrava-me às suas pernas, deitada num chão frio que o meu corpo aquecia, deleitava-me num desassossego sem par.

O meu cabelo preso soltava-se com a energia que depositávamos entre nós.

Fui puxada para cima com a força e a paixão, com a garra e o delírio de um homem sem medos que tudo tornava alcançável pela simplicidade dos actos ocorridos de forma bailada.

Queria repetir vezes sem conta os momentos dourados de uma dança sem igual.

Queria sentir, queria vibrar, queria renascer, queria provocar, queria...apenas queria e desejava que me desejasse tal qual os meus desejos se declaravam visivelmente o que tanto pretendíamos repetidamente sentir.

Louca Sensatez

Não há prazer semelhante a este, não há dança comparável a esta, não há sentimento tão revelador de uma sensualidade provocada de forma categoricamente metódica e eficaz, rigorosa e drástica como os próprios corpos se envolvem numa cumplicidade treinada de forma proveitosa.

Não há palavras, não são meros gestos corporais, não são eleitos pares vulgares, não são consumados efeitos musicais.

São escolhas cúmplices, são sinais de semelhança pelo gosto de amar a vontade de dançar. São prazeres sem orgasmo, são toques sem contacto, são corpos cruzados sem atropelos, são pernas sublimes sem pudor.

Esquece-se tudo, esquece-se onde estamos, esquece-se como o fazemos, esquece-se quando actuamos.

Apenas importa ser o fogo da paixão, apenas importa excitar a plateia, apenas importa vibrar o chão.

São doces desejos de voltar a dançar como quem dança nua sem corpo e alma, mas com a garra de uma fera que quer ser a presa do predador masculino e, igualmente aprisionar o papel de predadora como quem aprisiona a música de um instrumento.

Cheiro o perfume que liberta, encosto a minha mão com carinho apenas para sentir o aroma. A leveza do toque é quase propositada com receio de machucar.

A incerteza de quebrar algo que voltará a nascer é a minha inquietação.
Mas não deixo de tocar, de sentir e cheirar.
Sei ser meiga quando quero, sei ser agreste quando posso.

As minhas mãos enterram-se, junto a elas coloco-me de cócoras e lá fico... metida comigo mesma. Com muito sol e muito calor, molho-me e deleito-me na terra que molhei.

É intencional a minha postura, alivia-me as dores nas costas, deito-me se for preciso na terra já ensopada, sento-me na relva um pouco mais à frente e deleito-me apenas a olhar, apenas a sentir e perdidamente fico.

A única constante é a minha mudança de postura, pareço uma paciente impaciente por sair.
É um canto bravio, também pode ser selvagem ou até elegante.

Mas de todos o que gosto mesmo é o selvagem, torna-se uma assimetria que me retira a mania do certo. O exacto, o certinho, o paralelismo, tudo deixa de fazer sentido no meu refúgio. Aqui apenas se cria, se compõe, se transforma, tudo pode mudar, nada pode ser coerente.

São apenas flores que libertam um cheiro a terra molhada no auge da primavera, apesar de as esgotar no verão. Enterro as minhas mãos já molhadas na terra húmida, esburaco sem pá, apenas os meus dedos são a ferramenta do meu jardim. Um jardim agreste cheio de plantas selvagens com a dissemelhança das flores que até podem ser distintas, contudo a sua destreza amotina-se no meio de um pequeno jardim a que chamo de refúgio.

Um refúgio bravio que por gosto o crio, acarinho-o e alimento-o com o meu próprio respirar, o meu próprio andar e o meu próprio olhar.

O tempo faz-me perder as horas, o tempo esquece-se de mim, pois faço questão de esquecer o próprio tempo. A distância é a minha melhor aliada, quero-te bem afastado tempo que me procuras, que me consumes naquilo que não quero, mas deves temer-me, pois não me atormentas.

Quero apenas o tempo para meditar deitada na minha rede acompanhada de um livro. O aroma que liberta o meu canto, trata-me com o carinho, protege-me com a intenção com que foi criado, com o propósito como foi plantado.

Plantado de cócoras, deitada, de joelhos e até de pé, não importa como, apenas interessa que com carinho foram cultivadas, regadas e embaladas as flores de um jardim como quem embala uma criança sem fim.

O meu jardim agora composto com flores silvestres, o meu canto selvático em que apenas as elites são a minha companhia fazem-me perder a noção do tempo que quero desprezar.

Aqui tenciono permanecer, deitada na rede acompanhada de um livro, de papel e caneta, contemplando um jardim selvagem criado por mim e baptizado com o nome de refúgio.

Louca Sensatez

Não sei quem habita do outro lado.

Não sei se é homem ou mulher, se é alto ou baixo, magro ou forte, simplesmente não sei.

Sei apenas que habita pelo menos uma pessoa, mas não consigo ver-lhe a face, não vislumbro nem sequer um esboço do seu corpo, estou completamente às escuras.

A escuridão é imensa, é brutal. Mas tenho plena consciência do mistério e do oculto em que me atravesso, mesmo não sabendo quem habita do outro lado, mesmo não sabendo o que me espera, atrevo-me a atravessar uma rua perigosa, cheia de trânsito, cheia de obstáculos e mesmo assim quero conhecer o mistério que naquela mansão reside.

Batem-me à porta enquanto à janela espreitava, fui abrir. Era um menino, um doce e meigo menino que me entregou um papel e de seguida fugiu sem uma palavra e sem tempo de me pronunciar.

Curiosa, desdobrei o papel, era de um requinte sem igual, era um convite. Um misterioso convite porque tanto ansiava e nem sabia. Aceitei com reservas como faço sempre com quem me convida e desconheço.

Atrevo-me a lá ir...fui convidada a entrar, entrei sem pedir licença e apenas agradeci o seu convite. Contudo o mistério persiste, a escuridão é imensa, continuo sem vislumbrar a sua cara, o seu rosto, o seu corpo, continuo sem saber o seu sexo.

Faz-me um sinal para me sentar, sento-me. Uma ténue luz se acende, apenas consigo olhar imagens...imagens de um verde esplendoroso, com um místico de urbano. São apenas imagens sem som, sem voz ou sem presença humana, são simplesmente imagens inabitáveis de viagens feitas algures num tempo.

Nelas são debitadas informações, não sei a veracidade das mesmas, mas a curiosidade que em mim sempre foi uma constante, insiste para que eu permaneça intacta, sentada e sem ver nada excepto a luz que transmitem as imagens.

Dialogamos de forma formal, por um diálogo apenas escrito, pois a voz não a senti, muito menos o seu respirar, por isso a escuridão persiste.

A inteligência rara que me oferece é algo atípico nos tempos que correm.
A franqueza que me cede é frontal que muito aprecio.
A sensibilidade que me dedica é emocionante.

Fico perplexa, penso...é um homem sábio, poderoso, forte e com garra, tem coragem e determinação. Sabe cativar, sabe envolver, sabe ser e estar no momento certo e na hora exacta.

Tomei de ânimo leve ser homem, pois as palavras não pronunciadas mereciam que assim fosse, eu queria que assim fosse. As frases enfeitadas ditavam-me regras que obedecia sem hesitar.

Um novo sinal...começámos a jantar, num silêncio profundo que me aquecia a alma, senti-me despida pelo seu olhar que não via. Despi-o igualmente enquanto a comida saboreava.

Louca Sensatez

Estava quente, o clima era intenso, era um mistério envolto em sensualidade com a cumplicidade e a premissa de ambos.

Pensei...é romântico, para além de misterioso é romântico, é a raridade com que sonhei, é a fantasia que quis naquele instante abraçar sem receios, enrolar-me sem rodeios, sem pudor e, com feitiços me deslumbrava a cada minuto que passava, a ansiedade tomava conta do meu corpo, vibrava a cada movimento, estremecia a cada momento.

Oiço música, uma música suave, igualmente mística pelo seu som apaixonante, pelas palavras proferidas propositadamente escolhidas a dedo nas músicas tocadas. Parece que foram feitas para mim, para nós, para o momento, para a ocasião. As músicas inspiravam-me, queria dançar e o convite foi feito como se o meu pensamento tivesse sido lido, como se soubesse cada milímetro de um jogo aprazível de jogar, como se de um mestre se tratasse pela harmonia e à-vontade que me presenteava constantemente. Era um sedutor nato que me enlouquecia com devaneios sem nome.

Uma química atravessou-me a alma e naquele momento senti-o. Estremeci ao senti-lo. Fiquei assustada, mas não apavorada. Apenas assustada pelo desconhecido, pelo mistério, mas estava a saber-me bem, estar enfeitiçada.

Encantou-me com os seus lábios, os seus braços me envolveram, agarrou-me e puxou-me para si. Meigo...era meigo, senti as suas mãos fortes percorrerem-me o corpo, com uma mão tocava-me as costas, deslizava-a pelo corpo abaixo, agarrando-me a anca com firmeza. A outra permanecia no meu pescoço, entrelaçava-a no meu ondulado cabelo preto e comprido.

Estava a ficar com calor, queria despir-me mas não conseguia, apenas sentia desejo e não queria. Querer queria, mas não devia. Trocámos olhares ausentes, perdidos de desejo estávamos, a paixão aumentava e a vontade de nos conhecermos era o grande desafio. Havia uma vitrina que nos separava, mas era uma separação momentânea. Todos os cinco sentidos estavam apurados e não era a vitrina que os impedia de se exporem da forma mais natural de se expor o que se quer consumir por inteiro sem deixar réstia, sem deixar rasto, sem deixar vestígios, por tudo ser consumido com um prazer insaciável e com a sabedoria de saber prolongar o que é apetecível no momento.

Senti-lhe a língua, penetrou-me de forma brusca mas meiga nos meus lábios, a minha boca recebeu-a e retribuiu, beijámo-nos sofregamente, a respiração era cortante, nesta altura já estava completamente rasgada de desejos não interrompidos, estava doida, louca de prazer que me saciou a sede com a vontade de sugar-me por um todo, matou-me a fome de comer sem comida, apenas saboreei essa ternura de homem de forma violenta com requintes suaves de delicadeza insustentável.

Arrepio-me, estremeço ao sentir os seus dedos a penetrarem-me, sinto-lhe o desejo crescer, sinto-lhe o gosto de me sentir, de me possuir, de me tomar sua por direito naquele momento, de me penetrar sem tréguas, sem tabus e sem regras. Sem pedir licença violo-me de forma encantadora, de forma sublime até me fazer gemer, até me fazer chegar ao auge, ao cume e ao sublime que as palavras não conseguem descrever.

A nossa cumplicidade é simplesmente incontornável, o nosso desejo é ingovernável, queria senti-lo mais e cada vez mais, o nó no meu estômago era constante, o fluído dos nossos corpos presenteavam-nos de vez em vez fazendo de nós os mais belos encantos de paixões vividas, de paixões sentidas, de paixões imutáveis...tínhamos que parar, tínhamos que nos refrescar, estava tudo muito quente, muito calor, muita sedução, muita emoção, sem ponta de equilíbrio, sem palavra com nexos, tudo se fazia sem manual de kamasutra, tudo se

sentia sem haver o “by the book”, apenas sentia-se. Sentia-o de forma tão próxima, tão cúmplice, tão loucamente carinhoso...era charme vindo da vida, era prazer vindo da química, era cavalheirismo vindo de base, era inteligência vindo dele, desse homem que me fez passar momentos de loucura, momentos de prazer sem tréguas, momentos de paixão sem presença, sentimentos sem toque...era ele, era apenas um homem que virtualmente me fez renascer, me fez ver que viva me encontrava, que a chama me percorre o corpo em cada segundo da minha vida, que a paixão do meu ser me constrói a alma do meu Eu.

Sou eu...simplesmente eu que adoro fugir à monotonia, que agarro com talento tudo o que me contagia.

Sou eu, mulher apaixonante que se apaixona facilmente, mas indubitavelmente se desmistifica o que outrora acreditava poder ser um prazer sem igual numa paixão sem semelhança. O que em tempos vivi e queria reviver, por ter experimentado e ter gostado, por ter conhecido e ter amado, por ter simplesmente sentido um prazer, uma euforia, um grito de paixão sem pudor, sem vergonha, com a garra de que nada importa e que somente os sentimentos que nos fluem na alma, nos fazem igualmente ecoar com todos os cinco sentidos e mais alguns. A chama, o fogo, a brasa, o ardor que me fazia arder e me fazia queimar esse sentimento gritante por quem eu chamava de paixão revigorante.

Sou eu, apenas uma mulher em idade perigosa, em idade de loucura, em idade de atravessar fronteiras sem limites.

Sou eu, a arte de seduzir, o encanto de ser encantada.

Sou eu, que simplesmente acordei de uma paixão virtual que vivi de forma intensa sem toque, sem palavras, sem cheiro e sem odor, simplesmente vivia-a e senti-a sem ver e sem ouvir o que outrora queria ser.

Queria ser essa mulher que sonhei.
Queria saborear esse fogo da paixão.
Queria sentir o ardor da loucura.
Queria romper barreiras sem limites.
Queria ser a desenvoltura daquele momento.
Queria ousar o pecado sem perdão.

Apenas e só porque queria saber se estava viva e, quando acordei vi que me encontrava viva e que senti tudo em cada minuto, em cada segundo daquele sonho, a que chamo sonho virtual.

Foi a maior paixão virtual vivida, sem quebrar regras sem leis, sem trocarmos beijos sem lábios, sem sentir o que sentimos, sem querer acordar acordada.
E comedida escrevo um lindo sonho que vivi acordada, mas adormeci-o da pior maneira quando descobri que afinal o virtual é traiçoeiro, é inimaginável e inigualável quando se pretende atingir o inatingível.

De tudo se faz, mascara-se, enfeita-se, seduz-se, apropria-se, encantamo-nos de forma magnífica de modo a podermos sonhar o que tanto queríamos sentir, o que de mais queríamos viver, o que sempre sabemos ter quando um dedo se estala, mas não ousamos permitirmo-nos ao engano a que só nós estamos sujeitos, afinal é apenas virtual.

Estava nas minhas rotinas diárias, quando chego e vejo as escadas de madeira.

Eram umas escadas de outros tempos, de tábuas largas e maciças com essência a cera banhada, com aroma a antigo, um odor próprio de épocas esquecidas. O elevador igualmente idoso e de portas corridas em grades, fazia-me sonhar no tempo em que nele brincava e espreitava por entre o gradeamento os pisos que percorria, subindo e descendo dentro dele. Carregava nos botões salientes a preto, vislumbrava de patamar em patamar, de porta em porta, o soalho de madeira feito de ripas envelhecidas. Tinha um particular gosto em abrir e fechar aquele gradeamento, só para ouvir o chiar das portas a necessitarem de óleo para afrouxarem e, correr de forma serena as mesmas.

Faço questão de subir as escadas e sentir o seu aroma. Percorrer a minha infância que sonhei ter e me faltou.

No primeiro degrau sinto uma alegria e desejo de estar já no segundo. Ao terceiro degrau sinto um profundo cansaço que quase me derruba pelas escadas abaixo. Resolvo sentar-me e agarrar-me aos livros, aconchego-os para mim e baixo a cabeça para me proteger de algo que não sabia muito bem o quê. Quando recuperei o equilíbrio, o meu pé atravessou-se para o quarto degrau, agarrei-me ao corrimão também ele de madeira e espreitei para cima. Adorei a vista, as grades abertas do elevador permitiam-me ver o que hoje fica oculto pelo design e segurança que a evolução lembrou. Fico novamente contagiada para chegar ao último degrau e começo a subir o quinto e o sexto, o sétimo e o oitavo e quando chego ao nono, vejo aberta uma porta, parecia inabitada aquela casa de porta aberta.

Entrei sem receio, pois o reflexo do espelho chamou por mim.

Tinha um espelho de parede a parede de alto a baixo, cobrindo por completo toda uma fachada.

Não estava sozinho esse espelho, tinha a companhia de um corrimão que o seguia na sua extensão por um todo.

Ao fundo, do lado direito está um banco de madeira corrido, por cima um aparelho de CDs. Tinha tal-qualmente vários Cds espalhados com músicas próprias de danças impróprias no Ocidente. Estava também uma mala com roupas várias, de tons carregados, de adornos orientais que tilintavam sem pedir licença, que acompanhavam ritmos sem ousar.

Olhei para todos os lados e continuava sem ver ninguém, sem ouvir viva alma, o barulho era ensurdecido pela sua inexistência.

Atrevi-me a tocar no que não era meu, senti pelos meus dedos o toque da seda pura da roupa que ali se encontrava. Escolhi uma de tons vermelhos com adereços dourados. O meu fetiche estava a iniciar-se, a minha loucura estava a saciar-se e sem me desassossegar deixei-a por momentos que ela ocupasse o seu lugar.

Fui-me despindo, tirei o blaser do taier que vestia, os meus fatos normais e formais de trabalho.

Tirei o soutien e coloquei de forma delicada o top carregado de vermelho sangue boi. Deixei fluir pelas minhas pernas a saia já desabotoada e vesti uma outra saia, completamente dourada com ornamentos musicais em cor igual de vermelho sangue boi.

O contraste do superior e do inferior. Fiquei descalça com os pés sobre aquele fabuloso chão de madeira com cheiro a cera molhada.

Olhei-me ao espelho, e meti-me comigo mesma, fazendo poses, caras simpáticas e ousadas, mas também enfrentando o meu corpo que já não é jovem mas que as roupas escondem o que a vida apaga.

Sentei-me sem pedir licença no banco corrido de madeira, mexi e remexi nos cds, coloquei um que me pareceu ser sensual.

A música tomou conta do meu corpo. Os meus pés levantaram-se delicadamente e em frente ao espelho ali permaneceram. Apenas a minha anca mexia. Era um desalinhar de corpo sem igual, as ancas para um lado, o peito para outro, o umbigo estremecia como se de um frenesi se tratasse.

A melodia mexeu comigo, as minhas mãos taparam-me parte da cara, deixando apenas liberto os olhos que me permitiam ver por momentos uma narcisista assumida. Sabia estar sozinha, por isso não me interessei com passos mal dados, com posturas menos próprias e com conceitos vestidos de preconceitos.

Comecei a libertar-me, a soltar-me ao som de uma música que mexia comigo.

O meu corpo estremecia, todo ele era ritmo, todo ele era vibração, ancas, busto ou peito, braços, mãos, dedos, umbigo, barriga, costas, tudo, mas tudo o que nos possa libertar a mente era uma oscilação de domínio, era uma musicalidade de poder.

Banhava-me de sedução que estas músicas requeriam, era o único poder que podia domiciliar numa odalisca.

Por isso não duvidei em provocar sem honras e sem plateia.

Não oscilei em dançar sem termo.

Não hesitei em rodopiar ao som dos adornos e da música.

Não vacilei em abandonar o corpo e soltar-me em ritmos frenéticos.

Desloquei cada centímetro, cada milímetro do meu corpo para posições opostas.

Exaltava paixão, seduzia com alma, rodava sem rodeios, mexia-me em giros.

Incontrolavelmente me proporcionava a ser uma odalisca com ousadia, com audácia de saber ser o centro das atenções sem plateia para aplaudir.

O gozo que me dava, o prazer que tinha, o júbilo que me transmitia era irrefreável. Toda eu era música, toda eu era nua de preconceitos, toda eu era EU como sou, com gosto de seduzir, com prazer de enlouquecer, com vontade de gritar sem som, com poder de dominar.

É a dança da sedução, é a dança do prazer, é a dança do deleite, é a dança da volúpia, é a dança que danço com agrado, com vontade própria de me deixar levar pelo ritmo e ser um corpo sem alma, que apenas se agita, que apenas se movimenta, que apenas vibra e treme ao som da Dança do Ventre.

Louca Sensatez

NESTE MOMENTO

E quando um dia passa e não te sinto
E quando um dia passa e não te vejo
E quando um dia passa e não te oiço

Apenas experimento uma ausência
Apenas reflicto um olhar
Apenas uma vaga ausculto

Mas somente a ausência do soffro
Mas somente a reflexão do enxergo
Mas somente a torrente do sondo

Me permitem sentir, ver e ouvir

O que sempre quis num passado
O que sempre pretendo no presente
O que sempre ambiciono num futuro

São sentidos, sentimentos e ilusões
Reflexões também, mas eternamente
Vividas com os cinco sentidos

Fico encantada quando me sentes
Fico extasiada quando me olhas
Fico deslumbrada quando me ouves

E sei que agora me sentes
E sei que agora me lês
E sei que agora me ouves

Delicio-me por saber que me queres bem
Consolo-me por saber que me abraças
E apenas num momento, neste momento, preciso momento

Sei que sou tua e tu és meu.

Atirei a mala para o banco do pendura, sentei-me no carro, baixei a pala e vi-me bem de perto ao espelho. A porta do carro ainda estava aberta, carreguei no botão de arranque, fechei a porta e ali fiquei.

Tinha o CD da Gianna a tocar e aumentei o volume da música. Peguei na mala e tirei os meus óculos de sol. Baixei o travão de mão, coloquei a marcha atrás e ouvi os sinais sonoros da indicação de marcha atrás, comecei a minha viagem.

O som da música absorveu-me por completo, oiço a chuva lá fora.

Já estava na auto-estrada e as nuvens carregaram-se de negro, a chuva caiu forte e feio como se de uma tempestade se tratasse.

Sinto uma gota escorrer-me pela cara, sinto-a chegar-me aos lábios, estava salgada.

Outra gota, e mais outra, paro o carro em plena auto-estrada, saio, deixo a porta aberta e o som da música abafa o som da chuva.

Estava já ensopada, molhada por um todo, a minha roupa colada ao corpo denunciava-me frágil e delgada.

Senti arrepios, senti mais uma gota e mais outra, eram pingos da chuva combinados com lágrimas.

Abri os braços e comecei a rodopiar, dei voltas completas, dei meias voltas, chorava compulsivamente e nada nem ninguém se apercebeu se eram lágrimas ou simplesmente chuva.

Havia carros a abrandarem, outros pararam igualmente em plena auto-estrada, uns chocavam com outros devido à pouca visibilidade, sabia estar a provocar uma tragédia, sabia estar a ser alvo de atenção, sabia ser a plateia, o palco e a acção. Uns saíam do carro e aplaudiam, outros saíam e gritavam louca, outros simplesmente não saíam, o trânsito ficou infernal, parou por completo, a fila tinha já alguns metros para não dizer quilómetros.

Eu ali continuava a dançar, a rodopiar ao som da voz rouca de Gianna, de corpo denunciado pela roupa molhada devido à chuva que teimava em não abrandar e, acompanhava a música como se de uma banda fizesse parte. Estava louca, louca de nostalgia, louca de frio, de medos e receios. Era a minha tristeza, era o meu refúgio, era a minha solidão, um vazio sem igual que naquela condição estava e apreciei-a em cada segundo, em cada minuto desse insólito estado nostálgico em plena auto-estrada.

A música continuava e eu abrandei depois de compulsivamente ter chorado. A chuva acompanhou-me sempre, agora também num aparato menos agitado. Acalmeei-me e parei de rodopiar, baixei os braços e pensei. Este pequeno momento de loucura foi o melhor que senti em toda a minha vida, estou como nova, soube-me bem e fiquei outra.

Entrei para o carro, mas sem antes despir-me apesar do frio que me percorria o corpo. Estava completamente encharcada de dor, molhada de lágrimas e ensopada de chuva.

Louca Sensatez

Comecei a conduzir, conduzia agora num estado bem mais calmo, estava nua no corpo e despida na alma. Os carros que podiam, arrancaram, aqueles que se atropelaram ali ficaram para resolverem as suas ocorrências de percurso e eu...eu já estava curada, resolvi o meu incidente de viagem com lágrimas de chuva provocando acidentes de loucura numa qualquer auto-estrada de Portugal.

Desci as escadas de pedra, parei a meio e vislumbrei o que de melhor a vista alcança. Deslumbrei-me à primeira sem pestanejar, sem levantar a cabeça e apenas protegida pelas abas do meu chapéu.

Caminhando bem devagar a saborear a maresia que me refrescava a pele, aproximei-me das rochas.

Queria pisar a areia molhada e fazer o caminho mais difícil era o meu maior conforto, pois assim demoraria o tempo que necessário fosse e tornar-me-ia parte integrante de uma paisagem que só mesmo a natureza opera de modo sem igual.

Quando senti a areia molhada nos meus pés, caminhei em direção à água, estava fria, mas aquecia-me a alma. A caminhada à beira mar já ia longa, caminhei, andei e perdida nos meus pensamentos me afoguei.

Sentei-me à beira mar, tirei o vestido que trazia, era um vestido comprido e transparente de azul-turquesa, deixava transparecer o meu biquíni branco ornamentado de conchas bravias. Deixei-me estar com o chapéu de palha igualmente azul-turquesa com uma fita de seda branca envolta do mesmo.

Respirei fundo, absorvi uma sensação de calma, delíciei-me com a paz interior que me evocava, me chamava de forma sensível e meiga para junto dela.

Deitei-me sem toalha, senti a areia e a água invadirem-me o corpo. Ali permaneci molhada pela água salgada que até mim chegava. Tirei a parte superior do biquíni e mantive-me deitada à beira mar com o chapéu a tapar-me a cara e o corpo descoberto aquecido pelo sol. De vez em vez, sentia a água percorrer-me o corpo, estremecia cada vez que a mim chegava, pois estava com o corpo a esquentar e ela refrescava-me também a alma.

Os meus longos cabelos pretos e encaracolados estavam já selvagens, cobertos de sal, maresia, areia e água. Estavam soltos e molhados, também eles me refrescavam, chegavam-me ao peito e cobriam o que o biquíni colocou a descoberto.

A sensação de liberdade e calma conquistavam-me cada vez mais. Continuei a gozar cada momento, cada sensação, cada detalhe que a natureza me oferecia. Ela própria saboreava-me ao invadir-me. Tornámo-nos cúmplices, o efeito selvagem no seu estado mais puro adormeceu-me a alma e enalteceu-me o corpo.

A maré subiu e ali mantive-me, não queria sair daquele estado de paz interior esquecida pelo mundo, queria esquecer-me também eu dele.

O que em poucas horas cobria-me apenas parte do meu corpo, cobria-me agora por um todo. O meu chapéu foi chamado pelo vento, a parte de cima do biquíni quis o mar convocá-lo, assim como o meu vestido comprido de azul-turquesa, e apenas eu ainda permanecia intacta agora sem chapéu que me protegeu a cara de um sol que fugiu. Os meus cabelos debatiam-se nas ondas e eu deixei-os debaterem-se sozinhos.

A serenidade, o sossego das ondas, o barulho da maresia chamavam-me para pertencer a um mundo no seu estado mais puro, a natureza.

Louca Sensatez

Ali quis ficar, ali pretendi permanecer e ali me aconcheguei já sem frio, nada sentia, apenas a natureza me protegia de forma sensual e carinhosa, brindou-me genuinamente oferecendo-me o seu fogo para da paisagem fazer parte.

Estava sentada à borda do barco, coloquei a mão na água para sentir o quente mar que sempre me aqueceu a alma. Saí, queria igualmente sentir a água nos pés, queria rebolar-me e fazer-me cair pelo mar adentro, banhar-me e sentir o quente que é a natureza no seu estado mais puro ainda virgem.

Passeio sozinha pela praia de areia branca, fina e transparente, translúcida e igualmente quente pelo sol que aquecia sem deixar rasgar o descanso das manhãs frescas.

Ouvi chorar, um choro miudinho, um choro longínquo. O murmúrio das ondas calavam-se enquanto atenta estava na perseguição desse pranto. Segui-o, persegui-o e aventurei-me pela densa floresta adentro. Sem nada temer, percorri a imensidão de uma mata sem igual, virgem, ainda por desbravar que na praia povoava.

Os meus pés molhados e agora secos estavam calejados de andar, a dor não era sentida, pois sempre gostei de descalça andar.

Vislumbrei ao longe um vulto, não consegui perceber como era. Comecei a dar passos longos até ao local chegar. Agora bem perto conseguia ouvir o choro, um choro de fome, um choro de ausência total de uma protecção materna, um choro de uma criança de tenra idade que chorava por não saber o que era comer.

Peguei de imediato na criança. Era uma menina de cabelos bem pretos e crespos, olhos negros e dentes brancos cor de neve.

Peguei num largo e longo lenço que comigo estava e atei a Maria, assim lhe chamei, à minha cintura. Tentei protegê-la como sabia.

Trepei rapidamente um coqueiro, como se uma macaca fosse e com todas as minhas forças abanei o coco para cair. Caiu e desci, com pedras bati com tanta força no coco que este partiu-se em vários pedaços. De imediato peguei no sumo e dei-o à Maria, mastiguei bocados de coco para ficarem macios, tirei da minha boca e voltei a dar à Maria. Parecia estar a acalmar-se.

Olho para todos os lados e não vejo ninguém, mas sinto-me vigiada, alguém me observa e sinto-o. Pergunto num tom forte e seguro quem ali estava, ao qual obtive uma resposta com o aparecimento de uma mulher. Uma mulher igualmente de cabelo preto e crespo, vestida de roupa rasgada, visivelmente esfomeada e perdidamente desamparada.

Pegou-me na mão e na mão da Maria. Juntou-nos as mãos e agarrou-as como que me pedisse para dela cuidar, o olhar transmitia-me desespero.

Era a mãe de Maria que por amar demais quem unicamente tinha, preferia estar na ausência dela. Viver com a Maria era sinónimo de sofrer. Sofrer de fome e sede, sofrer de dor e angústia, sofrer por ver a Maria sofrer e nada poder fazer, sofrer no meio de uma virgindade linda pela sua natureza, mas tão estéril pela sua pobreza.

Fiquei atónica, assustada por tão responsabilidade a vida me oferecer, mas igualmente triste e feliz, o turbilhão de sentimentos nunca antes experimentados uniram-se e ramificaram-se no meu ser. Estava confusa, não sabia o que fazer, não sabia como agir.

Louca Sensatez

Decididamente, peguei na Maria e na mão da mãe de Maria. Com os olhos fiz sinal que me seguisse. Seguiu-me e regressámos ao barco que na praia de areia branca, translúcida e transparente estava. Voltei a tocar o mar com as mãos, queria sentir a serenidade que aquela água intacta me despertava. Senti-a, refresquei-me com conchas de mãos cheinhas de água.

Para não haver diferenças materiais, rasguei-me toda, rasguei a roupa que no corpo trazia, despenteei-me para ficar com juba, molhei os lábios e deixei ficar pedaços de coco na boca, assim estava eu, queria ficar igual à Maria, queria sentir a mãe de Maria.

Decisivamente raptei mãe e filha, levei-as comigo para onde a abundância em comida seria uma constante, a fartura do aconchego seria imutável, contudo e depois de meses passados, a recuperação de corpos vazios era visível, mas a tristeza continuava a habitar nos seus olhares.

Afinal, a inocência e a ausência de sabedoria não era mais do que a felicidade estampada naquela virgem terra que apenas pecava por não ter coragem de saber alimentar quem por lá habitava.

Indubitavelmente regressámos à terra que me fez chorar pelo choro que ouvi. Fiz questão de protegê-las. Ensinei-as a caçar, a trepar, a pescar, ajudei-as a construir abrigos de chuvas tropicais, deste modo souberam aos poucos viver e não apenas sobreviver.

Viviam inocentes, mas felizes.

Viviam pobres de materialismo, mas ricas em sentimentos.

Viviam e não sobreviviam, aprenderam a viver para que dessa inocência, crescesse apenas a pureza do saber viver na virgindade.

SOU TUA, DESFRUTA-ME

Numa rotunda qualquer existem belas pedras ornamentadas pela natureza, durante a noite atraíçoa-te e vai buscar uma para mim.

Num campo denso escuro e longínquo, existem flores com temperamentos silvestres, presenteia-me um ramo com cheiro a papoilas e uivos de lobos.

Numa praia deserta de gente e acompanhada de areia cúmplice do mar, leva-me e possui-me como a terra desfruta do oceano.

Numas quaisquer escadas de via pública liberta-te e pega-me ao colo, rodopia-me e faz-me feliz.

No meio da multidão faz parar o trânsito e diz que sou tua e tu és meu.

São pequenas e infinitamente diminutas, mas tão simples de fazer.
Não requer dinheiro, não exige riqueza, não pede abundância.
Nas mais pobres famílias até esta simplicidade rica em sentimentos pode coabitar.
Basta sentir, experimentar e gozar.

Sou mulher de emoções fortes, excêntrica e egocêntrica, a extravagância e a personalização enfeitam-me a alma, seduzem-me o corpo e fertilizam-me a mente.

Quero sentir, vibrar e gozar. Estou viva goza-me e desfruta-me, usa-me e abusa.
Quero emoções fortes permanentemente em toda a minha vida. Aproveita-as e usufrui-as.

Eu deixo, eu quero, eu permito. Só tens que ser tu e dizer-me baixinho e bem alto o quanto me amas com toda a minha excentricidade, autenticidade e cumplicidade com o meu ego, a minha vaidade e a minha postura em não saber me envergonhar diante de plateias recheadas de cobertura irónica que, apenas querem igualmente sentir, viver, vibrar e gozar o que eu assumidamente te suplico, te peço e te imploro que o faças sem pudor de te mendigar.

Vamos ser nós próprios como em tempos de paixões fortes vivemos e brincámos.
Vamos ser cúmplices na vida e na morte, quebrar barreiras e monotonias.
Vamos apenas ser o que sempre fomos e deixámos de o ser por a vida ditar que bom senso deve-se ter.

Eu não quero ter esse juízo.
Eu não quero ter essa sensatez.
Eu não quero ter esse discernimento.

Eu apenas quero loucura.
Eu apenas quero paixão.
Eu apenas quero extravasar.

Transborda-me de surpresas surrealistas e vamos ser um só, diferentes e únicos...

Vi traços amarelos, estrada negra, visão escura, estava de noite.

Carreguei forte e feio no acelerador, ultrapassei sem destino carros com um propósito. Eu sem direcção estava e pus prego a fundo. Cerrei os pulsos, bati com força no volante, desafiei o destino, e estimulei a morte. Cheguei à auto-estrada e já estava a 240 km/h, o gozo em enfrentar o perigo era demasiado forte para parar, queria adrenalina, gritar, esbarrar, estava possessa, louca de raiva, queria bater em tudo e em todos.

Aumentei o volume da música, estava sofridamente alta, assim a quis de maneira a poder acompanhá-la e não me conseguir ouvir. Gostava de sentir os agudos e gritei em agudo de maneira a quebrar os vidros e ninguém me ouvir.

Tinha um furacão dentro de mim, gritei tanto, mas tanto, que de repente deu-me outro desatino. Queria fazer uma travagem brusca mesmo a 240 km/h. Fiz e sabia que ia sentir o peso do perigo sem colocar em perigo ninguém e apenas eu. Foi um gozo sem igual, ri alto, gargalhei, gritei e mesmo assim nunca me consegui ouvir, pois a música estava forte, rasgava-me os tímpanos e vibrava completamente o carro que parecia querer sair das minhas mãos.

Parei numa vila sem nome e saí do carro, bati a porta com uma força tal que quase acordei a pouca população que habitava nessa vila. Descalcei-me e corri, corri e corri, corri tanto que a dor que sentia nos pés não me magoava mais, era tão boa a dor que sentia ao correr que me aliviou a tensão que senti durante todo o percurso que fiz.

Mas o furacão, esse ainda cá estava. Subi para cima do carro e coloquei-me de braços abertos, estavam fortemente esticados como se algo eu quisesse alcançar mas não podia.

Baixei-os e ancorei-me, coloquei as minhas mãos entre as minhas pernas e apertei-me, segurei-me forte e marquei-me com as próprias mãos. Coloquei-me de barriga para baixo para chegar dentro do carro, voltei a colocar a música bem alta e voltei a gritar. Eu não cantava, eu gritava, estupidamente parva estava e até me ria de ver o que todos diziam e pensavam que louca eu estava.

Haaaaaaaaa, é tão bom ser-se louca, eu gosto de fazer loucuras de dominar perigos, desafiar destinos, romper barreiras e quebrar regras. Gosto de ter furacões dentro de mim, gosto de ver ciclones agitarem-se sem fim, de sentir tempestades tropicais, de vibrar com o som das trovoadas, gosto de emoções fortes, gosto de quebrar monotonias e provocar devaneios, gosto de alimentar riscos e faço questão de fomentá-los.

Respirei fundo, bem fundo e resolvi sentir novamente o silêncio. Desliguei a música, saí de cima do carro e entrei para dentro dele. Estava calma, serena, como se nada se tivesse passado. Descarreguei o turbilhão de raiva que habitava em mim por questões que nem eu própria sabia, desfrutei o momento sozinha sem depositar em ninguém a fúria que sentia.

Agora estava tão calma, tão claramente serena que podia regressar e é utópico dizer, mas a contradição abateu-se em mim, pois de 240 km/h passei a 20 km/h em plena auto-estrada, mais um perigo que abordei sem muito me preocupar.

Cheguei a casa, abracei os meus filhos e iniciei a minha actividade de mãe como qualquer outro dia normal da vida de uma mulher.

Ana Mascarenhas

A diferença estava só e unicamente no equilíbrio emocional que necessitei e dele fui buscar, deste modo, a harmonia e a estabilidade permitiu-me de forma serena ser novamente a mulher exemplar, sem a loucura por explorar.

Louca Sensatez

GRITO APAGADO

Sou a força quando dela sentes falta, amparo-te e protejo-te, estou onde me pedes e faço o que me exigis, sou a mulher ou as mulheres, mas sou.

Sou a mãe sempre presente, cuidada e militar em tempos de ensino.
Sou a mãe sempre presente refugiando-me na escrita em tempos de descanso.

Sou a mulher amante que também é mãe no lugar de amante.
Sou a mulher amante que também se apaixona com um simples sorriso.
Sou a mulher amante que suplica amor em tempos de dor.
Sou a mulher amante que vive e quer viver em tempos de solidão.

Tenho o cuidado de nada faltar, tenho o prazer de presentear, tenho a cautela de apenas sorrir...
Quando por dentro me rasgo de dor, me afago em lágrimas ausentes.
Quando me surpreendo com a força interior, me desgasto por ser um pilar.

Sou a mulher que também se fragiliza,
Sou a mulher que também requer cuidados,
Sou a mulher que também chora,
Sou a mulher que também gosta de afago,
Sou a mulher que também gosta de amparo.

Mas de nada me serve...ser a mulher, a mãe, a amante, a amiga, a filha, a confessada.
Mas de nada me serve...ser a dor, o choro, a ausência, o desamparo, a indiferença.

O tempo escasseia e junto dele segue viagem o meu Eu.
Escondo-me na escrita, refugio-me nas lágrimas, amparo-me na solidão.

Tu não me ouves, grito silenciada, fecho-me apagada e apenas me reservo.
Protejo-me de mim e de ti, dos outros e de nós.

Afinal o que sou?
Afinal o que sou, se não a mulher que dá força e demonstra determinação,
Afinal o que sou, se não a mulher que nunca chora em plateias desmedidas,
Afinal o que sou, se não a mulher enérgica e positiva que proveitosamente sugam,
Afinal o que sou, se não a mulher sensual e selvagem que todos querem provar,
Afinal o que sou, se não a mulher exemplar que se mostra segura e todos querem seguir.

Desenganem-se, desiludem-se e desapontem-se...

Sou igual a todas, sou frágil e covarde
Sou imagem falsa que passa o que acha ser real
Sou mulher fatal por tudo me faltar
Sou pessoa humana por provar a injustiça
Sou diferente na indiferença e sou...

Sou indiferença que me cansa, que me consome e me tortura

O UIVO DA LOBA

Floresta densa, escura e tenebrosa. Nada se vislumbra, excepto alguns olhos que observam de forma denunciada. Olhos que brilham na inexistência da luz, olhos que brilham na ausência da cor, na escuridão da noite, uma noite sombria, fria e penetrante, uma noite onde ecoam grunhidos desconhecidos, barulhos ausentes mas atentos ao vento.

O Uivo da Loba, uma predadora que chama para acasalar sem temor e receio dos olhos vidrados e barulhos confusos, sem dúvidas e incertezas no parceiro que vai escolher.

O Uivo da Loba quer acasalar e faz o chamamento, pelo único uivo que só os lobos conhecem, contudo, presa à sua alcateia, quer acasalar com uma presa de agrupado diferente.

Um leão, feroz, rei da floresta, senhor e dono de si mesmo, será ele a presa fácil de uma predadora exigente?

O Uivo da Loba vai acasalar de forma ingrata e quase suicida, o que naturalmente a natureza fecundou.

O Uivo da Loba engana os seus e aprisiona os outros. O leão, rei da floresta agora presa pela predadora, que um dia alienou a sua espécie e egoisticamente fê-lo de forma macabra e sem arrependimento ou pudor.

Originou uma nova espécie animal, um ser sem ser, um ser sem forma, um ser sem habitat. Nasceu um ser que perdido ficou, irreconhecível permaneceu, por nada saber, com nada se identificar e igualmente a nada e a ninguém pertencer.

Era uma espécie única, com Juba de Leão e Uivo de Loba. Habitava nele um pequeno coração, coração solitário pelo desprezo e desdenho que dele faziam, marginalizado pela sua natureza inconfundível e pela sua inglória justiça de ter sido concebido apenas e só por um único capricho.

Vive sozinho num reino sem rei, e uiva para uma alcateia que não tem.

Apenas nele reinou o pequeno coração de humilde paixão por não ter quem o amasse e se amou a ele próprio, mirou-se nas translúcidas águas tantas quantas fossem as vezes que dela necessitasse, apenas para se enganar e dizer que sozinho nunca estaria, pois a melhor companhia seria e será sempre o espelho da sua alma.

Louca Sensatez

AS MÃOS NÃO CALAM

As mãos dão
O tudo e o nada

Calor e frio
Amor e desprezo
Paixão e ódio
Afangos e tortura

O bem e o mal
O norte e o sul
O mar e a terra

O alimento e a fome
O aconchego e o abandono

As mãos dão
O tudo e o nada

As mãos dão o que queremos ter, o que semeamos para colher
As mãos dão o alimento do nosso ser, a alma da nossa gente
As mãos dão, simplesmente dão...

As mãos tocam e arrepiam
As mãos tocam-nos na alma
As mãos tocam-nos no corpo e também na mente
As mãos tocam com sabor a quente e a frio
As mãos tocam e encantam
As mãos semeiam e colhem

As mãos experimentam odores
As mãos saboreiam gostos
As mãos observam distantes
As mãos ouvem presentes
As mãos perfumam quando querem

As mãos não calam, nem consentem, as mãos apenas permitem.

O que eu era e o que sou
No que me transformei
Numa ave rara
Num bicho sem nome
Numa escuridão sem luz
Num beco sem saída
Numa fala sem som
Num estrago sem arranjo
Num alimento sem fome
Numa dor sem remédio
Num presente ausente

Escondo-me por trás de letras
Camufló frases e denunció parágrafos

O que eu era e o que sou
No que me transformei
Numa raiva sem dor
Numa disputa de amor
Numa conquista adquirida
Numa lágrima derramada
Numa revolta sem nome
Num eco de ajuda
Num doce amargo

Oculto-me em folhas de papel
Resguardo-me em lápis e canetas

O que eu era e o que sou
No que me transformei
Num não e num sim
Num talvez e num quiçá

Afinal é tão fácil ser-se qualquer coisa
Camuflar uma dor
Esconder um sofrimento
Resguardar quem somos
Proteger inocentes
Amparar as mágoas

Alheia a nada, me confesso
Cúmplice de tudo, me acuso

E afinal quem sou eu?
Protejo, amparo, acarinho,
Afago, apoio, aconchego,
Auxílio, apadrinho e afinal o que sou?

Berro e ninguém me ouve,
Chamo e ninguém me socorre

Louca Sensatez

Que fiz para estar sempre em auxílio e nunca ser auxiliada?
Que fiz para querer amor e ter que o mendigar?
Que fiz para alimentar paixões e não ter com quem partilhar?
Que fiz para chorar de dor e não ter ombros para me afagar?
Que fiz para motivar alguém e não ser motivada?
Que fiz para reconhecer valores e não ser reconhecida?

O que eu era e o que sou
No que me transformei
Berro e ninguém me ouve,
Chamo e ninguém me socorre
Alheia a nada, me confesso
Cúmplice de tudo, me acuso
Oculto-me em folhas de papel
Resguardo-me em lápis e canetas
Escondo-me por trás de letras
Camuflo frases e denuncio parágrafos

E afinal quem sou eu?

Há dias assim...

Uns bons, outros nem por isso, outros ainda menos bons... mas há dias assim...

Fomos para um quarto de hotel, não havia maneira de estarmos juntos senão desta forma. Na primeira vez, senti-me estranhamente humana, senti-me uma pessoa de má índole e com um peso sem igual.

Estava sem saber o que fazer, como tocar-te ou beijar-te. Apenas ténues pensamentos habitavam em mim, enquanto me levavas no teu carro. Tocaste-me vezes sem conta nas minhas mãos, nos meus lábios, nas minhas pernas e eu vigorava sensações perdidas e momentos inesquecíveis. Senti-me perdida e ao mesmo tempo amparada, sabia que era contigo que queria estar, naquela tarde de chuva sem sol, num frio que tu transmutaste em quente.

Chegámos e quando saí do carro, agarrei-me a ti e em cima do capô tocámo-nos em partes iguais e íntimas num corpo ainda por percorrer, era um todo e um nada, uma sensação e uma fraqueza, um alimento e uma satisfação. Tinha sede de ti, de beijar-te e tocar-te, de ser tocada e ferida, de ser fera e mulher.

Subimos as escadas sem nos largarmos, sofregamente beijámo-nos vezes sem igual, saboreei-te tantas quantas vezes quis, trinquei-te e machuquei-te, eu sei. Mas assim sou... fera e mulher, leoa e vadia, meiga e terna.

Misturo sensações e abrando emoções, são sentimentos que partilhados explodem em eco, são vazios preenchidos por momentos inesquecíveis, duradouros e memoráveis.

Nunca tinha visto uma cama redonda na minha vida, estava estupidamente escandalizada comigo mesma, deitámo-nos já semi-nus, os nossos corpos transbordavam prazer e luxúria, provocavam gemidos e alertas constantes de êxtase sem perdão.

Éramos um só, não havia pudor nem vergonha, apenas amor e paixão. Muita paixão, um fogo que queimava e não doía, um mar que transbordava e não alagava, uma terra que abria mas não engolia, era sempre um mas e um mais... não havia meias medidas, nem magias, nem purezas.

Éramos um diabo assumido, vagabundeávamos entre nós, falávamos palavras sem nexos, com sons de gosto diferente e ao som de músicas que nada diziam, apenas tocavam por tocar, sem delas necessitarmos.

Encheste a banheira de água quente, levaste-me ao colo e lá permanecemos, olhaste-me enquanto me ensaboava, esgotaste o teu Eu em mim e eu em ti.

Mas não nos sentimos esgotados, a seguir e depois de comermos o que anteriormente tínhamos comprado, a denúncia voltou a fazer das suas. Denunciámo-nos mutuamente, sem pedir e sem soltar, apenas nos agarrámos e tu dentro de mim, me aparaste novamente como se de uma vadia sem pureza eu fosse. Gostei acusando-me e provocando sensações que sei jamais esquecerás, por apenas ter sido eu, num canto qualquer, selvagem mulher que gosto de ser com requintes de falsa puritana, porque o que de bem e melhor sabe, é sermos mulheres e vadias também.

Quando tudo parecia estar ao rubro, apenas me lembro de uma única coisa, acordar transpirada, igualmente semi-nua e completamente extenuada por um doce cansaço que em sonho vivi.

Louca Sensatez

PRECISO URGENTEMENTE DE VIVER!

Preciso urgentemente de me apaixonar
Tenho que ter algo que me faça vibrar
Preciso sofregamente de sentir
Tenho prazer em me desequilibrar

Porquê? Porque tudo na minha vida
Tem que ser sempre tão intensamente
Vivido em mim? Como se de mim
Precisasse para sobreviver em mim

Suga-me por um todo esta sede
Que tenho em querer sentir
Suga-me esta ânsia de prazer
Por tudo querer em mim ecoar

Egoisticamente quero o todo
E não só o tudo, o só tudo não
Me satisfaz, não me completa
Nem me contenta a alma

Frustradamente me sinto
Pela impotência que tenho
Em não conseguir atingir
O que gosto de sentir

Sou eu assim, fraquejada
Pelo tempo e pela distância
Pelos desequilíbrios e
Pelos dissabores

Preciso urgentemente de viver
Preciso insaciavelmente de sentir
Preciso e quero,

Quero viver tudo intensamente
E tanta falta me faz essa sede,
Essa paixão, esse fogo,
Essa destruição do meu Eu

Que me faz escrever e dizer que quero
Urgentemente viver...sentir e fugir

Preciso de vida na minha vida
Vida com alma, vida com garras
De Leão, que fere e quer ser ferida.

Vesti-me de forma arrojada, sensual e provocante.
Sabia que seria uma de muitas já passadas e que a vida afastou-as de mim.
Queria ser a estrela da felicidade e a noite do esquecimento.

Subi as escadas largas de madeira de braço entrelaçado.
Entrámos pelas portas igualmente de madeira com mistura de ferro forjado.
De imediato ouvi o cantar de uma cascata, quebrou-se um silêncio e a fluidez da água
banhava-se em pedras macias e cúmplices do ferro.

Chegou a nossa vez, o chão de preto mármore tinha escadas traiçoeiras iluminadas por
breves cantos que faziam o enlace parecer mais romântico.

Fomos guiados pelo salão de velas acesas aquecidas do nada e iluminadas com chamas de
cera. Gostei particularmente dos candelabros vestidos de cera branca, parecendo um
propósito de os mesmos se encontrarem ali.

Ficámos um pouco no bar a ouvir música de fundo tocada por um piano sem dono. Senti-
me afortunada. São estes momentos que me fazem ser feliz, mas infelizmente cada vez
mais escassos.

Não me recordo o que bebeste, sei que eu bebi água, sabes como sou. Não gosto de
nenhum tipo de bebida alcoólica. Sei que parece mal, mas não importa o que parece,
importa apenas o que se sente.

Sáímos e fomos sentar junto ao varandim. Um senhor puxou a cadeira para me sentar.
Pegou no meu casaco e acolheu-o como se a mim acolhesse. Sei ser um falso cavalheirismo,
pois faz parte das funções que assume, mas contudo sabe sempre bem.

A ementa sem preço às minhas mãos chegou, escolhi o que gosto de saborear em ocasiões
algo anormais em tempos de contenção.

Mas a minha vontade é sempre algo anormal, pois o que gosto mesmo é de iniciar o jantar
pela sobremesa, é para ela que os meus olhos teimam em admirar sem hesitar.

As entradas fracas por natureza foram compensadas pelo jantar de prato requintado,
enfeitado com aromas da natureza que só quem sabe, sente o odor fresco do que de facto é
bom.

Pediste um vinho, não sei qual foi, pois de vinhos nada percebo. Eu continuei fiel à minha
água. Não me perguntes porquê? Mas a água continua a ser a minha insaciável avidez de
conquista pela sede.

A sobremesa chegou e a minha boca já pedia mais, assumo-me gulosa e gosto de o ser.
Contudo gosto de doces delicados e bem acolhidos, não gosto de qualquer doce, tem que
ser especial, tem que ser envolvente e dizer-me algo.

Terminámos e atravessámos o salão para o lado oposto. À nossa espera estava a porta
envidraçada com barulho de luzes inquietantes que chamavam por mim.

Entrámos e foste de imediato invadido de abraços e beijos, eu fiquei a olhar. Estava feliz, por saber-te soltar um sorriso, estava feliz apenas por te ver feliz. É sempre o meu maior desejo, é ver-te sorrir, o que é raro acontecer.

Sabia estar solta de preconceitos, sei que me entendes e percebes o quanto necessito desta liberdade de adrenalina que apenas consigo soltar em pistas de dança antigas pelos sons que elas soltam.

Deixei-te ficar acompanhado com as pessoas que matavam saudades tuas, e eu fui por ali, caminhando em direcção à pista vazia, mas cheia de olhares penetrantes, desafiantes para ver quem se atreveria em primeiro lugar invadi-la.

Sem qualquer hesitação, sem qualquer pudor, entrei e a música soltou-se. O meu corpo acompanhou-a e deixei-me levar pelas saudades que tinha de dançar.

Em apenas poucos segundos a pista encheu-se de corpos igualmente belos e arrojados, de danças cúmplices e provocantes, de braços entrelaçados e bebidas já tocadas.

Eu continuei a dançar, a alimentar-me de fantasias e a provocar quem não queria. Apenas queria dançar, bailar, rodopiar, agitar e mover-me de modo a soltar o que por vezes guardamos para não fazer sofrer.

Libertei a adrenalina acumulada, saciei a loucura já esquecida e aliviei a tensão camuflada.

Eram já cinco da manhã e eu na pista continuava. Tu olhavas-me de vez em vez para ver se acompanhada estava. Sabias que estava sozinha, pois sabes igualmente que apenas gosto de dançar liberta de corpos e braços. Esses, apenas em músicas muito próprias me aconchegam. Não são em discotecas que elas se ouvem, são músicas como o Tango que falo, e essas são cúmplices de lugares próprios.

Estava molhada, húmida e despenteada. Como tu gostas aliás, mas apenas só para ti. Quando saímos a dois, gostas de me ver, ser a Senhora, finjo ser para te agradar e depois no meio da noite denuncio-me por saber já nada poderes dizer, sei que gostas e nada dizes.

Sei que depois te desforras no meu corpo com autorização de quem quer e nada diz.

NEVE NEGRA!

Nunca te toquei, nunca te senti!
Tocar com mãos de sentir!
Sentir com tacto sensual!
Nunca te senti, nunca te toquei!

O calor gelado que apenas a alma aquece,
Faz do corpo quente, um frio glacial.
Somente no aconchego de uma lareira,
Observo-te através de um sonho.

És uma constante numa estação
Hibernal, que acorda quando entende,
E inverna quando pretende, e a ti
Neve pranto de alegria, corro para te ver.

A tua imaginação pranteou-nos de
Neve, do céu caíram flocos brancos
De algodão doce, eram pequenos
Pedaços que me prenderam as lágrimas,

Por ser apenas um sonho de um dia
Poder vir a ver neve, senti-la com mãos
De toque, brincar como criança alegre,
E brindar a uma estação hibernada.

Não saboreio o frio, não me reconheço
Minimamente, com gelos acutilantes
De todas as formas e feitios, mas
Um dia o frio virá e eu abraçar-te-ei,

Por ser a primeira vez, que daquela
Forma te verei, tocar um frio de neve,
Como quem toca num canhoto de lenha,
Pode ser tão aconchegante como tocar

Em algo gélido que a alma nos aquece.

DÓI-ME A ALMA

Dói-me a alma.

Porque será que eu não aprendo a viver a vida com menos intensidade.

Dói-me a alma.

Porque será que me afeiçoo às pessoas com uma força tão descomunal que quando sinto não ser correspondida, fico completamente de rastos, fico despedaçada por dentro, como se as pessoas tivessem culpa e elas nada fizeram para se sentirem culpadas.

Dói-me a alma.

Tento mudar, luto dia após dia para não ser tão excêntrica, para não virar as atenções para mim, porque só assim sei viver e porque também sei que mais cedo ou mais tarde dou-me sempre mal, porque a exigência que peço é demasiado, para tão pouco que dou.

Dói-me a alma.

Porque sou ciumenta de amizades profundas e paixões platónicas, sou culpada e inocente, sou íntegra na realidade, mas alimento-me da virtualidade, e quando por mim dou, já me apaixonei como se uma adolescente fosse, vivendo cada segundo, cada minuto, cada dia virada para um sentimento que não existe a não ser na minha alma e no meu corpo.

Dói-me a alma.

Porque luto comigo mesma, luto uma luta sem fim à vista e revejo cada passo, para não voltar a pisar terreno que me faz chorar, que me deslumbra a alma, por ser diferente, que me aquece o coração por ser exuberante, por me fazer doer, o que não devia sequer existir.

Dói-me a alma.

Porque trilhei novamente terreno intocável, sem nunca nele tocar, sem nunca nele pisar, apenas me alimentei, apenas sonhei, divaguei e voltei a ser a adolescente que outrora não soube ser, ou não pude ser.

Dói-me a alma.

Porque fantasio o que não existe, porque romanceio o que me alimenta e me corrompe, porque vivo interiormente tudo como se de uma realidade se tratasse, vivo intensamente tudo como se me alimentasse e sem ela não viveria e apenas morreria, sem fantasia para me nutrir.

Dói-me a alma.

Fantasiiei e agora choro novamente, choro um choro de lágrimas sem som e escondida de todos, só eu sei, só eu sinto e nada nem ninguém poderá saber o que é fantasiar e viver uma realidade que afinal nunca acontece, nunca se dá, a não ser na minha alma.

Dói-me a alma.

E quando assim é, o afastamento será sempre a solução, e cada vez que o faço, despedaçada fico, por fazer doer o que me consome sem nunca saber o porquê e o talvez, sem nunca saber como nem onde, apenas e só porque tenho mais uma vez que aprender a saber viver a realidade sem dela fantasiar.

Dói-me a alma.

Choro, lacrimajo, sorrio por fora, e por dentro destroço-me, faço rir quem gosto, porque gosto de ver quem gosto bem, mas por dentro a minha alma está fatigada, destruída,

Louca Sensatez

consumada, por querer mais do que mereço, por querer sempre o que não devo, por querer sentir o que não posso.

Dói-me a alma.

Dói-me tanto, mas tanto, que sinto bem devagar o corte percorrer de forma acutilante o meu coração dorido, isolo-me por tempo indeterminado para não me questionarem o porquê do meu mundo ser assim, com dores sofridas e esgotadas de forças por lutar.

Dói-me a alma.

Porque a dignidade em mim habita, e sei ser ela a culpada de não deixar tornar em realidade o que tanto fantasio, porque iria magoar quem eu quero bem, de ambos os lados, de todos os lados, de pessoas que não conheço, mas sei serem humanas de iguais sentimentos e, por isto tudo e muito mais, dói-me a alma.

Deixa-me alma de dor, partir sem ser vista...

SABRE

Ainda é noite, mas o dia já acordou, está frio e chove torrencialmente. Despi-me de corpo e vesti a alma, fui buscar o Sabre e abri uma das portas que dá para o jardim.

A escuridão era iluminada pelo barulho de pequenas luzes que aqui e ali se escondiam na madrugada adentro. A música soava na minha cabeça e de olhos fechados, caminhei em direcção à relva molhada.

Assim que coloquei o pé fora da alçada, sofri um arrepio de fazer colar-nos o corpo a uma fogueira, queimei-me com gelo quente e senti o frio borrifado pela chuva.

No Verão são rituais mais quentes e húmidos, contudo o gozo que me dá em praticar arte para a arte, estar nua sem ser vista, manter equilíbrios desequilibrados, é um prazer inesgotável que em mim habita e me aquece como o fogo que me atinge e me padece.

De Sabre na mão, coloquei-me em posição de equilíbrio, mantive uma silenciosa postura de rapidez atravessada pelo lento Sabre que saqueei e atingi sem foco, o que o vento fez questão de denunciar. Um vento provocado pelo saque do arremesso do Sabre que a rapidez suavizou lentamente.

O gosto que tenho em desafiar o destino, é me imposto por mim e nem sei porquê, mas gosto de estar naturalmente escondida, protegida até, ... dentro do meu espaço verde e que sei nunca me denunciar para o mundo. As posturas corporais acusadoras e de Sabre na mão, podem ser entendidas como ofensas e incompreendidas por terceiros.

Mas gosto, gosto mesmo de expor-me sem ser vista, de me denunciar, sem ser denunciada, de me acusar, sem ser acusada, de praticar, sem ser praticada, gosto apenas...de ter o poder de saber que me protejo das minhas denúncias e das minhas acusações, pois comigo tenho o Sabre que me inocentará com o fim de não ter fim.

Completamente extenuada pela frieza da chuva e aquecida pelos movimentos desequilibrados e, ainda de Sabre na mão deitei-me na relva ensopada de chuva e granizo, congelei-me até a dor me aquecer o corpo e inerte ficar.

Deixei-me estar deitada e adormecida.

O tempo clareou e eu levantei-me. Pé ante pé silenciada pelo nada, limpei cuidadosamente o Sabre e guardei-o em lugar oculto. Subi as escadas de madeira aquecidas pelo calor humano, denunciei-me através das pegadas molhadas que deixavam rastros de água agora aquecidas.

Abri a torneira e enchi a banheira, quebrei o silêncio e o mundo acordou. Eu... simplesmente já deitada na banheira cheia de espuma e de doces aromas, vesti o corpo e despi a alma, para parecer a mulher normal que qualquer mulher é.

A DOR DE NÃO TOCAR

Parece que te conheço há anos e sinto-te tão perto que até dói, pensar que apenas na alma isso acontece.

Parece que o tempo passou e em ti nada escondi, a não ser a felicidade que tenho em ouvir-te mais uma vez.

Parece que as nossas vidas se cruzaram e não por acaso se tocaram sem serem vistas, se beijaram sem serem tocadas.

Parece apenas... e porque a dor da tua ausência é demasiado forte, sonho-te acordada e adormeço a sonhar-te.

Queria eu estar longe de sentimentos pequenos, para que apenas da tua companhia ausente pudesse desfrutar.

Queria eu estar perto do teu toque quente que imagino e não me dou, apenas queria, porque imagino.

Sofro interiormente o que a alma não me esconde, sofro por mim e por ti, por ambos apenas, mas sofro escondida.

Choro silenciada pela chuva, sofregamente trovoadas tempestivas sinto, por querer-te e não te ter, apenas e só num sonho nunca adormecido.

Nunca exigi, nada exijo e a vida exige de mim tudo, entrego-me a tudo e a todos, e mesmo assim, esventram-me como se de nada fosse feita e, apenas me deixam com sentimentos de mágoa profunda, por saber que gostava, tão só e apenas gostava... e gosto mas não posso gostar.

Porque me torturas assim, vida ingrata?

Dou-te tudo e dou-me a mim, sou tua e mesmo assim, sua vida de imperfeições injustas, injúrias incalculáveis, resolves em mim depositar todas as frustrações que não têm local próprio, a não ser em vidas por viver.

Porque me atormentas assim, vida efémera?

Por ser como sou, sem remorsos de sentimentos sentidos, mas verdadeiros? Por te acusar na escrita que me devolve a paz que dela necessito? Ou apenas por seres cruel em gostares de ver o que na minha alma vai?

Diz-me vida que passas, que o tempo te ajuda e a mim apenas perdura, o tempo de nunca passar o que tu fazes questão de me presentear?

Diz-me vida, que suplício precisas, para em mim deixares apenas habitar um breve momento de felicidade por saber que vou ouvir-te e tocar-te no nada, mas sentir-te como um todo?

Presenteia-me apenas um momento, apenas um momento, apenas um, apenas...

Renasço e rejuvenesço.
Revigoro energias e crio saudades.

Aumento a tensão e provoco ansiedades.
Crio gostos que nunca souberam a gostos.

Imagino sentidos que nunca senti e sinto-os.
Fomento desencontros por encontrar.

Recordo encontros nunca vividos.
Estimulo sentidos e desperto o oculto.

Fortaleço a união e restabeleço a rebelião.
Corroboro indisciplina e vivo em confusão.

Vivo e provoco, renasço e rejuvenesço, revigoro e crio.
Imagino e fomento, recordo e estímulo, fortaleço e corroboro.

Sou eu, assim, a gostar de mim, e gostar que de mim gostem, por ser assim,
Simplesmente, assumidamente, EU!

JÁ NÃO TENHO ILUSÕES

Cresci a sonhar em contos de fadas, vivo embrenhada em fantasias e alimento-me de falsos cavalheirismos. Quando a fome aperta acordo e desperto para um nada.

Um nada que me fez sonhar e me faz acordar, um aconchego que espero seja só meu e afinal não o é, espero sempre algo que me iluda e conegue, mas quando abro os olhos, quero voltar a sentir a máscara, para a dor não me penetrar.

Não culpabilizo quem não tem ilusões, apenas a mim me penalizo, por saber à partida que não existe esse mundo que tanto quero viver, mas insisto em vivê-lo fantasiando para lá do infinito.

Mas enquanto o fantasio, sinto-me viva, cheia de emoções por viver, carregada de intensos sentimentos que me fazem vibrar, renascer e arrepiar. O pior é quando vejo algo que me magoa, o pior é quando um clique me toca e me acorda, fazendo ver que tudo não passou de um sonho, de uma mera ilusão, de uma fantasia inacabada, de um mundo por viver ou de uma vida por sentir.

Sinto-me triste, também desamparada, só e melancólica e até enciumada, mas é assim e será sempre assim, a vida.

A vida de alguém que cresce com dor, mas também com a sabedoria de sentir um prazer insaciável que sei passará, mas sei igualmente que voltará, apenas e só, porque está em mim algo que não quero deixar morrer.

A felicidade.

A felicidade de me deixar sonhar, e viver intensamente cada segundo da minha fantasia, fazendo dela o meu elixir de uma vida por viver, de um momento por sentir, de um sabor por devir.

DESEJOS INFINITOS

Dedos que me tocam, mãos que me sentem,
Carícias de tentação, com requintes de sedução.

Vibro de olhos vendados, e sinto de mãos atadas,
O teu cheiro, o teu toque, o teu corpo, o teu sabor.

Sinto-me perdida e enamorada por ti,
Sinto-me fogosa e a delirar em ti.
Quero-te sentir,
Saboreando cada pedaço teu,
Em cada canto meu.

Quero-te experimentar,
Deliciando-me e perdendo-me,
Em cada manto teu.

Saciavas-me o prazer, a loucura e a vontade,
Encarnavas-me e cravavas-me de sedução e crueldade.

Beijavas-me e trincavas-me com forças de paixão,
Eu gemia e gritava com garras de leão.

Delírios, gemidos, lamentos e suspiros, soltavam-se
Até mais não, até dizer mais, e sem nunca dizer não.

Pegavas-me ao colo e penetravas-me de costas,
Viravas-me para a parede e eu embrenhava pelas encostas.

Seríamos animais na cama e humanos fora dela,
Mas se preciso fosse, animais fora dela e humanos
Na cama...

É assim que amo, que uso e abuso do poder, do
Jogo que é a sedução, sei também ser igual jogo
Na tua mão.

Eu quero, tu queres, eu queria e tu querias, mas,
Existe um mas, apenas queremos e não podemos,
Por sermos dois e nunca um...

TEMPO

Tempo, tu que me consumes e me tiras do sério quando bem entendes...
Não permitirei que me ajustes a ti, pois eu serei sempre a tua tirania no que concerne à gestão do teu "eu". O teu "eu" irá para sempre sucumbir-se ao meu "eu".

Eu serei a tua dona;
Eu serei a tua amante;
Eu serei a tua mulher;
Eu serei a tua tutora;
Eu serei a tua mãe.

Serei eu que de ti tomarei conta;
Serei eu que te ensinarei a gerir-te.

Tu és o tempo, o tempo que eu disse que deves ser.
Tu tens-te, tempo, o tempo que eu disse que deves ter.

Por mim farás o que eu entender e de mim farás o que eu submeter.

Far-te-ei ver que a gestão, não é nada, que tu não serás nada, se em mim e de mim não necessitares.
Cuida-te, para que eu de ti possa cuidar.

Só assim te deixarei ter o tempo que queres ter.
Só assim te deixarei ser livre como queres ser.

Mas só e apenas depois de saberes gerir o tempo que dizes ter, contudo não o tens, apenas o consumes, mas nunca o tiveste.

Desengana-te, que em ti, mandarei, cuidarei e velarei...

Tempo que dizes ser dono de ti.
Tempo que dizes saber gerir.
Tempo que dizes ser único.

Serás tudo, terás todo o tempo do mundo, do universo até, por ser medido de forma diferente, mas ...

Sempre com a minha autorização.
Sempre com a minha bênção.

Assim te valorizo, sabendo que tu mesmo soubeste valorizar-te... não ouses, não uses e não abuses, a minha paciência tem limites e sabes que em ti sempre filtrarei as prioridades da minha vida, são elas, e sou eu que giro-te como quero, onde quero, quando quero e por quem quero.

Respeita-me e teme-me, para que saibas o teu lugar próprio de tempo impróprio.

Cuida-te tempo, de ti sou eu que tomo conta, te dito as regras e te consumo... nunca tentes inverter os papéis, pois dar-te-ás mal, o sabor amargo de tempo sem tempo, é o mesmo sabor de tempo com tempo sem nunca ter tempo para ti.

Louca Sensatez

ACORDAR SEM DOR DE SABER O QUE É A PAIXÃO

Quero um mundo solto de risos e gargalhadas, de bom senso e coerência.

Quero a escrita para me acompanhar, leio-me mesmo sabendo que nada possa valer, mas é ela que me ajuda a compreender uma vida por viver, uma vida vivida, uma vida sentida e inacabada. É ela que me diz para soltar-me de preconceitos até então habitados em mim.

Luto contra mim, vivo intensamente em mim cada dia e cada momento, esgoto-me por dentro, pela vontade que tenho de vencer, auto proteger-me, auto elogiar-me, auto confiar em algo que nem sei bem o quê, mas apenas ouvir-te dizer amo-te, com os olhos, sem nada soletrares, sem nada proferires, apenas me fazendo sentir o que é o amor sem a paixão, o que é a paz sem a tormenta, o que é o fogo sem a chama, e o que és tu sem mim, o que sou eu sem ti.

Não sou nada e nada serei, porque em mim apenas habita a ilusão, a tristeza de um dia querer ser a bela mulher que tu desejavas e nunca tiveste. Desejava ser desejada. Sou alma morta que dá vida a outras almas e, por isso nunca poderei ser a mulher original que gostaria de ser, nunca atingirei o patamar de cima sem me magoar primeiro no de baixo.

As escadas são largas, o caminho ainda é longo, e os degraus que subo fazem-me sossegar apenas por um pouco, mas não me apaziguam, nem me aconchegam a alma que tanto desejo sentir neste preciso momento.

Uma alma viciada em paz e folga em tormenta, uma alma que vive em rebuliço por não saber apreciar os pequenos momentos que fazem a diferença de um sabor intenso, curto no tempo, mas vindouro no momento.

Quero paz, não te quero alma dividida, que me consumes e me atormentas com dúvidas traidoras do tempo sem tempo.

Desisti de ti paixão, que me transcendes o corpo acutilante, que transbordas o sangue e esvazias-me a mente.

Quero paz, quero saber amar sem paixão, quero saborear sem tentação, quero serenidade sem esforço para a atingir, simplesmente não quero lutar mais contra mim mesma, nem contra mim, nem contra ninguém, sou assim, dividida em almas por se encontrarem e, ao fim de quase quatro décadas ainda tenho tanto que procurar.

Estou esgotada, estou cansada, quero deitar-me e apenas adormecer, adormecer sozinha num local qualquer e, acordar apenas quando a certeza tiver que acordarei em lugar incerto e com ninguém por perto.

TESTEMUNHOS DE MEIA-IDADE

Existem muitas fases na nossa vida.
As idades passam e todas nos trazem surpresas.
Todas são boas e experientes que nos ensinam a crescer.
Mas... mas existem duas fases que são marcantes.

A fase da adolescência que por ser uma fase em que as hormonas fervem por tudo o que é canto se encanta facilmente, perdendo o equilíbrio do razoável e do bom senso.

Ganha-se vida com garra de viver depressa, afirma-se num estado que não o é verdadeiramente, pois a imaturidade não permite vivê-lo numa fase que ainda está por amadurecer.

Uma idade de revolta constante e de inconstantes certezas que, nunca foram a certeza que seriam certas em tempo de indiferença.

A outra, hum, a outra fase é igualmente conturbada. É a fase da certeza de querer viver numa plenitude de razão serena.

É a fase da meia-idade, a idade da inocência esclarecida, da afirmação vencida e da responsabilização medida em actos e conjecturas vividas pela experiência e sabedoria de ter aprendido a viver.

É também ela a revolta de tempos esquecidos e perdidos no tempo, mas é uma revolta com sabor a doce por sabermos doseá-la sem hormonas por matar e apenas alimentar.

São testemunhos de meia-idade, de idades e fases de iguais afirmações, semelhantes revoltas e diferentes posturas.

São testemunhos de vida vivida e vida por viver.
É a meia-idade, é a metade já vivida e a que queremos viver.
É a vida imposta e que podemos impor.
É a nossa vida, é a vida deles, são as vidas que o tempo nos leva e não nos devolve.

Descubro agora como é bom viver com a quase meia-idade de saber que um dia te atingirei, para depois poder saborear os feitos que até então pratiquei. Feitos que me permitem numa meia-idade discerni-los pela vida já vivida e pela vida que quero viver.

Eu quero-te meia-idade, ter-te-ei e provar-te-ei como todas as idades que até agora saboreei.

Louca Sensatez

EMOCIONALMENTE ESGOTADA

Sinto a areia fina e cristalina a queimar-me os pés, estou descalça e de chinelos em uma das mãos, a outra, afaga-me ao de leve o cabelo puxando-o para trás de modo a poder ver o que a brisa teima em cegar.

Estou de roupa leve, larga e clara, mas sinto-me pesada, sinto-me estupidamente cansada. Sinto um vazio incondicional como se no meio de uma multidão estivesse e ninguém conhecesse.

Quero descansar, hibernar e apenas acordar quando a certeza tiver que um dia te vou encontrar.

Sinto-me desgastada, ando, vagueio, caminho e o rumo não o vejo, nem tão pouco o sinto, porque o calor desértico queima-me o corpo, incendeia-me a alma e põe-me a nudez à vista de quem quer ver o que não posso mostrar.

Apenas quero fechar os olhos, esquecer-me do mundo, esquecer-me de mim e de ti também.

Quando acordasse, estaria sem família, sem amigos, sem terra, sem ocupação, sem lazer, sem nada...nada mesmo, iria começar de novo, iria aprender de novo, iria errar de novo, iria chorar, rir, fantasiar e adormecer de novo.

Mas pelo menos iria ao teu encontro, iria lembrar-me que tu existes e que hoje eu teimo em esquecer-te.

Peço-te apenas uma coisa, uma só... não permitas que te denuncie, não permitas que te negue, nem tão pouco permitas que cerre fileiras e te bata a porta. Não me deixes enlouquecer nem me abandones agora.

Deixa-me apenas deitar-me por breves momentos, deixa-me fechar os olhos e perder-me no calor desértico da surdez que necessito sentir.

Deixa-me ir ao teu encontro e sentir-te como quem sente a paz, deixa-me cair para conseguir descansar o cansaço que habita em mim.

Vou ao teu encontro, estou cansada e preciso de ti, estou fatigada e sem força.

Vou ao teu encontro, espera por mim e embala-me até adormecer.

Espera-me descanso... eu chamo-te e tu irás ao meu encontro.

Promete-me que não me abandonarás, mas apenas me acalentarás para dormir e não mais acordar, neste desértico povoado humano de gente só, de igual cansaço como eu.

Sou mulher moderna à moda antiga.

Gosto de ser independente e pensar por mim.
Mas também gosto que pensem em mim, por pensarem por mim.

Gosto de definir regras e ditar referências.
Mas também gosto que me ofereçam surpresas em normas já ditadas.

Sou egoísta por natureza e ofereço-me sem certeza.
Mas se for amada como gosto, dar-me-ei com firmeza.

Gosto de igualdades em direitos e, cumplicidades em deveres.
Mas saborear o cavalheirismo não é abdicar do sensualismo.

Ser mulher romântica, sonhadora à moda antiga,
não implica ser mulher exemplar e envelhecida.

Ser mulher moderna é partilhar responsabilidade,
mas não é esquecer o que é ser mulher com idade.

A idade da certeza que quero ser uma mulher.
Uma mulher moderna a pensar à moda antiga.

Louca Sensatez

IMAGINO-TE PRÍNCIPE

Terei um dia um príncipe que me fará princesa do seu céu sem limites.

Serei a sua musa e partilharei das suas estrelas, saborearei a sua casta sem preconceitos, e viverei numa felicidade eterna que sonho um dia testemunhar.

Para lá de terras nunca conhecidas, para lá de páginas nunca viradas, para lá de amores nunca sentidos, saberei que habitarás e, por mim aguardarás.

Seremos simplesmente eternos na razão de viver para lá da solidão.
Serei protegida e amparada, chorarei as vezes que quiser, por saber estar ancorada.

Depois de palavras proferidas, de sentidos sem sentido, serei o Eu que tanto busco e, não o Eu que não encontro.

Depois de feridas abertas e saradas com sangue, serei a alma da tua gente que me fará sentir quente.

És tu príncipe?
És tu que me farás crescer sem dor?
És tu que me acolherás sem saber quem sou eu?

Ou

Serei eu mais uma vez a procura de uma certeza, por saber que nunca a terei.

Deixa-me então sonhar acordada.
Deixa-me então viver a sonhar.
Deixa-me ser feliz camuflada.
Deixa-me ser afortunada e fantasiar.

Deixa-me apenas só mais uma vez...

São tantas as que já passei que até a conta já lhe perdi. São as frustrações de uma vida que chegam numa altura em que a idade obriga a tudo questionar.

Uma idade perigosa de estar na vida, de gerir e manifestar, uma idade desesperante para quem tudo quer, para quem tanto luta e para quem nada consegue.

E quando se consegue, sentimos que de nada nos serve, pois a vida está encaminhada, os laços bem definidos e os contornos por decifrar, contudo, o que me vale conquistar o que me saiu do corpo e da alma, da mente e da solidão, para depois ver frutos sem sabor e flores sem cheiro?

O que me consome, são mesmo as frustrações de uma tentativa vã de conquistar a sabedoria e no final perceber que nada aprendi, apenas me debilitei, me desalentei e prostrei.

Custa tanto lutar sozinha por algo que de nada me serve, a não ser alimentar-me de escritas e leituras, que um dia em tertúlias possa simplesmente impressionar com uma falsa sabedoria.

Queria tanto saber ser sábia, queria que a inteligência em mim habitasse, que o conhecimento fosse sábio, que a experiência se traduzisse em notícia, em informação, em comunicação, em tudo o que me desse alento por querer sempre mais, por querer-me valorizar e, afinal de nada valho.

Afinal não sou nada, não sei nada, nem sou ninguém, sou vulgar, banal e trivial.

Sou a angústia de uma vida carregada de dores e desilusões.

Sou a existência coberta de mágoas e decepções.

Sou o ser desprotegido das frustrações.

Sou eu, comum dos mortais sem nexos e sem saber, sem sabor e sem odor.

Está sol, um lindo dia de calor ardente, de paixões soltas e de contrastes perdidos.
Escrevo-me para me perder, escrevo-te para te encontrar.
Oferecer-me-ei neste dia sem significado mas com significante, um dia de relaxamento, de paz de espírito e de leitura intensa, de misturas escritas e de namoros ausentes.
Inventar-me-ei mais uma vez, sonharei outra vez e passarei assim, um dia de sol ardente e calor eloquente.

É verdade, estou novamente a tentar saber relaxar, reaprender a nada fazer, mas não consigo.
Estou sem saber ler, a não ser livros de estudo.
Estou sem saber estar quieta, apenas desfrutando o calor do sol.
Estou sem saber estar acompanhada, por me ter isolado em demasia.
Estou a perceber que afinal a solidão que tanto prezo, está a pedir-me que volte e eu a recuse.

Memórias acompanham-me, tristezas me invadem e angústias me solicitam.
Todas sem excepção entram sem serem convidadas.
Todas sem regras e sem escrúpulos invadem-me e sufocam-me.

Queria aprender a ser feliz.
Queria aprender a sorrir.
Queria aprender a conviver.
Queria aprender a namorar.

Namorar com frutos de paixão fortes, de sabores agrídoces e tentações perdidas no tempo.
Também este, perdi a noção do seu sentido e o desequilíbrio equilibrado.

Porque me tens a mim como dado adquirido?
Porque não me reconquistas e por ti tudo está ganho?

Não está, garanto-te.

Atravesso a idade dos porquês em tempos diferentes da aprendizagem.
Atravesso períodos cobertos de certezas do que quero e, incertezas do que não quero.

Controla-me para não me deixares perder.
Atreve-te comigo para não me deixares cair.
Conquista-me, apedreja-me a alma se preciso for, mas conquista-me para não me perder,
para não te perder, para não nos perdermos.

QUE O AMOR NUNCA TE FIRA

Que o amor nunca te falte.
Que o aconchego nunca te desampare.
Que a alma nunca te abandone.
Que a revolta nunca te visite.
Que a tristeza nunca te invada.
Que a angústia nunca te procure.
Que o choro nunca te encontre.

São tantos os momentos.
São tantas as sensações.
São tantos os sofrimentos.

Que pergunto-me.
Valerá a pena?
Valerá o sacrifício?
Valerá...?

Por tudo isto e por mais alguma coisa...

Apenas desabafo a alma de alguém que sabe o que quer, mas não sabe o que tem.

CONTINUAREI A ACREDITAR?!

Trepar uma árvore e pegar-te um fruto.
Colher uma flor e oferecer-te a mesma.
Parar numa rua e gritar Amo-te.
Pegar-me ao colo e rodopiar-me.

Fazer sonhar-me sem acordar.
Mimar-me ao máximo sem sufocar.
Cear com velas e luzes ausentes.
Dançar para ti a saber-te olhares-me.

Olharem-nos como cúmplices por sermos amantes.
Invejarem-nos a alma de forma saudável.
Tomarmos o gosto de sermos um só.
Apagarmos detalhes que fazem diferença.

Sermos a prioridade de toda uma vida.
O resto secundário por acréscimo viria.
Nunca descurar sentimentos e virtudes.
Afastar para sempre o negativo e a dor.

Sentires-me como te sinto.
Sentir-te como me sentes.

Seria assim, o mundo ideal.

Por isso são paixões que as loucuras compõem.
Os amores perderam-se por loucuras faltar.
O tédio instalou-se e a luta vincula.
Por querer acreditar, que continuarei a sonhar.

Sol quente que iluminas a minha alma,
Aqueces o meu corpo e alegras o meu ser.

Saboreio-te por saber que me consolas,
As tuas luzes em brasa aconchegam-me
O pranto, transformando-o em manto.

Um lindo manto de alegria coberto de
Euforia. Papoilas, grinaldas e véus cobertos
De cheiros cúmplices do nu, são almas
Descobertas que se juntam apenas em um.

Gosto de te ter, sentir-te e suar-me com
Apenas o calor que transmites em dias frios.
Consegues transformar chuva fria, em quente,
Vento frio, em brisa e, neve derretida apenas

E só pelo simples facto do calor que me dás.

Derrete-me e sufoca-me, pois assim a certeza
Em mim habita que a felicidade não mais me faltará.

Ter-te sempre a meu lado, sentir-te e desfrutar-te,
Seria a minha maior alegria, seria a certeza que a
Tristeza em mim, nunca mais me ecoaria.

Sufoca-me, derrete-me, abafa-me, mas não vás,
Não me abandones, nem me desabrigues, pois
Sem ti não serei feliz e, apenas triste saberei viver.

ALMAS POR CUIDAR

Foi ontem que te conheci.

Senti-te reservado e distante, como se algo quisesses esconder ou até mesmo ocultar.

Mostraste fervor e partilha de emoção, demonstraste serenidade quando por dentro explodias.

Tropeçavas em palavras proferidas na alma, desfizeste em pedaços sentimentos camuflados.

Olhares sorrateiros de vez em vez se cruzavam, eram cúmplices de um nada e coniventes de um todo. Fugas e seguia-te, fugia e seguias-me.

Cruzámo-nos no virtual e nada mudou, apenas a teimosia que emoções não se sentiam. Sentiste sem me veres e experimentaste um frente a frente, sem desmentires agora o que outrora afirmavas.

É assim que sou, que me dou e me exponho, nunca escondi nem nunca omiti. Sou guerreira quando quero, amante ausente também, sou perigosa para mim e para os homens há quem.

Não temo o que nada fiz, apenas temo por não o fazer.

No dia em que algo fizer serei a primeira a assumir, o que já muito acontece numa alma que alumia, fogo que molha sem arder e água que arde sem molhar.

Sou assim, mulher de várias almas assumida e prevenida.

Sou assim, mulher menina e menina mulher.

Sou eu, quando queimo dói e faço-me doer, para apenas sentir que emoções sei viver.

Viverei cada momento em cada segundo, para que um dia saboreie o que outrora imaginei.

Sentir emoções, viver turbilhões e acumular sensações.

São o meu alimento, o meu ego, a minha certeza que viva estou, que presente ficarei mesmo que por tempos incertos algum dia me ausentarei.

Perdoa-me por ser assim, perdoa-me por ser eu, por me assumir a mulher perspicaz que provoca e nada dá em troca.

Mas nada tenho para dar, apenas quero colher, sugar e até mesmo sufocar quem me alimenta para no tempo perdurar.

Que perdure, dure e me cure, de almas várias que tenho e não sei delas cuidar.

Vagueio pelo mundo que dizem ser repartido e ter dono de quem dele não sabe tomar conta.

Divago sobre um mundo onde cresço, vejo crescer e faço crescer.

Identifico e choco-me com ideias surrealistas de humanos que impõem respeito e não sabem respeitar.

Afinal a quem pertences tu Terra Mãe?

Afinal a quem prestas tu contas por queres apenas florear sem pressas e saborear frutas sem nome?

Afinal a quem tu te dás, para depois tudo te tirarem?

Diz-me Mãe Terra?

O que te vai na alma, na mais recôndita cova onde afagas as tuas mágoas por não te acolherem como nos acolhes a todos?

As vinganças não fazem parte de ti, tudo o que te faz tremer, explodir e até mesmo abrir rachas acutilantes com trovoadas de tornados, são apenas consequências impostas por nós e não por ti.

Sei que resistes e que gritas alertas de degelo por não te ouvirmos.

Impomos-te respeito, quando o mesmo se conquista e não se impõe.

Impomos-te atrocidades, quando delas não queres fazer parte.

Impomos-te princípios, quando os desvalorizamos em cada milésima de segundo.

Impomos-te tudo o que te destrói, corrompe e alimenta a dor por queres apenas salvar-te e contigo levar-nos.

Mas parece que contigo nada queremos.

Singelamente queremos estar em ti, mas não por ti.

Egoisticamente queremos-te a ti e somente a ti, mas apenas por nós e pelo nosso ego.

Peço-te então Mãe Terra, devora-nos e engole-nos de modo a que as atrocidades por nós cometidas não sejam vistas nem sentidas por quem nos faz mal, ou seja, a nossa própria espécie, aquela que luta e guerreia por lugares que existem por momentos, mas não persistem por não serem eternos.

Aglomera-nos e liberta-te de quem queres ver crescer, apenas e só para te proteger.

Protege-te de nós, de seres cruéis e mal formados, de humanos criados mas por nascer, mas peço-te apenas que te protejas.

Para isso, revolta-te e impõe-te para que saibamos que a imposição afinal, só é válida para quem dela pode desafiar, deve temer e deve respeitar.

Saboreia-nos em cada momento e verás como num ápice, a paz irá novamente em ti reinar.

Dois corpos que se defrontam arrepiados de tanto esperarem por encontros nunca acontecidos.

Vibram de prazer ao se sentirem e ao se tocarem,
Apenas pelo som de uma melodia abalroarem,
Braços e pernas desprevenidas e incessantes,
Têm tudo e nada devem, por isso nada temem.

Sinto-te penetrares-me como na alma me trespassas.
Sinto-te vibrares sons quentes de Verões ausentes.
Queres-me e eu quero-te, provocas-me eu provoco-te.
Deliras e eu deliro, alcanças-me e eu alcanço-te.

Fazemos de nós um só, sem dó nem piedade.
Sem escolhas e opções, sem razões e com arpões.
Amarras dores de paixão, e afagas fogo ardente.
Afogo-me no teu peito, e arrepio-me de corpo ausente.

Sinto-te tão perto por me fazeres vibrar.
Mas sei que estás tão longe, por não te poder tocar.
Sinto-te só meu, e quero-me só tua.
Posição de mulher desarmada, mas também seminua.

Queria estar contigo, abraçar-te e aconchegar-me.
No corpo teu que um dia, eu sei será meu também.
Ausência dolorosa, mas também bom de sentir.
O peso leve distante que em mim irá cobrir.

De olhos vendados, saberei onde habitas.
Apenas pelo sentido, que tu em mim pronuncias.
Fazes-me mulher vadia, e eu faço-te homem cruel.
Serei cigana um dia, até ao cume da tua ira.

Serei o que quiseres, em sonhos e em plateias.
Desmedidas pelo tempo e sentidas pela saudade.
Serei sempre assim, conheço-me como ninguém.
Saberás também por mim, o que eu sou, pois sou alguém.

EMOÇÕES

Sinto-me despida na alma, invadida por dentro e sem saber o que de mim fazer.
Refaço-me todas as horas, todos os minutos para em ti não pensar nem tão pouco chorar.
Mas dói demais, dói saber que existes, saber que existo, saber que existimos.

Existimos paralelamente mas em rectas oblíquas que se cruzaram e se mediram.
Denuncio-me em cada instante e, em cada passo que avanço sinto o teu recuo.
Sinto que não lutas nem dás tréguas, habitas serenamente e deixas viver emoções sofridas.

Vês-me sofrer e não te sinto amparares-me.
Pensei ter forças e afinal estou desprotegida.
Desprotegida de ti, do mundo e da vida.

Sou-me leal e fiel também, não jogo nem humilho.
Apenas sinto e deixo sentir, são emoções que por mim passam e deixo habitar.
São elas que fazem de mim as forças que encontro para viver no meu dia-a-dia.
São emoções fortes e paixões cruéis.

Bebo cada gota, cada gota de uma sede insaciável.
Mata-me sede, mata esta sede que em mim perdura e não tem cura.
Mata-me sem magoar, sem machucar mais do que já estou.
Mas mata-me por dentro para saber viver de novo, com a certeza que um dia poderei voltar a sorrir.

Sorrir por fora mas essencialmente por dentro, só assim saberei que me mataste por dentro, mas deixaste-me viva por fora.

São apenas dissertações de um dia cruel por saber-me sofrer.
São apenas divagações de alma perdida por saber perder-te.
São apenas devaneios de alma encontrada mas por se amar.

ACORDEI DE MANHÃ CEDO

O sol espreitou e eu amanheci.
Raios quentes invadiram-me a alma.
Tenho um pacto com o calor.
Vicio-me nele e ele dá-me amor.

Entro pela tarde e o sol começa a queimar.
Abrasa-me a pele, entrego-me ao mar.
Mergulho em sonhos de Verão e água salgada.
Visto-me de montanhas verdes com pingos de alga.

Os raios querem fugir e a noite cair.
Estremecida e fria, arrefecida me visita.
A solidão quente de Verão ausente.
Não gosto de ti, escuridão pungente.

Atormentas-me os sonhos e invades-me o quarto.
Proíbes-me vivas sensações num sonho apertado.
Quero-te de volta, sol quente de Verão ausente.
Raios comoventes e áureas de manhã presente.

Para ti apenas uma data, uma época, um estado.
Gasoso, salpicos de coriscos fortes e amarelos.
Líquido de mares verdes, cristalinos e gemados.
Sólido de areia quente e clarões espontados.

ESTADOS EQUILIBRADOS POR DESEQUILIBRAR

Paixão é um estado de alma.
É alma desequilibrada, sentida e por sentir.
Exige-se tudo, tudo se quer e tudo vale.
As emoções florescem e os corações palpitam.
É sofrimento cúmplice do sorriso matreiro.
Alimento sufocante, arrepiante e delirante.
Não tem juízo e adora o pecado.

O Amor é igualmente um estado de alma.
Mas é alma equilibrada, sentida e ajuizada.
Tudo se pondera e nada nos atormenta.

Na paixão a ponderação é inimiga da intuição.
Sofre-se com dores de querer mais.
São constantes as impulsividades.
Fazem-nos sentir que vivos estamos.
Desequilíbrios por equilibrar e arrojarem.
Habitam sensações distorcidas e dúbias.
Vive-se temperamentos escaldantes.

No Amor a passividade invade a monotonia.
Na Paixão quebram-se regras nunca vividas.

No Amor o equilíbrio sufoca por querer liberdade.
Na Paixão a liberdade sufoca por querer equilíbrio.

São dualidades complexas e compostas.
São estados puros sem razões.
São verdades sentidas com pecados mortais.
São tempestades e chuvas mansinhas.
São estados de alma serenos.
São estados de alma escaldantes.

São equilíbrios por desequilibrar.
São desequilíbrios equilibrados.

Eram mais ou menos 19 horas quando saí da reunião.
Estava psicologicamente cansada.
Questionei-me vezes sem conta.

Cheguei ao carro, coloquei a mala no banco do pendura aliás, como é habitual e deixei-me estar por breves momentos a ouvir Katie Melua em bom som, por assim dizer.

Lisboa estava caótica, o trânsito um caos, mas nem por isso me incomodou, o incómodo era outro.

Arranco e imediatamente a seguir paro no semáforo, pois o mesmo estava vermelho.
Deixei-me flutuar perdida em emoções e pensamentos distantes, ouvi uma buzina e reparei que o sinal estava verde, arranquei e pouco depois já estava em auto-estrada.

As estradas para mim acabam por ser o meu aconchego, a minha paz de espírito, o meu levar-me por emoções e devaneios de vida. De repente começo a ver imensas luzes vermelhas, eram às dezenas, diria que até podia atingir uma centena.

- Foi um acidente, só pode.

Pensei alto para mim deixando-me estar parada no meio do trânsito.
Continuava a flutuar em sensações vividas e por viver, continuava a questionar-me se foi bom ou se será bom, continuava a ouvir-me sem querer, continuava a ler-me sem ouvir.

De repente oiço uma das músicas de Katie e começo a pensar alto, encosto a cabeça no vidro com a ajuda do braço e, vagueei-me perdida em emoções.

Naquele momento a loucura já se tinha instalado, sabia que precisava de fazer algo para me soltar, precisava de energias arrancar, vibrar o que contive.

Foi assim que o fiz.
Novamente um devaneio de auto-estrada, como tantos outros que na minha vida já tive.
Com o trânsito completamente parado, coloco a música que estava a ouvir em som desgarrado, saio do carro e grito bem alto.

- ESTOU APAIXONADAA

Senti o maior alívio, a maior alegria, a maior emoção e, a maior confusão foi apenas o que lancei.
Mas soube-me bem, senti-me leve, desorientadamente saudável, pois sabia que a paixão era um estado de loucura por satisfazer.

Foi bom, foi muito bom, mas será melhor se os rodeios não me equilibrarem, será melhor se os devaneios não me abandonarem, será melhor se o juízo me faltar.

Resta apenas saber se algum dia o discernimento em mim habitou?

DESINTERESSADO, SOBRETUDO!

Desinteressado do nada porque o tudo não são palavras e nem são acções.
O tudo é emoção, é silêncio de palavras sentidas e não proferidas.

Desinteressado do nada não é nada, mas sim tudo porque o tudo pode traduzir-se em canto sem ser cantado, em escrita sem ser escrita e, em palavras sem serem letras compostas em frases.

Desinteressado do nada, sobretudo quando sabemos que esse nada é muito mais que um simples Eu, somos todos feitos de nada e compostos de tudo.

Desinteressado é sinónimo de interesse por alma calada, lágrima solta, grito abafado e voz ausente.

Desinteressado é complemento de interesse por algo que não busca nem procura, mas apenas encontra sem pedir ajuda.

Desinteressado é alma perdida que não se quer encontrar, quer apenas viver, sentir e acalantar, simplesmente porque a alma não tem dono e o dono não tem alma, são corpos com almas várias que vagueiam por quererem perder-se.

Desinteressado, sobretudo! Mas sobretudo interessado em saber viver com sentimentos de lágrimas e sorrisos de dentro, com alma viva e sol de inverno que acalenta emoções sem ferir com engano, mas apenas ferir para se poder sentir.

Desinteressado sobretudo por saber sentir-se.

PALAVRAS COM VIDA PRÓPRIA.

Cada palavra, cada frase, cada conotação.
São flechas que me espetam e esventram.
São facas afiadas que me ferem aguçadas.

Leio e releio, torno a ler e a reler.

Revejo-me em cada letra, em cada palavra, mas não imaginava o quanto as mesmas eram proferidas com almas várias, que precisavam de ser cuidadas como quem cuida por amar, que necessitavam de ser alimentadas como alimentos já saciados.

Julguei ser única, julguei ser única mulher de tão belas palavras proferidas com alma, apenas por me amar.

Afinal são apenas palavras como tantas outras.
Afinal são frases que julguei feitas para mim e por mim.

Como pude ser a ingenuidade por me encantar por palavras com alma?
Palavras sentidas por conotá-las de vida.

Uma vida que vai para lá do entendimento.
Uma vida que lê e relê palavras com alma, por amar a escrita como quem ama a poesia.

ALMA CIGANA

Um dia alguém me disse que alma cigana eu tenho.
Um dia alguém me disse que emoções serão o meu karma.
Um dia alguém me disse que a busca seria a minha constante.
Um dia alguém me disse que tudo vivo e tudo sinto.
Um dia alguém me disse que a intensidade habita em mim.
Um dia alguém me disse quando alcançar a exigência, serei Eu.

Um dia alguém me disse e eu senti que me lia com alma.

Um dia alguém me disse e eu vivi encantada.
Um dia alguém me disse e eu acreditei ser amada.
Um dia alguém me disse alma cigana eu tenho.
Um dia alguém me disse...

Cigana...

E eu apenas me encantei com tão doce palavra que por mim chamou e eu cuidei que amou.

APENAS NÃO EXISTO

Envolta num manto queria eu estar
Abrigada de chuvas e me ausentar

Entrelaçada em braços gostava eu de sentir
Ser protegida e amparada por me existir

Serei sempre enseada, agraciada e encantada
Serei igualmente uma alma mal amada

Amar e amor, tenho tanto para dar
Apenas existo sem poder partilhar

Sou fonte cheia e poço sem fundo
Pranto louco e puro de pouco lamurio

Serei sempre ouvinte e nunca pedinte
Serei eu também apenas convite

Almas cuido por delas amar
Sem ninguém por mim apenas zelar

Por me ser assim terei que me ausentar
Até por fim saber como serei sem amar

PEQUENOS GRANDES MOMENTOS

A vida é feita de momentos.

São momentos de felicidade que se tornam num ápice numa eternidade.
São momentos pequenos que ficam infundáveis por serem incontrolláveis.
São momentos que resultam de uma ânsia por satisfazer e que faz doer.
São momentos de uma luta constante por um pouco de prazer.
São momentos em que dizemos, queremos mais por satisfazer.

A vida é feita de pequenos momentos.

São momentos que por serem pequenos se tornam especiais.
São momentos que por serem especiais se eternizam ainda mais.
São momentos de verdades ausentes que queremos viver.
São momentos de saudades presentes que sentimos sem querer.
São momentos de prazer e crueldade que gostamos de quebrar.

A vida é feita de feitos sem momentos.

São momentos comuns a ambos e cúmplices de tudo.
São momentos de leituras a dois e olhares a um.
São momentos de toques profundos e algo esquecidos.
São momentos de prazer fatal por não nos querermos mal.
São momentos de palavras ditas e também sentidas.

A vida é feita de grandes momentos.

São nos pequenos momentos que os vejo grandes.
São nas cumplicidades do nada que não sinto a alma.
São ouvintes vários que cuidam em plenários.
São momentos pequenos que se transformam em grandes.
São momentos...

São isso mesmo, momentos da vida que a diferença faz crescer.
São momentos...

De prazer, de ler, de ouvir, de falar, de sentir, de tocar, de aplaudir, rir até, chorar também, dançar sem música, pensar sem razão, criar com ambição, mudar sem opinião, vencer sem ser vencido, correr sem destino ter, amar sem amar, sozinho ficar, isolada ausentar, são momentos...

São isso mesmo, momentos que diferenciam a grandeza de saber viver.
São isso mesmo, momentos que nos saboreiam e nos sugam sem saber.
São isso mesmo...

Momentos pequenos que se tornam efémeros apenas por serem momentos e exíguos também.

ESCREVO, ESCREVO E NADA DIGO

De noite pairam no ar memórias infindáveis que eu gostaria de escrever.
Adormeço a pensar que as irei colocar em papel sobre tinta onde as possa dissertar.

É manhã, acordo e nada de uma memória tão presente é resultado de uma escrita que deveria cumprir-se.

Elas voaram com o sonho e não mais me visitaram durante as horas que um dia se fez.

Volta a ser noite e as mesmas regressam, como se quisessem lembrar-me que ainda ali estão.

Adormeço novamente a pensar que o papel e a caneta deveriam comigo pernoitar.

Já é dia e recordo a escrita que não foi escrita, por não ter caneta nem lápis, nem papel nem vontade para me levantar.

A preguiça tornou-se minha inimiga e a memória minha aliada que, sei durante o dia novamente irá trair-me, com ausências de ideias e reflexões que em mim habitaram em noites por escrever.

Volto a ficar frustrada por me querer lembrar o que outrora voltou a visitar-me e, apenas voou como quem numa noite não mais irá voltar.

Acordo e vagueio-me em lembranças por querer escrever o que soube ser musa e não me fez querer.

Querer escrever o que me vai na alma.

Querer escrever o que me visita.

Querer escrever o que me perturba.

Querer escrever o que é pecado.

Querer escrever o que é vida.

Será que um dia saberei ser vida escrita?

Será que um dia serei eu mesma a escrita da vida?

Será que um dia a noite me visita e o dia também?

Será que um dia trocarei as memórias por memórias de alguém?

Se memórias importantes forem serão mais tarde reveladas.

Não interessa se me visitaram ou até visitarão, quer seja noite quer seja dia.

Importa sim, saber que serão elas as musas que me inspirarão, por saber que um dia voltarão.

Escrita, escrevo, escrevo e nada digo.

Nada rabisco e nada redijo.

Não sei escrever como poetas.

Não sei falar como profetas.

Não sei nada e nada saberei.

Sei fazer um pouco de tudo e nada de nada.

Não tenho profissão nem sei o que é ter mão.

Apenas escrevo sem saber escrever e divago por me querer ser...

Acordei cedo, muito cedo mesmo, estava sem sono e fui ler, depois acabei por estudar e até dissertar um pouco sozinha no meu mundo imaginário.

Escrevi esboços de palavras gastas e usadas, desenhei letras e rasurei com vontade, machuquei papéis e rasguei escritos sem nexos.

Deambulei pela casa, matutava e voltava a matutar, mas nada, nada saía desta cabeça que estava cansada, deste corpo que estava fatigado. Apenas sabia que tinha que escrever, sabia que ao escrever, o stress iria dissipar-se como o sono se evaporou.

Era constantemente invadida por emoções vividas e sensações perdidas. Os sobressaltos entravam pela minha alma quando as ideias me perseguiram, mas logo, logo decidi que não era o tempo certo para escrever o que me inquietava.

Queria apenas escrever o nada, queria apenas escrevinhar a inutilidade, queria apenas rabiscar insignificantes palavras como agora as escrevo. Ou seja, nada, apenas um mergulho infinito de frustrações e atropelos de palavras que querem vingar num mundo literário.

Lutam entre si e disputam lugares que sabem estarem à partida condenados por séculos vindouros, mas enquanto reinam querem impor respeito, ditar normas e satisfazer prazeres.

Sabem que têm um dom, sabem que podem usar quem delas precisa, sabem que são reis e rainhas em mentes brilhantes e entendimentos sem razões. São elas, são as palavras, as letras que as compõem que comandam a vida, que embelezam a arte, que cuidam até da morte se preciso for.

São palavras com nexos e sem nexos, mas são palavras, são sabedoria, são rasto de história e vínculos de idade sem tempo.

São a beleza e a pureza quando querem.
São a crueldade e a ganância quando ousam.
São sentimentos calados quando silenciam-se.

Mas são Senhoras e Donas de si mesmas.
São alma e gente sem donos, sem preconceitos e sem limites.

Por isso se atropelam para num mundo vingar e, apenas proferirem alma com palavras escritas de dor e alegria.

São elas, as palavras...

DEI-TE A MINHA ALMA!

Sinto-me estupidamente perdida, sinto-me triste e com uma solidão a que não estou habituada, não me entendo.

Adoro estar sozinha e faço muitas vezes por isso, aliás, agora mais do que nunca preciso do meu espaço, necessito dele para poder apenas comigo partilhar a minha alma, contudo, este espaço, esta solidão é diferente pois, magoa-me, fere-me e atinge-me como se fosse sufocar-me no meio de um nada.

Sinto-me cruelmente abandonada por quem eu queria que de mim cuidasse, mas vejo que os contos de fada existem apenas em livros de histórias de encantar, a meninice habita apenas numa inocência de pureza imaculada.

Na vida não existem histórias de encantar, não existem finais felizes e não existem príncipes e princesas, fadas fascinadas e cavaleiros protectores.

Serei sempre uma busca de mim, serei eternamente uma conquista em olhos alheios, sem me olharem para dentro, sem me verem o que sou, apenas extraem-me o corpo e tiram-me o brio sem saberem que dou e o que de melhor tenho, a minha alma.

Entrego-me com a mesma facilidade com que me retiro, contudo, na entrega da minha alma e somente alma, a minha entrega é sempre acompanhada de alegria exuberante, de loucuras compostas e devaneios por sentir. O recuo é diferente, é doloroso, acompanhado de lágrimas e tristeza, de solidão e mais solidão, de tudo o que me afoga, me mata e me sufoca.

Irei ser sempre a eterna sonhadora, cairei vezes sem conta por querer acreditar que, um dia também eu poderei ser a mulher por desfrutar, sem apenas no meu corpo habitarem.

E assim será a minha vida, um alimento por saciar sem ser alimentado por não acreditar. E assim serei eu, uma entrega ausente, sem corpo para dar, mas com alma para partilhar.

Estava sozinha num deserto árido e solto de areia fina.
Caminhava e pensava, divagava e andava.

Sem rumo, sem destino e sem porquê, sentia-me assim, a deambular sem sentido, sem nexo e sem orientação. Não existia nada e não existia o tudo, no entanto, também não havia o intermédio, havia apenas eu e a areia branca num deserto árido e sofrido.

Começava a sentir-me perdida, a sensação de desfalecimento começava a apoderar-se do meu ser, o abandono da minha alma começava a ser visível, mas não queria desistir.

Estava coberta de roupas e mais roupas para que o calor não me tocasse e eu pudesse aguentar o mais tempo possível, contudo, atrevi-me a despir-me para sentir-me de modo a não me perder. Talvez assim a dor do calor no meu corpo semi-nu me mantivesse acordada. Enganei-me, a dor começou a ser igualmente ignorada pelo meu corpo, a alma começou a abandonar-me e a calma iniciou o seu processo de invasão em mim.

Deixei-me cair na areia branca e fina. Sabia que não podia desistir, sabia que se ali permanecesse morreria sem corpo, sem alma e, apenas seria pó enganado com areia fina. Tinha que ter energia, tinha que me forçar a levantar-me para poder caminhar sem rumo e sem fim à vista, mas tinha... a minha mente falava-me e incitava-me a ir e outras vezes a ficar. Eu perturbava-me com tais dúvidas e, enquanto não as dissipasse deixava-me estar, ficava assim, quieta e imóvel para que me levassem sem saber se iria ou ficava.

Senti um abraço a aconchegar-me, um abraço que me protegeu e me amparou. A firmeza dos seus braços era algo notável, era a pujança do homem que a mulher preza quando usada de forma sensível. Era um toque leve mas com a força e a garra que me podiam desfazer em areia branca, igual à do deserto árido e solto.

Temi por instantes essa força que me amparava e, paradoxalmente teria todo o efeito em mim, por saber que um simples impulso me esmagaria e, me tornaria a mulher de areia branca que em estado puro já me deparava, por já estar solta e espalhada como a areia fina e árida também se encontrava.

Contudo, não o fez. Pegou-me ao colo e levou-me nos seus longos e fortes braços, deslizou-me pelo corpo dele de modo a poder proteger-me ainda mais.

Acordei...acordei de um sonho ou de um pesadelo? Não sei, sei que me encontrava numa tenda recheada de cores fortes e garridas, de fruta fresca e água límpida. Será que acordei mesmo, ou será que o meu corpo ali ficou, naquele deserto árido e branco de areia fina, e agora me alucina por saber que me irá consumir.

Belisco-me e não me sinto, procuro os braços que julguei ampararem-me e não os vejo, apenas alucino cores místicas, ausentes e ao mesmo tempo presentes.

Não me sinto, não me vejo, apenas olho e vislumbro o que penso serem alucinações, por saber que a calma está a percorrer o meu corpo, a invadir a minha alma, e a consumir o meu ser.

Serei eu o pó misturado na areia branca e fina do deserto árido e quente de um abraço desértico? Serei eu apenas pó...Serei?

LÁGRIMA

Estava sentada e a lágrima caía, tentei de algum modo escondê-la para que ninguém a visse, mas ela soltou-se com a facilidade estrondosa que queria e não hesitava.

Deitei-me em cima da relva e voltei a limpar uma outra lágrima, e outra e mais outra, e assim foi, lágrimas a soltarem-se de forma violenta e sem controlo. Contudo, de vez em vez a lágrima parava e eu apenas sentia, apenas observava sem ver a lágrima. Cessante quase a querer novamente soltar-se, ela reaparecia tomando conta da alma e do corpo.

Era a angústia, era o receio, era o desequilíbrio total, o desânimo e a solidão a levarem o que apenas restava, ou seja, a lágrima.

Uma lágrima que acompanhava sem hesitar e se soltava sem perguntar.
Uma lágrima que se perdia com vontade e se escondia sem desejo.
Uma lágrima que se transformou no conforto de uma alma sem consolo.

Uma alma que não sabia onde estar, o que fazer, o que dizer ou até mesmo o que pensar.
Uma alma sofrida com lágrimas soltas e presas também.
Uma alma que sei viver em angústia e sofrimento, apenas sei, e não me perguntem porquê, mas sei.

Sei também que serei eu a tua mão que a lágrima irá limpar.
Serei eu a tua protecção e a tua força, a tua alegria e a tua paixão.
Serei eu a tua musa que te enxuga a lágrima que teima em soltar-se.

Não mais irás chorar, não mais essa teimosa lágrima irá derramar-se sobre ti.
Se algum dia chorares será apenas de alegria, por seres que te sentes bem.

Nessa relva molhada de lágrimas sofridas irás um dia sentir que, foi igualmente palco de lágrimas alegres, de lágrimas de rir e gargalhar, de lágrimas soltas com vontade de chorar, apenas e só porque queres e sentes o sabor de saber o que é ser feliz.

Lágrima, lágrimas... e mais uma lágrima e outra, são lágrimas soltas e tristes, doridas e sofridas, foram as lágrimas de dor e com dor que um dia senti que precisavas de mim.

Aqui estou e aqui estarei, serei a tua lágrima, mas apenas a lágrima alegre que te fará sorrir.

DESCANSAR A MORTE

Que dia este, que dia infernal que estou a viver.

Não me consigo aguentar, tudo me dói, tudo se desmorona, desmancho-me de fortes ausências de força, sem conseguir lutar contra esta fraqueza que se abate em mim.

Sinto-me fraquejar, sinto-me dolorosamente sem energias até para escrever.

O que faço quando assim me sentir?

O que faço quando perco a concentração?

O que faço quando não sinto o corpo?

O que faço?

Sinto-me perdidamente ausente, apática e isolada de tudo, solitária e apenas queria deitar-me, aconchegar-me num qualquer local e adormecer.

Sinto-me tão cansada, profundamente esgotada, sem vontade para em lugar algum estar, e sem coragem de conseguir andar.

Deixar-me ficar e isolar-me de tudo o que me rodeia, seria a melhor maneira de voltar a ter a energia e a força que sempre habitaram em mim, mas quando a fraqueza nos é alheia, quando ela toma conta do nosso corpo, a nossa alma luta, mas não consegue encontrar a porta de saída, nem uma janela onde possa pular e sair de um corpo inerte que luta para conseguir manter-se equilibrado.

Estou a perder-me, sinto que estou fraca, sem forças para levar o que quer que seja à boca, não consigo nem alimentar-me, nem tão pouco isolar-me por saber que é ali que vou buscar as forças.

O que faço?

Não sei, sinceramente não sei.

Que me levem e façam do meu corpo inerte e sem forças o que quiserem.

Não me importo, quero apenas deitar-me, quero apenas adormecer, quero apenas...

Adormecer, quero dormir profundamente e não mais acordar...simplesmente quero.

Deixem-me dormir, esquecer-me de mim, deixem-me repousar, deixem-me apenas...

Quero descansar a morte e acordar a vida...

MERGULHO-ME APENAS

Enchi a banheira, coloquei um pé dentro da água já quente e de seguida o outro. Deitei-me e mergulhei na água quente que deitava vapores de tão viva que estava. Estava mais viva que o meu próprio corpo, que a minha própria alma.

O cheiro perfumado que a água deitava fazia-me ficar inerte e ali repousar. Ao som de Enya estava e assim permaneci.

O silêncio que a melodia cantava, encantava-me por me aconchegar e amparar. A água foi a minha protectora, a música a minha companhia e o meu estado, a minha postura de silêncio calmo.

Estava aparentemente tranquila, sem nada que me atormentasse a não ser a angústia que teimava em me perseguir, a não ser a solidão que queria permanecer, a não ser a tristeza que insistia em ficar, a não ser...

Estava de facto aparentemente... pois tranquilidade queria sentir, sossego e paz queria viver, mas não conseguia.

Porquê?

Porque me sinto assim tão fraca, tão inerte e com vontade apenas de me deixar ficar nesta frescura de água quente que me alivia de tensões diárias?

Porquê?

Porque quero eu permanecer mergulhada e ver-me soltar, ver os meus cabelos pretos a boiarem sozinhos na água, ver o meu corpo nu, gasto pelo tempo e sem cor de tão abatida que me sentia?

Porquê?

Porque é que as forças me abandonam numa constante rotina que não era habitual e parece ter-se tornado tradição?

Enya, música companheira de momentos cálidos, melodia quente que se repete vezes sem conta por me trazer paz sem a ter, acompanha-me e eu serei a tua sereia em água quente e perfumada, serei esquecida para poder apenas descansar e não mais acordar.

Mergulho-me em água quente e perfumada e ali permaneço, na companhia da melodia com a protecção de água aromática.

Mergulho-me apenas para me esquecer.

Mergulho-me apenas para não mais existir.

Mergulho-me apenas...

COMO É DIFÍCIL ABRAÇAR COM ALMA

Sinto-me só, um abismo se aproxima e eu hesito em cair.
Busco um porquê sobre um não sei quê.

Tenho saudades..., pensamentos vazios e igualmente dolorosos assombram-me a alma.

Tenho consciência da dor e pacificamente retiro-me.
Retiro-me de uma mensagem que de todo não esperava, a dor foi mais forte.
Não quis causar estragos, receei muito, no entanto não fugi.

Permaneci intacta dentro do carro horas e horas, horas a fio e horas sem horas, por elas próprias fazerem questão em me abandonar.
Deixei-me estar, mas não estava, apenas fiquei com a leve esperança de ver, de sentir, de tocar, contudo, apenas sozinha estive.

Inutilmente viajei sem destino com destino traçado.
Vagueei sorrisos e abraços sentidos, dormi um sonho e acordei num pesadelo.

As horas passaram e eu detive-me, mantive-me leal ao local que me amparou, para depois me abandonar no momento a seguir.
Lágrimas leves caíram sem som, pensamentos inertes invadiram-me a mente por ali ficar.

A esperança acompanhou-me, não quis desistir, não queria estar sozinha, mas ali fiquei.
Tencionava fechar os olhos e adormecer, mas as lágrimas não me permitiram, obrigando-me a suportar a dor.

Retirei-me olhando cada minuto, cada segundo, cada lugar, cada canto, cada espaço e nada.
Retirei-me e segui para debaixo de uma arcada na companhia da esperança e, de novo nada.
Retirei-me fixando o rosa como cor de fundo e, novamente nada, continuei confiante mas nada.

Vagueei novamente sem destino com destino estragado.
Parei em parte incerta e, novamente me perdi numa ausência constante que me acompanhava e fingia, perdi-me numa voz sem som e num abraço sem corpo.

Caminho agora lado a lado com o rio, vejo bancos vazios que me acompanham neste percurso.
Imagino folhas soltas de Outono quente, mas são folhas verdes de Primavera fria.
Sento-me num deles e ali permaneço imóvel, inerte, sem pensar e apenas sentir.

Sentir a maior companhia que podemos ter enquanto sozinhos estamos.
Sentir a solidão, a tristeza, a angústia e um sofrimento calado.
Sentir a incompreensão de um destino sem tréguas, de uma luta sem fim e de um cansaço sem retorno.

Voltaram as horas e quando me acordaram, vi que já era tarde.
Decidi retomar forças e equilibrar espíritos, decidi reforçar sentimentos e amparar a alma.

Louca Sensatez

De novo entrei no carro e de novo ali quis ficar, fazer companhia à noite e ver o céu estrelar.

Mas sei que era pedir-me demais, por isso avancei, avancei sem retorno ao rosa e sem regresso às arcadas.

Agora aqui estou, novamente no meu canto, a escrever palavras sem nexos e memórias sem memórias, dissertar sobre um dia complexo e sentir vazios por recheiar.

Queria apenas um abraço, apenas um, mas nem isso consegui.

Como é difícil abraçar com alma.

Porquê?

PALAVRAS COM DOM

Foram vocês palavras que me ensinaram a amar.
Foram vocês palavras que me seguiram e eu persegui.
Foram vocês palavras que me esventraram sem eu pedir.
Foram vocês palavras que me salvaram sem me acudir.

Não Vos culpo.
Culpo-me por Vos acreditar.
Culpo-me por Vos deixar levar-me.
Culpo-me por Vos querer bem.

Sempre Vos amei e agora numa teia me colocaram.
O palco montaram e a plateia convidaram.
Fizeram o enredo e eu personagem Vos vivencio.
Amarram-me a Vós com a Vossa própria força.

Palavra por palavra, saberei compreender-Vos.
Saberei suplicar por Vos amar até demais.
Mas não saberei escrever-Vos, ler-Vos ou ouvir-Vos.
Dói demais interpretar-Vos sem me conhecerem.

O Vosso Dom cuidou de mim, acordou-me e renasci.
Amei-Vos por me terem cantado, um sabor de doce encanto.
Em pedestais quis que ficassem e assim me adornassem.
Feris-me agora com a mesma palavra com que me renasceram.

Palavras com tacto e poder, com cheiro e com sentidos.
Palavras que Vos cuido, mesmo não sendo cuidada.
Palavras que Vos amo, mesmo não sendo amada.
Palavras que Vos canto, mesmo não sendo cantada.

Ser-Vos-ei leal, cuidando não me acreditando.
Colocar-Vos-ei num pedestal, mesmo já quebrado.
Suplicar-Vos-ei em pranto, embora já sem manto.
Ser-Vos-ei escrava e servir-Vos-ei sem mando.

São Palavras com Dom.
São os Dons da Palavra.
São tocadas mas não sentidas.
São sentidas e não tocadas.

São apenas palavras sem gestos e sem rosto.
São apenas palavras com escrita e com leitura.
São apenas palavras com faces e sem face.
São apenas leves palavras que se tornam pesadas.

Mas são Palavras com Dom, o Dom de Amar sem tocar.
São Palavras com Dom...

Em outras vidas senti a dor de ser apedrejada com pedras.
Nesta vida sinto a dor de ser apedrejada sem pedras.

Pedras... são úteis para construir castelos, não chegam as que me atiram, preciso de mais, mas muitas e muitas mais, a fortaleza deve ser resistente e, ainda são muito poucas as que senti sem me ferirem.

Quem eu queria que me protegesse é sempre quem a primeira pedra atira, supostamente deveria ser ela a que melhor me fortalecia. E será, apenas precisa de tempo para ser colocada em local certo, de modo a não se desfazer com pedras alheias que mossas não fazem.

Atirem mais, quanto maior for o muro, mais resistente me tornarei.
Projectem assertivamente de modo a não me deixarem mais muros construir.

Não conseguem pois não?
Mesmo dando-vos todas as dicas e truques, não alcançam.
Bem me parecia.
Todas as que até então me atiraram, aproveitei-as em cada buraco, em cada canto e cada local, de modo a poder me certificar que também eu poderei ser cruel, ser igualmente acutilante e deveras invencível.

Saberei com as vossas pedras proteger-me de infiéis e desleais.
Saberei construir castelos sem muros por os mesmos serem vitais.

Não me derrubarão com a facilidade que me derrubaram em outras vidas.
Não me destruirão com a falsa agilidade que pensam ter, mas não detêm.

Serei sempre invencível, serei eterna inatingível, serei uma constante lutadora.
Lutarei sempre, seja com ou sem dor, mas desistir nunca será o meu lema.
Por isso, apenas vos peço, preciso de mais pedras e, de preferência de quem diz que bem me quer, assim mais facilmente me tornarei mulher.

Mulher guerreira sem guerrear, mulher moderna sem protestar e mulher com M grande por me saber elogiar.

Preciso de pedras, serão elas a minha fortaleza, a minha protecção e a minha maior ambição.
Cada pedra, cada lágrima, mas cada lágrima, cada muro. E... em cada muro, uma história, uma dor e uma conquista.

Ser-me-ei sempre leal por tantas pedras já atingidas, mas nunca derrubadas, pois continuo de pé, ativa e sem medo, pavor até, de verdades falar e realidades sentir.

Pedras... são vocês o meu sustento de força e crueldade, quando delas também preciso.

CINZAS DO NADA

Não tenho palavras para descrever o que sinto, não consigo encontrar as palavras certas para descrever um estado de espírito que nem eu própria consigo identificar.

Parece que sou constantemente perseguida por pessoas que me querem bem mas fazem-me mal.

Só posso ser uma pessoa cheia de defeitos por desvendar, que outros os vêem, mas eu ainda não os atingi, não os consigo ver nem sentir, apenas sei que os mesmos existem por constantemente me magoar, sei que vou ter que os buscar, vou ter que os procurar ou até mesmo inventar, mas terei de saber por onde começar, ou mesmo por onde terminar.

Quanto mais conheço as pessoas, quanto mais me dou, quanto mais despida fico, mais irreconhecível me torno, apenas por descobrir que sou exactamente igual a tantas outras, sem pudor de escrever o que na alma me vai, nem receio de ser apontada por dúbias interpretações de má fé, pois sei que sou um nada.

A minha consciência é o meu guia, a minha alma é a minha virtude e o meu Eu, sou eu, assim, nua, despida e apedrejada sem pedras, mas com dor de quem as levou e sempre as sentiu.

Como gosto de escrever, oh meu Deus, como gosto de me isolar e sozinha ficar.

Como gosto de me conhecer melhor, cada vez que cada letra se solta e se fixa em papel ou ecrã.

Como gosto de saber que existo e apenas a escrita me compreende como nunca ninguém me compreendeu.

Como gosto de me entregar, mesmo cansada, exausta, completamente entorpecida de dor, mas viva, nem que seja viva para um nada.

Sentimentos para quê, sorrisos para quê, gargalhar ou rir, chorar ou sofrer, o que importa? Amar ou odiar, para quê? Não sei. Não sei. Não sei.

Sei que são as letras, as palavras que me soltam, que me apaixonam, que me fazem vibrar, crescer e aprender, viver e também morrer, para um nada me tornar.

Viverei com as palavras na escrita e morrerrei na escrita com as palavras.

Assim, serei irreconhecível, sem conseguir sentir, chorar ou rir, apenas escrever, mais nada importa, nada interessa, pois nada confesso, pois nada acuso, porque sou o nada.

Os meus dedos param, a minha mente divaga, o meu coração palpita e a minha alma anseia, mas o nada invade-me e, de nada me adianta saber o que sempre esperei e o que sempre aguardarei, será igualmente o nada, por nada também saber que nada serei.

Não sou nada, nada mesmo, sou o que os outros querem que eu seja, sem me quererem assim, como nada me tornei.

Não sou nada, eu sei, mas sei que o meu nada é a minha vida e, com ela terei que aprender a viver, mesmo sabendo que nada devo esperar.

Viverei com o nada e para o nada, pois em nada me tornarei a não ser em cinzas, cinzas vindas de um nada que em mar devolvarei.

Sinto um turbilhão de emoções que me despertam para tudo o que é revolta, ciúmes, pensamentos conturbados, confusos, enrodilhados em teias de aranha feitas de arame farpado, sentimentos desgraçados que me fazem sentir o inexplicável.

De manhã cantei, gritei ao volante, estava contagiada de alegria, sorria, ria e gargalhava. A meio da manhã, ansiedade e desespero visitaram-me.

Ao almoço, solidão, divagação, passeio ausente, condução distante. Ao início da tarde, euforia, nova ansiedade, compenetração, profissionalismo, mas ausente. A meio da tarde, inquieta, séria, calada, preocupada e muito, mas mesmo muito prevenida.

Ao final da tarde, convicta, assertiva, entusiasmada, esperançada e orientadamente dissimulada.

Vadia crente por saber que protegida estava, pela distância e pelo amor, pela raiva e pela tristeza, pela amargura e pela mágoa, pelo abrigo sem protecção.

Ao início da noite, revolta, muita revolta, desespero, ciúme, solidão, angústia, impotência, ineficiência, foi o que mais me marcou por variadíssimas razões.

Num único dia consegui sentir o Sol, o seu raiar, o seu despertar, o seu calor e, à medida que o dia crescia, as nuvens visitaram-me, preocuparam-me chuvas miudinhas que me molharam mas que não fizeram moosa.

O dia parou e a chuva miudinha começou a trepar-me para se manter imóvel sobre o meu corpo. Quando dei um passo, o dia resolveu avançar, enganando-me com nuvens brancas embriagadas de chuvas fortes. Desimpedi caminho e avancei sem temer o tempo e, comigo o dia avançou também.

Caiu a noite.

Quis derrubar-me, pois senti esse abalo sísmico em mim, mas mesmo assim resisti. Uma hora, outra, e mais outra, novo tremor teimou em visitar-me de forma frenética. Não resisti, caí e deixei-me estar, deixei a terra levar-me, engolir-me e sufocar-me.

Não quero saber de forças nem de fraquezas, de justiça ou de injustiça, de amor ou de ódio, de bom senso ou atropelos, não quero saber de nada, porque quando sei de algo, esse algo acaba por ser a minha desgraça, o meu desamparo, a minha nudez, a minha alma rasgada de dor, entorpecida e atropelada de revoltas que me fazem esmurrar os dedos contra a parede e parti-los sem dor.

Trinco-me até sangrar, odeio-me tanto que sou capaz de esganar quem à minha frente se depositar.

Como sou estupidamente inocente, um asno na sua verdadeira ascensão da palavra, por me deixar, por me abandonar, por me preocupar e de nada resultar.

A impotência em ser forte, em ser alguém, em ser-me leal, visita-me e invade-me, refugia-se em mim como se fosse eu que a fosse proteger e, não consegue perceber que a desprotegida sou eu.

Deixem-me de uma vez por todas, não é pedir muito, pois não?

Deixem-me matar-me, afogar-me, incendiar-me... deixem-me sozinha, voem para longe de mim, não quero ninguém à minha volta, não quero ser vista nem visitada, não quero ser tocada nem ouvida.

Quero apenas que me deixem em paz, quero apenas serenidade, quero... mas estou cansada, cruelmente fatigada de tanta luta, de tanta dor, de tantos sentimentos sem razões aparentes, mas que me consomem e me esventram.

São assim, teias de aranha que rapidamente se tornam em casulos de arame farpado.
São assim, mossas da vida que nos saboreiam como predadores, sem pressa de alimento.
São assim, teias vivas, casulos mortos, arame dorido e presas perdidas.

A VIDA DE UMA TELA POR PINTAR

Pintei a minha vida de rosa, mas nunca gostei desta cor berrante que desfoca imagens reais, que choca quem me olha de fora, e não alcança o que está por dentro.

Caminhei colorindo trilhos e atalhos, amarelo vivo e verde esperança alimentei.
Foram muitas as vezes que esbarrei em cinzentos céus e salpiquei-me de azul celeste.
Escondi cinzas pintados de preto por trás de um sol queimado de dor e amor.

O destino quis que o sangue boi me visitasse e me prendesse nesta tela infinita de cores esbatidas, colorações pastéis que se tornaram negras quando revirava o quadro, espelhei-o em mim de forma a ver-me e usar-me sem pudor ou rubor.

A nudez escondeu-me, não pela ausência de alma, mas pela presença da cor.
Deitei-me em telas grandes e pequenas, quadradas e redondas, mas deitei-me em tintas de cores fortes, estreladas em céus de Verão, e escuras de asfalto cinzento.

Vermelho paixão pintei-me para não mostrar solidão.
Verde esperança presenteei-me para ocultar desespero.
Amarelo garrido gostei por ser o meu lar.
Laranja esbatido cobri-me para me proteger sem par.

Os negros foram-me dados sem pedir, como as cinzas também o fizeram.
Azuis sejam celeste, turquesa, mar ou céu, foram e serão sempre azuis.

Branco, este ponderou o desejo, a pureza ausente e a angústia de uma luta infrutífera.

Deleitei-me nesta mistura de garridas e fortes cores com a cumplicidade das suaves e pastéis colorações que, me esconderam a alma e me vestiram o corpo.

Mascarei-me com todas elas e, com elas todas fiz igualmente o quadro da minha vida.
Deitei-me despida, sentei-me semi-nua e em pé fiquei, por estar coberta sem coberta, mas sempre colorida, pintada e enfeitada de rosa horror e preto camuflado, amarelo de paz e branco angustiado.

Mergulhei-me nas tintas que me escorregaram pelo corpo sem mãos para me pintarem, pelos toques ausentes para me acordarem, pelos olhares penetrantes para me mancharem.

Fiquei reconhecivelmente irreconhecida por saber que observo e não me vêem, olho mas não me sentem, sinto mas não me desvendam, oiço mas não me calam e falo mas não me ouvem.

Pinto-me assim.
Pinto-me de vida forte, cruel também, mas ousada e fresca se quiser serei.
Pinto-me assim.
Pinto-me de vida e morte, sem doenças e sem curas e eternamente viverei.
Pinto-me assim.
Por dentro e por fora, saudosa e fogosa, mas serei pintada e não calarei.

Façam de mim tintas meladas, escorregadias e ardentes, o corpo de uma tela de museu sem dono, de olhares sem desejo e de toques com anseio.

Será fogo quando me tocarem.
Será ardor quando me sentirem.
Mas será dor quando me perderem.

Deixarei perder-me nas tintas da minha vida, no quadro da minha honra e na tela da minha mágoa.

Deixarei olhar-me nas cores que me visitam e na ausência dela também, pois o preto escondendo a luz, brilhará no céu por estar estrelado e presente também.

Serei vermelho, verde, pastel e turquesa.
Serei o fogo, o mar, a terra e o céu.
Serei furor, calma, terramoto e delírio.
Serei dor e paixão, amor e evasão, mas serei tintas de todas as cores, por todas elas me pintarem uma vida de uma vida que nunca terei.

Desforrem-se tintas, apoderem-se e violem-me, eu deixo.
Apenas porque também eu me desferrarei, pelo delírio, grito e chama que me chama sem queimar, mas que dói por amar.

SONHAR ACORDADA

Estava confortavelmente sentada no banco do carro de pernas cruzadas e outras vezes arqueadas, mas sempre em cima do tablier da viatura para melhor conforto me prestar. De banco ligeiramente inclinado, deixei-me ficar, lendo livros sem prestar atenção, olhando imagens sem as ver como são.

Estava longe, muito longe, fechei os olhos e coloquei as mãos entre as minhas pernas, assim fiquei e assim deixei-me estar, aconchegada e com uma sensação de arrepio, com uma nítida sensibilidade por entre as coxas, por a libido me ter visitado sem razão aparente.

Aparente sim, porque de aparências vive o mundo, mas a minha aparência era a transparência descoberta por sons quentes que me soltavam a alma e agarravam a imaginação.

Senti a tua voz sussurrar-me ao ouvido, senti a tua mão tocar-me no umbigo, senti as tuas pernas mexerem com as minhas, o teu corpo incessante a provocar-me a libido e, apenas a tua voz me fazia sentir assim, como uma espécie de nós no estômago, que me agarrava emoções, fertilizava sensações e desgraçava-me tentações.

Desgraçada sim, porque desgraçada me tornei quando te conheci e vadia fiquei quando te bebi.

Provei o veneno apenas com um beijo e com ele me quis matar.
Envenenei-me por me sentir bem e com ele quis ficar.

Sensações fortes que me fazem sentir viva, libertam-me a libido e recriam emoções, apaixonam imaginações e vibram músculos internos que me aconchegam por me fazerem sentir fogosamente delirante, por querer parar e não conseguir, por querer equilibrar-me e não decidir, por querer mais e saber não pedir.

És tu, foste tu, sim tu.

Que me acordaste do meu mundo que pacificamente estava, adormecida permanecia, por a vida me ter dado a monotonia que a todos dá.

Acordaste-me e agora quero voltar a adormecer, mas quero dormir nos braços teus para me sentir viva sem morrer.

Faz-me vibrar e gritar, penetra-me sem me soltar, esventra-me sem me magoar, mas aquece-me como a tua voz me aquece, e prende-me como as tuas palavras me prendem. Sente-me como dizes sentir, e lê-me como tantas vezes me lê, mas lê-me para ti e imagina-me em ti sem pudor, sem dois corpos e apenas um, como dois amantes incessantes, delirantes mas constantes.

Entrelaça-me em ti, pega-me ao colo e esbarra-me contra a parede, fecunda-me fundo para poder soltar gemidos que se sentem presos, sufocados por estarem adormecidos e, quererem viver como viva agora me sinto.

Oh meu Deus, como é bom saber-me viva.

Dói tanto, mas tanto, mas é uma dor boa de sentir, uma dor que me aquece sem pedir, uma dor ausente e presente, conturbada e convicta, uma dor com a sabedoria de se saber sofrer, sem culpada se sentir.

Estremeci e quando estremeci, os meus olhos abriram-se.

Estava na posição inicial, confortavelmente sentada no banco do carro de pernas cruzadas e outras vezes arqueadas, mas sempre em cima do tablier da viatura para melhor conforto me prestar.

Os meus olhos tinham adormecido e eu vivi um sonho.

Um sonho lindo de paixão, uma sensação louca de emoção, mas foi apenas um sonho.

Um sonho que é e será sempre um sonho, porque no dia em que ele em mim esbarrar, saberei acordar, para não me deixar adormecer e sonhar sem pesadelos viver.

UM CASO SEM CASO

Cada dia que passa mais me convenço que nesta vida nada vem ao acaso.
Escrevo com a alma sem pudor ou preconceitos.
Escrevo memórias passadas mas também presentes.
Escrevo memórias de outrem por me pedirem sendo ausentes.

Escrevo e escrevo, umas vezes com vontade, outras vezes por raiva, umas vezes por desabafo, outras vezes por desejo, mas escrevo, mesmo sabendo que dali nada sai, dali nada nasce, a não ser palavras sem nexos para quem a ler está, que por vezes pode subjugar-me num mundo imaginário julgando ser o meu, contudo, sei ser igualmente partilhado por inúmeras pessoas que escrevem na memória e na alma, mas não se permitem escreverem-se em papel.

E assim me dou, com a escrita, na escrita e para a escrita.
Mas como escrevi, nada acontece por acaso e, do acaso nasce o caso.

Um caso de vida ou de morte, um caso de amor ou de ódio, um caso de papel ou de tinta, um caso de escrita ou de rasura, um caso sem caso mas que pode ser um caso, é sempre um caso ao acaso que nasce sem causa de um caso ao acaso.
São casos que me recheiam de maravilhosas sensações, de fantasias coincidentes e telepatias sentidas, movem-me sem saberem, e sinto-as sem querer.

Sei que as sentes de igual modo, que estremeças quando me lêes e procuras palavras sem denúncia, músicas com sentido e melodias assertivas, e é daqui que nasce o caso sem caso com amarga telepatia.
Nascem músicas de tempos esquecidos que as procuro e não as encontro.
Contudo, encontra-las para mim, e para mim as dedicas como se os tempos que por mim passaram passassem também por ti, por me conheceres de um passado mesmo sem termos um passado.

E afinal, é um acaso sem caso, com uma amarga telepatia de sentimentos comuns, espantosas descobertas, maravilhosas sensações e admiráveis desencontros.
Quis o destino cruzar-nos pelos encontros descontraídos.
Quis o acaso teimar ser um caso sem caso, mas descobri-te e tu descobriste-me.
Vamos-nos descobrindo reciprocamente com palavras e músicas, com textos e divagações, com discussões sem razões, com devaneios sem meios, mas sempre, sempre com sentido de sentir, um acaso sem caso por desejarmos ter um caso para enganarmos o destino.

São casos da vida, sentimentos ao acaso com desejo de ter um caso, momentos inesquecíveis que nos fazem sonhar e igualmente divagar, enganar o destino por saber sermos nós os enganados por ele.

São casos da vida que a vida nos oferece mas teimamos em negar.
Negamos o inevitável aceitando o destino, desafiando os acasos e provocando os casos.
Refugiamo-nos em palavras, ocultamo-nos em textos, contudo, denunciemo-nos mutuamente em músicas oferecidas de letras sentidas.

Queremos mas não podemos.

Estás novamente à minha procura, sinto que precisas de mim.

Costumas visitar-me vezes sem conta, habituaste-te ao meu porto de abrigo e por isso não me queres deixar.

Eu também a ti me habituei e tantas são as vezes que em ti me abrigo, como em mim te albergas, refugio-me em todos os cantos que te encontro, procuro-te estejas na rua ou em casa, no carro ou na praia, no mato ou na cidade, estejas onde estiveres, necessitarei sempre de ti, aliás, como tu igualmente de mim precisas, pois se assim não fosse, não me procurarias agora.

Porque me procuras?

Porque me queres como tua companhia?

Eu sei porque te quero mas, e tu?

Saberás responder-me?

Não consegues perceber que não tenho valor acrescentado para ti?

Não consegues sentir que de nada valho a não ser a tua busca incessante?

É, acredita no que te digo, observa bem, observa e vê que cada vez que me procuras eu estou de braços abertos para te receber, mas sabes que também eu preciso de ti sem estares presente, sabias?

Somos cúmplices por te procurar e tu me pretenderes.

Somos coniventes por te desejar e tu me queres.

Mas estamos os dois sozinhos, por isso me procuras e eu te abrigo, de igual modo que eu te busco e tu me aconchegas.

É solidão, estás novamente à minha procura, sinto que de mim precisas.

É solidão, confesso-te que também eu te procuro, preciso de estar junto a ti, aconchegar-me de modo a protegeres-me num retiro teu e nada me cobrares.

Silêncio surdo, solidão barulhenta, silêncio ensurdecedor que me protege de ruídos doridos, caminhos percorridos e destinos sem caminhos.

Não me abandones agora solidão que de ti preciso.

Prometo de igual modo nunca te abandonar, de ti precisarei até ao fim da minha vida, eu sei que no fim dela serás tu a minha única companhia.

Foste, és e serás única.

Por saberes ouvir sem condenar.

Por saberes calar, por não falares.

Por saberes sentir, por não tocares.

Por saberes olhar, por não contemplares.

Por saberes gostar, por não saboreares.

Leva-me agora contigo.

De mim precisas eu sei, confesso que de ti igualmente necessito.

Imploro-te, leva-me contigo, prometo acompanhar-te solidão da minha vida, prometo que não te decepcionarei, saberei também eu ser a solidão da tua morte.

Não sabia se estava de férias ou de fim-de-semana prolongado, sabia que quando nestas aventuras andava, gostava de estar com o menos roupa possível, tipo t-shirt e calções, ou até mesmo apenas de biquíni e com chinelos de enfiar no dedo, cabelo solto e o mais selvagem possível.

Estava numa casa de madeira branca aparentemente velha e muito frágil, uma casa que ilusoriamente ao mínimo abanão se desfazia por completo. Lembro-me desta ser composta por vários andares e, cada andar que subia mais íngremes ficavam as escadas. Quando cheguei ao topo reparei que o telhado era composto igualmente por telhas, mas eram umas telhas diferentes, porque eram telhas de madeira branca com som de tijolo. Conseguia ver por entre janelinhas muito pequeninas os vários telhados da casa, telhados que compunham varandas onde pudéssemos de alguma maneira apreciar o mar e os desenhos que o mesmo esculpia.

Decididamente e através duma dessas janelinhas pulei para fora da casa e, coloquei-me numa dessas varandas sem varandim, feitas de telha de madeira branca com som de tijolo, encostei-me a uma das paredes da casa igualmente de madeira branca e, comecei a olhar para o fundo. Olhei para baixo e vi pessoas a brincarem na praia, eu estava longe, muito longe dessa praia que me parecia tão pequenina aos olhos do que dali eu podia vislumbrar. Consegui diferenciar uma bola por a mesma ser de fortes cores e estar nas mãos de uma criança.

De repente olho em frente e fico completamente deslumbrada com o que vejo. Ondas desenhadas pelo mar que brincavam com tubarões, baleias e porquinhos. As ondas faziam uma espécie de língua e os tubarões soltavam-se nela juntamente com as baleias, mas o que dava cor a este cenário eram os porquinhos de um tom rosado.

Incrivelmente as ondas conseguiam tocar no céu e, eu estava precisamente ao mesmo nível de ambas, contudo, nunca me apercebi que cada vez mais elas se aproximavam de mim e da casa de madeira branca aparentemente velha e muito frágil. Olho para o lado e vejo uma pessoa sentada um pouco mais à frente e precisamente a olhar para o mesmo que eu, mas para essa pessoa nada era novidade, pois o seu estado imóvel e pouco deslumbrado demonstravam isso mesmo. Quando estou precisamente a reparar nessa pessoa oiço as ondas baterem nas telhas de madeira branca e, o som que soltaram quando as ondas lhes visitaram foi um som de tijolo. Do meu lado direito a água escorria em forma de cascata, contudo, era como se estivéssemos completamente protegidos e pudéssemos ver aquele cenário tão perto quanto tocá-lo, era estranho, tenebroso até, mas sem qualquer receio ou medo estávamos.

Fiquei algo inquieta quando ouvi o mesmo barulho, mas agora mesmo por cima de mim. Sei que estava debaixo das telhas de madeira branca e com som de tijolo e igualmente numa varanda sem varandim, estava sentada numa espécie de telhado com telhado por cima. Continuei a ver os tubarões e as baleias, mas agora sem porquinhos de tom rosado para colorirem o mar com ondas pintadas de animais.

Não sei o que me deu, resolvi novamente olhar para o lado e, a mesma pessoa lá estava impava e serena como se nada daquilo a abalasse e já fosse habitual naquele sítio, este tipo de cenários acontecer, o que para mim só agora era novidade. Decidi olhar para o meu lado esquerdo e reparei que outra onda bateu fortemente numa janela estreita, mas a mesma resistiu como se a onda apenas fizesse uma festa na mesma. Enquanto a onda recuava, decidi entrar por essa janela para dentro de casa, mas reparei que por baixo da

janela não havia apoio para colocar os pés e poder trepar para ela, então, deitei-me no telhado da varanda sem varandim e com os braços esticados consegui alcançar uma gaveta branca de madeira que se encontrava mesmo por baixo da janela, abria-a e coloquei os pés na mesma, agarrei-me com força leve na janela, abri as portadas e por ela me enfiei. Já dentro da casa tive o cuidado de me debruçar na janela e esticando novamente os braços fechei a gaveta e, depois fechei a janela e as portadas, era como se tudo tivesse que estar impecavelmente no lugar.

Desci o primeiro lance de escadas e reparei que a pessoa que estava comigo na varanda sem varandim, estava agora a dormir profundamente um sono tranquilo, acordo-o e peço que se levante pois o mar iria devorar-nos como se fossemos parte integrante dele. O estranho no meio disto tudo, é que disse isto sem pânico, sem receio e com uma calma estupidamente surpreendida. Senti que a pessoa que outrora esteve comigo na varanda sem varandim e agora estava serenamente a dormir, não me era alheia, era até muito cúmplice e de uma partilha de intimidade que só um casal tinha.

Então como se aquele cenário tivesse mudado, já estava num outro lance de escadas para descer mais um andar e oiço novo estrondo, olho para cima e vejo a água a escorrer novamente sobre cascata no cume do telhado, como se as telhas de madeira branca com som de tijolo fossem naquele momento feitas de vidro meio fosco, pois conseguia ver a água por cima de mim, mas sem que a mesma em mim tocasse.

Chego cá abaixo e peço à senhora de uma idade muito avançada para desligar o fogão, fechar a porta da cozinha que dava para o jardim, pois o mar a nós iria chegar. Curiosamente quando faço este pedido à senhora de idade avançada e já completamente curvada pelo tempo, começo a raciocinar e a perguntar-me por que raio estaria o mar a invadir-nos por cima quando supostamente em baixo já deveríamos estar completamente inundados. Olhei para a porta que dava para o jardim e, reparei que as abóboras laranjas garridas estavam secas e o sol nelas esbatia calor.

Corri para uma sala onde sabia que estavam três crianças, abri a porta e a sala estava limpa, sem vestígios de água ou de qualquer inundação, contudo, apenas consegui ver duas das três crianças, olho para a direita e lá fora numa varanda mas agora com varandim, vejo a outra criança deitada num banco e adormecida ou entorpecida?

Senti que a criança ia ser devorada pela onda que apreciei lá em cima, mas quando olho para a criança deitada no banco, a onda recua como se de mim tivesse medo ou até me temesse, aproveitei o seu recuo abri a porta e peguei na criança, trouxe-a comigo para dentro e fechei novamente a porta. Quando já cá dentro estou, olho pela porta de janela transparente que dava para a varanda com o banco onde esteve a criança deitada, e vejo um autocarro vermelho tipo inglês a atravessar a rua mesmo em frente a nós, as rodas rolavam sobre água suja da terra, mas com um à-vontade como se apenas de uma chuinha sem importância fosse.

Olho para trás e vejo a senhora de idade avançada e curvada pelo tempo a encolher os ombros, como se eu fosse uma louca a querer proteger tudo e todos de algo que à partida já sabiam que protegidos estariam, pois a casa de madeira branca aparentemente velha e muito frágil, uma casa que ilusoriamente ao mínimo abanão se desfazia por completo, era a própria protecção que nenhuma força da natureza conseguia desfazê-la, e por incrível que pareça, a mesma não só abrigava os que lá moravam, mas amparava os que naquele local igualmente habitavam.

O ar sereno e a paz interior começaram a ganhar terreno face ao completo desassossego que por mim passou, não por temer algo mas sim por me aperceber que não compreendia o que não podia ser compreendido, essa paz, essa serenidade, começou igualmente a

Louca Sensatez

contagiar-me. Afinal estava também eu numa casa de madeira branca aparentemente velha e muito frágil, que ilusoriamente ao mínimo abanão se desfazia por completo.

Decidi a mesma que eu seria parte integrante da família, pois comecei a sentir a mesma protecção que dava aos habitantes, como se eu por lá já habitasse sem recordar o meu passado ou regressar onde nunca tivesse estado.

REGRESSA

Céu recheado de nuvens semi-carregadas de chuva e pigmentado de azul celeste.
O cume das árvores verde seco está molhado pelas lágrimas do céu.
Vislumbro ao longe uma casa de negro xisto, com queimaduras de uma chaminé incessante no seu trabalho e, que foi construída com tal propósito.

Nem sei porque comecei o texto desta maneira, talvez por ser a paisagem da janela do escritório e, que me acompanha vezes sem conta nos meus momentos de criação solitária.

Uma criação que nada cria e apenas inventa, nada recria e apenas engendra.
Passo o tempo à espera de um nada, também nem sei bem porquê.
Espero sempre que algo chegue e me surpreenda, me faça sorrir e esquecer.

Bem que esta cadeira pouco confortável do escritório me pode albergar, porque se espero tal feito, de facto nada melhor que esperar sentada, as pernas iriam doer-me como aliás me doem as curvas do corpo.

Queria esquecer-me do tempo e de mim, deslumbrar-me apenas com uma interjeição de surpresa ou até de alegria, apenas sentir emoção que parece se fartou no meu corpo habitar e, abalou para parte incerta pernoitar.

Sim, de facto estás no meu pensamento, não sei de ti há dias, estou preocupada, sinto que algo não está bem, preciso urgentemente de saber algo que me acalme a alma e me permita dormir com a serenidade que há muito não possuo, mas o tempo não urge como gostaria que urgisse, e por isso terei que aguardar até uma oportunidade surgir, só assim saberei se poderei agir.

Desrespeitarei a minha vontade e irei quieta permanecer.
Talvez não por muito tempo, apenas o suficiente para amadurecer ideias e me permitir atravessar caminho para de ti saber.

Tenho-te em mim com as saudades de escrever para ti.
Escrevo-me porque para ti não posso, mas escrevo-me com o pensamento em ti.

Uma pausa para pensar e novamente vislumbrar um céu recheado de nuvens semi-carregadas de chuva e pigmentado de azul celeste, um toque quase no céu feito de uma chaminé incessante no seu trabalho e, que foi construída com tal propósito, parte integrante de uma casa de negro xisto.

Regressei a ti mesmo sem te abandonar, apenas consegui em ti pensar enquanto escrevia o que não queria, mas teve que ser só para não mais me denunciar.

Regressa depressa e dá-me vida por me encontrar finda, regressa com as tuas loucuras de criador bravio que faz rir e chorar também, mas regressa.

As saudades começam a fazer mozza, começam a fazer-se sentir com dores de angústia sofrida por nada saber e apenas querer.

Quero-te como me quero, como nos queremos e apenas nos entendemos, sem toques e sem presenças, mas com a cumplicidade de quem há muito disso esperava.

Louca Sensatez

Regressa depressa, mata-me as saudades que de ti tenho, caso contrário matarei eu mesma tais vontades por em ti não me ter.

Estou deitada de costas para cima e tapada com uma toalha confortavelmente aquecida da cintura para baixo, os meus negros cabelos soltos misturam-se com o branco da toalha em que me embebo.

Sinto um arrepio quando uma gota fria me aconchega as costas, uns dedos fortes e de toques leves acompanham a gota com a cumplicidade de um cubo de gelo.

Sinto um semi-frio quase que transbordante de sensualidade, por ser a mistura perfeita em ambiente de cores fortes, velas fracas e aromas adocicantes.

Viro-me para ver quem me toca de forma tão quente, mas estrondosamente sou agarrada de modo a intacta permanecer, para apenas sentir o que quero igualmente ver.

Novo toque e novo arrepio, estou completamente desinibida por tal feito fazer o efeito que em mim provoca, sinto a toalha que meio corpo meu me tapa a ser desviada, para o meu corpo se denunciar sem se poder tão pouco calar.

Agora nua por um todo e despida até na alma, denuncio-me com aromas quentes de Verão. Rejubilo sensações e emoções, esventro-me por saber quem tal feito me provoca, mas a força com que me trava é maior que a curiosidade que em mim evoca.

Um as mãos massajam-me as costas besuntadas em essências de fortes fragrâncias, começo a sentir-me bem, relaxada até, a curiosidade começa a esbater-se para dar lugar a sensações perdidas, sentidas e irreflectidas.

Sinto uma venda a ser colocada nos meus olhos, o meu corpo já completamente oleado é virado sem queixume ou resistência, na boca sinto uns lábios carnudos agarrarem os meus, uma troca de línguas com mistura de sabores, travam conhecimento através de paladares adocicados de frutas frescas e esmagadas por tão nobres odores.

Embriagada de humidade aquecida, sinto novamente as mãos de cheiro doce e oleadas a tocarem-me no peito e descerem até ao umbigo, lubrificam-me o sexo com o mesmo óleo que me besuntaram o corpo, penetram-me tantos quantos dedos conseguem e, fazem-me vir até um gemido experimentar e assim me deixei estar, apenas a sentir.

De repente e sem mais não, sinto penetrarem-me como a força de um Leão, jorrarem-me óleos de perfumes vários pelo corpo todo, um calor incessante a queimar-me de prazer sem igual, acompanhado de gemidos e músicas estranhas para os meus ouvidos.

Solto breves suspiros e presenteio-me vezes sem conta por estar com a libido em adrenalina constante, uma completa loucura de prazer saciado e ainda por saciar.

Os breves suspiros passam a garras de prazer sem nome, solto as amarras e a fera que outrora em mim penetrou, passou também a presa, o predador assim me contemplou, e eu sem pudor acalentei tal pedido, com furor levei-o também eu ao cume do monte que Dante lhe chamou.

Ilogicamente e irracionalmente nos amamos sem amor, fazemos sexo com prazer e de animais racionais, depressa nos apelidamos de irracionais.

Louca Sensatez

Irracionalizamos o saber para nos presentarmos com prazer.
Presenteamo-nos com a sabedoria de um prazer carnal.

Mas acalentamos igualmente a delicadeza de um saber amar sem sexo, por sabermos ser um par sem igual, de nome comum e casal aparentemente com moral fora da cama, e sem moral dentro dela.

Assim sou, assim somos e assim quererei sempre ser.
Apenas sinto, sentimos o que não é passível de descrever, porque só sentindo é que se consegue saber.

Estou dentro de uma caixa e sei à partida que a mesma é actualmente um labirinto.

Caminho em frente pois não consigo ver nem saídas nem opções.

Se conseguisse ver pelo menos uma saída pela direita ou pela esquerda, sempre tentaria uma solução para a minha caminhada, mas não a vislumbro nem ao longe, quanto mais ao perto.

Opcionalmente poderia efectuar o caminho inverso, mas isso seria contrariar a lei da vida, pois não posso regredir no tempo.

Poderia também fazê-lo parar e esperar que me decidisse, mas também não tenho esse Dom.

Só me resta mesmo continuar a caminhada e desta feita para a frente.

Só assim saberei se estou a caminhar em linha recta, oblíqua ou até em curva, rodando e andando, mas sem nunca sair da rosa-dos-ventos.

Olho para trás e apenas consigo ver que a minha vida sempre foi uma luta constante, que por vezes se tornou ingrata e pregou partidas sem chegadas, as lufadas de ar fresco foram escassas e continuam a ser fracas.

Estou num enredo, num labirinto da vida que me coloca caminhos tortuosos pela frente, sem dar opções para os lados, traçados oblíquos ou desvios caminhados.

Sinto que estou a chegar a meio da caixa e nada construí, nada fiz que me pudesse orgulhar de modo a poder viver sem estar dependente deste enredo, desta caixa de vida que me finta no meu próprio labirinto.

Profissionalmente fui muito, hoje nada sou.

Pessoalmente fui, aqui, prefiro o hoje.

Socialmente não me defino, e nem essa capacidade consigo atingir.

Dentro desta caixa apenas me vejo sem conseguir olhar-me como profissional, atingi o nada. Pessoalmente e pese embora prefira o hoje, também não me vejo, pois socialmente ainda não me defini, sendo assim, o que sou eu então?

Nada, fui alguém, mas dentro desta caixa aniquilei-me.

E o pior é que tenho plena consciência desta prostração, mas não tenho coragem de a travar.

Quando tomei consciência o receio visitou-me, como se a consciência não soubesse andar sozinha e necessitasse da companhia do receio, para poder igualmente caminhar.

Não sei o que receio, se o futuro, o hoje ou as consequências do ontem, mas receio algo e não sei o quê, nem tão pouco o porquê, apenas sei que o receio que me atormenta veio acompanhado da minha própria consciência.

Vou continuar a caminhar em frente, em linha recta dentro desta caixa da vida que apelidei de labirinto.

Sei não poder perder-me, nem tão pouco arriscar, estou a meio da caixa e preciso de chegar ao fim para conseguir olhar para o ponto de partida.

O ponto em que tomei consciência que a vida era eu, preciso de ao fim chegar de modo a conseguir ter uma visão diferente da que hoje tenho.

Louca Sensatez

Uma visão de vida em que aprendi com dor, mas também com calor,
Uma visão que me fez crescer e também aprender.
Uma visão que me fez ensinar e também amar.

Preciso caminhar, andar lentamente e sem pressas para o fim chegar.
Preciso, mas preciso igualmente de sair desta caixa que me sufoca, preciso de sentir a liberdade no meu corpo, no meu espírito, na minha alma, preciso de saber fintar-me e deste labirinto sair.

Mas se dele sair, perder-me-ei, talvez possa apenas abstrair-me e assim consiga ver que afinal não serei uma falhada e, apenas não tive as oportunidades certas para na vida poder vingar, viver e alegrar-me.

Estarei eu a ficar louca por querer sair da minha vida, desta caixa que me sufoca apenas e só por não conseguir vislumbrar uma saída?
Estarei louca por querer abandonar o labirinto da minha vida, por ser ela mesma o próprio labirinto que me finta e atormenta, me testa e atesta, me sufoca e provoca, estarei eu louca?

Quero sair desta caixa labiríntica, mas não tenho coragem, tomei consciência, mas a mesma deixou-se acompanhar pelo receio e agora, como saio?

Não saio, resigno-me cobardemente como sempre fiz até então, lutarei sempre como igualmente fiz, mas debater-me-ei de modo a poder caminhar de frente e para a frente, talvez um dia consiga ver uma saída, a saída do desejo de ser feliz.

DISTÂNCIA TRAÍDA

Sinto uma necessidade extrema de te ouvir, sentir o teu respirar, sentir o calor da tua voz, sentir as palavras sem som, as explicações não pedidas e até, as iras de saudades não vencidas.

São muitas as vezes que falamos, são muitas as vezes que nos apertamos por intuição mútua, são muitas as saudades doridas, os ciúmes infundados e acompanhados de sentimentos de posse.

São muitas as dúvidas que nos atormentam e as lágrimas nos sustentam.

Sinto que a distância que nos uniu é a mesma que agora nos separa.

Separa-nos por sabermos que a própria distância que nos une é também a que nos mata.

Separa-nos por sentirmos que se rapidamente não nos virmos, fugazmente irá destruir o que outrora construiu.

Precisamos de criar quezílias que nos alimente a fome de viver com sabor de paixão.

Precisamos de recriar arrelias para nos sentirmos amados sem que nos fuja o chão.

Precisamos de inventar tormentos para que a distância não seja a nossa separação.

Não te quero sentir sem mim nem tão pouco sentir-me sem ti.

Não quero ouvir palavras com dor que sentidas não fazem sentido.

Não quero chorar a distância por ser ela que nos afasta, mas também nos une.

Estás a fugir-me com a mesma rapidez que chegaste.

Estás a comprovar o que em toda a minha vida provei.

Um sabor de sentir apenas um leve paladar sem odor.

Um sabor quente que me queima com vontade de amar.

Um sabor que não chega a ser sabor por partir sem provar.

Um sabor que me derruba mas não me consegue roubar.

Estás a fugir, eu sei.

Estás a fugir e eu a deixar, como tantas outras vezes deixei.

Estás a fugir e eu sei, porque sabes que jamais me entregarei.

Chorarei a tua partida como chorei a tua chegada.

Sofrerei a tua ausência como sofri a tua presença.

Mas amarei a nossa distância como ela nos amou.

Foi ela, foi a distância que nos uniu e agora nos trai como se perto estivéssemos para nos destruir.

Foi ela, foi a distância presente que mesmo ausente, soube criar união e saborear desunião.

Foi ela, foi a distância que nos fez amar sem saber, mas fez-nos igualmente andar para poder viver.

Uma distância que nos uniu e agora nos separa, por saber que longe estamos apenas em distância.

Louca Sensatez

Uma distância que nos uniu e agora nos separa, por saber que se perto estivéssemos nunca nos afastaria, porque igualmente nunca nos uniria e, quem sabe talvez, nunca nos amaríamos.

Distância... que uniu e talvez separe o que sempre soubemos ser a nossa união.
Distância... chega-te a mim e distancia-te apenas do tempo, mas nunca de mim, não saberia viver sem ti, sem a nossa distância que nos uniu e também nos traiu.

CORRIMÃO SEM ESCADAS

Caminho suavemente acompanhada com os meus pensamentos, quando repentinamente me deparo com umas escadas em declive, tão estupidamente íngremes que nem o fim das mesmas consigo ver.

Decididamente e sem hesitar subo o primeiro degrau, reparo que as escadas não tem corrimão nem de um lado nem do outro. Olho para cima para ver se o fim delas consigo vislumbrar, mas apenas vejo uma nebulosa camada de espécie de algodão doce, misturada com nuvens de cores ainda indecifráveis.

Pulo mais uns quantos degraus, como se ao jogo da macaca estivesse a jogar e, começo a ver florear umas tantas papoilas a formar um corrimão. São de um vermelho carregado de fragrância sem cheiro, mas com aroma que me alimenta a visão de tão belas e frágeis flores que formam um amparo, para nestas escadas não me desequilibrar.

Decido subir mais uns degraus e, à medida que os subo reparo que as papoilas que de imediato vi nos primeiros, estão a perder-se murchando vida própria, enfraquecendo sem amparo, talvez por de um corrimão também precisarem.

Fico algo inquieta mas não hesito e volto a subir mais uns, novamente sem corrimão tento olhar para baixo e nada vejo, estremeço de pensar que possa cair, mas mesmo assim, este medo não me detém e mais uns quantos degraus subo.

Olho para cima e agora as cores indecifráveis de nuvens várias, parecem de um algodão doce de tom rosado, esse tom deu-me alento para continuar e, assim avanço novamente sem hesitar.

À medida que avanço começo a ver formar-se um novo corrimão, desta feita de orquídeas requintadas como só elas sabem ser, mas algo não está bem, porque o cenário de flores delicadas estão aconchegadas pelas papoilas já murchas, mas ainda vivas.

Mesmo assim, continuo a minha demanda para até ao fim conseguir escalar.

Mais uns quantos degraus subo por melhor me sentir agora, pois novamente corrimão tinha.

Alguns requintes de felicidade acompanhavam-me deixando para trás a tristeza de sentir murchar as papoilas de vermelho carregado, de fragrância sem cheiro.

Olho outra vez para cima e vejo o rosado a formar-se num outro tom ainda por decifrar.

Olho para trás e deixo de ver as escadas que até então percorri, deixo de as sentir e de conseguir perceber se teria caminho para regressar ou, se faria sentido regredir ou fugir, mas nada, nada vejo, nem em baixo, nem nos lados, apenas em cima observo as cores rosadas em mutação visível.

Sinto que estou quase a meio do percurso, mas ainda não lá cheguei.

Decido subir, pois era o único caminho possível que tinha para percorrer e, novamente à medida que subia via as orquídeas requintadas como só elas sabem ser, a unirem-se às papoilas já murchas como se da companhia delas precisassem, resolvendo assim murcharem também.

Louca Sensatez

Outra vez sem corrimão, sem vista para baixo ou para os lados, sem equilíbrio para me amparar, não me deixo ficar e avanço sem receios, para determinadamente ver o fim de tão tenebrosa escalada.

Esbarro em algo magoando-me com uma dor acutilante que quase me fez perder o equilíbrio, mas atempadamente me agarro numa maçaneta redonda de cor prateada e com brilho ofuscante. Tento rodá-la para saber o que por trás de tão forte porta de madeira está, mas não consigo, as forças faltam-me por estar cansada de tanto subir e não ver amparo fixo, apenas leves auxílios em forma de corrimão feitos de orquídeas selvagens que também elas fraquejaram.

Sento-me no que parece ser o último degrau destas escadas sem fim, pois à minha frente apenas vejo a porta de madeira com maçaneta de cor prateada. Descanso por algum tempo e adormeço.

De repente acordo assustada, vejo-me em queda livre talvez por ao adormecer ter procurado amparo, mas apenas em sonho ele esteve, pelo que desequilibrei-me e caí sem saber o que me iria acontecer.

Ao cair parece que o fim da queda não chegava, não sentia a dor de aterrar sem chão, nem a alegria de fugir de um lugar sem fim, como aquelas escadas que percorri e apenas a meio caminho fiquei.

Senti-me apenas a flutuar, com sabores de algodão doce rosado, misturado agora de nuvens de cores bem definidas, cores azuis fortes por um lado e cinzas tenebrosas por outro, cores em constante alteração por terem também elas vida própria.

Flutuei sem amparo como o corrimão me ofereceu por momentos na escada sem fim e, por outros iguais momentos me presenteou com flores selvagens e requintadas também.

Ao flutuar questionei-me se de facto tinha acordado ou se ainda estava a sonhar. Não obtive resposta, por isso assim me deixei estar, talvez um dia saberei a resposta para tais sonhos de vida ou, a resposta para uma vida de sonhos.

SOLTO-ME

Vibro emoções
Ecoo tentações
Deslizo sem varões
Gemo sensações

Fervo com calor
Solto com amor
Gozo de ardor
Pedaços de sabor

Fazes-me ser outra
Mulher de alguém
A avidez me solta
A fome do além

Sensações quentes
Virtuais e sensuais
Pedaços ausentes
Coniventes presentes

Cobiças-me, quero-te
Ambicionas-me, anseio-te
Desejas-me, saboreio-te
Penetras-me, devoro-te

Gemidos se soltam
Palavras se cruzam
Olhares se despem
Prazeres se revestem

Orgasmos misturam-se
Corpos masturbam-se
Deleites confundem-se
Volúpias procuram-se

És alma sem alma
Sou corpo sem corpo
Somos alma e corpo
Sem corpo com alma

Somos animais
Perigosos irracionais
Destemidos arriscados
Corajosos arrojados

Somos, solta-me ...

UMA ESTRANHA FORMA DE VIDA

Oiço a tua voz, tens uma voz quente e sedutora.
És um mistério escondido em retiro constante.
Não te conheço, mas de vez em vez leio-te e sei que me lês.

Vives num mundo só teu que me fascina e me seduz.
Isolas-te com uma firmeza sem igual.
Tens uma garra acutilante e uma postura comportamental que me confunde.

Normalmente consigo ler os pensamentos para lá da escrita, para lá da voz, mas curiosamente a tua firmeza consegue de algum modo, esconder pormenores que fazem toda a diferença.

A solidão é a tua companhia, como muitas vezes é a minha também.
É o teu equilíbrio emocional, como tantas outras vezes sem igual, é o meu também.

Com requintes ávidos de sedução contínua, com suculentos pedaços sarcásticos e rebeldes, não deixas margens para dúvidas.

Gostas de seduzir escondido e de falar com o coração.
Terna voz quente que apaga qualquer voz feminina, apenas te deixas ouvir, por saberes ser o teu “eu” que mais gostas de preservar.

Misteriosamente te deixas envolver sem ser envolvido.
Curiosamente te envolves sem deixar alguém envolver-se.

Precisas de ti, como da água, da chuva, da terra ou do sol.
Precisas de alimentos com palavras preenchidas de emoções, fortes sensações e recheadas provocações.

Relata-las sem horizonte à vista, mas sempre com a diferença de um sedutor de voz quente, que sabe o que quer, e tem o que sabe.

Vives num mundo fechado, que só entra quem tu queres, com energias redobradas por saberes seres indestrutível.

Contudo, precisas sempre de te sentires ser ouvido, pela tua voz audaciosamente sensual que sabes a ter, e sabes dela igualmente uma arma fazer.

Gosto de te ouvir, gosto da tua voz máscula firme e sensual.
Gosto, porque te fazes ser sentido, e isso faz-me sentir bem.

Obrigada voz quente e sensual, por me dares a ouvir-te.
Obrigada voz quente e crucial, por me presentearas ao ouvido.
Obrigada voz mistério e voz escondida, por me teres encontrado vestida.

CRUELDADES DA VIDA

Estava no meio de um glaciador, refrescava-me com água gélida por a mesma me aquecer a carne.

Ao longe vislumbrei um manto vermelho que fazia querer tratar-se de algo cruelmente doloroso.

Aproximei-me sem som e fiquei atónica ao sentir o cheiro da morte.

De imediato mergulhei no mar gélido e num iceberg sem nome me escondi.

Consegui ver as minhas irmãs temerem pela vida.

Consegui sentir a dor que os seus olhos transmitiam.

Consegui ouvir gemidos sem som e lágrimas sem choro.

O som das bárbaras pauladas com que atacavam sem razão, eram uma constante e igualmente cruéis, como se não bastasse, ainda em vida rebolando-se em dor, o seu revestimento era cortado, ensanguentando-as com uma dor sofredora e sem um único gemido soltarem.

Foi este o manto vermelho que eu vi de longe.

Foi esta a coberta da morte e o sofrimento sem fim, que assisti de longe.

Foi este o véu do extermínio provocando a sua extinção, que padeci igualmente de longe.

Mergulhei novamente para me proteger e acobardar-me da dor.

No mesmo instante em que mergulhei, deparei-me que o frio já não me aquecia, mas sim o calor.

Era um calor que fervia na minha pele escura, mas era um calor igualmente inocente, como o frio em tempos também o foi.

Ia pelas mãos da minha mãe, descalça e desgrenhada, em terra batida e com pó à mistura.

Senti-me indefesa mas protegida, sabia que a minha mãe não me traía.

Quando chegámos, reparei numa longa e alta pedra no meio do nada, várias outras mulheres dançavam à sua volta e eu sem saber seria a estrela dessa noite.

Ao cimo dela fui colocada, despida e sem vergonha a minha mãe abriu-me as pernas.

Senti agarrarem-me os braços, a cabeça e todo o corpo, estava presa com mãos desconhecidas, sujas e imunes, selvagens e com sede da dança do sangue.

Um homem corpulento aproximou-se, não consegui ver-lhe a face, mas senti que algo iria ocorrer.

Como se o meu pressentimento estivesse certo, tentei soltar-me de garras cruéis que faziam a festa por ser culturalmente correcto, debati-me com força por me sentir cada vez mais presa.

De repente, sinto uma dor acutilante, tão forte, tão aguda, tão intensamente constante, que nem as lágrimas se soltaram, pois o meu corpo ficou completamente imóvel, igualmente ensanguentado e sem poder sequer respirar padeci inerte.

Os sentidos faltaram-me e a alegria de viver com eles foram.

Senti-me impotente, indefesa e sem compreender tamanha brutalidade com a conivência da minha mãe que tal acto ajudou.

Louca Sensatez

Senti-me traída, sem razão para voltar a querer viver, sem vontade de regressar ao meu corpo e até sem desejo de querer um dia ser mulher.

Roubaram-me o prazer da vida, a partir daqui seria apenas feita para procriar sem deleite, gozo ou satisfação, pois jamais iria sentir tal prazer que ao céu nos leva e ao inferno também.

Enquanto adormecida estava, lembrei-me da dor das focas indefesas que eram escrutinadas sem espaço para remorsos, eram mortas à paulada sem arrependimentos ou pesar, eram estupidamente destruídas com a coragem da cobardia.

Uma memória me assolou, foi a vida dos humanos, que em tempos o escalpe dos cowboys foi também uma barbaridade de natureza índia para a sua imagem de marca deixarem. Contudo, eram lutas de igual para igual, eram guerras que ainda hoje persistem, o que mudou foi a forma como as mesmas são actualmente feitas, hoje com maior atrocidade e ainda mais selvagens, vingam num mundo sem nome e desumano, sem dó nem piedade.

Estas não.

Estas não são guerras.

Estas não são lutas de igual para igual.

Estas são o oposto, a mutilação escabrosa de meninas sem nome como em África se dá, como no Canadá igualmente se dá, com a diferença de umas serem parcialmente racionais e outras serem irracionais, mas ambas vítimas de maus tratos e violência gratuita, ou por razões histórico-culturais, ou por razões de falsa sobrevivência, unicamente para alimentar adornos e narizes empinados que apenas olham para umbigos próprios e para o que parece ser culturalmente correcto.

Qualquer que seja a violência, verbal ou não-verbal, com ou sem nome, com ou sem motivo, não existe razão alguma para a mesma ser feita, com a agravante de ser também um acto voluntariamente gratuito.

São meninas ainda por florescer.

São animais ainda por parir.

São dores de morte com sofrimento impotente.

Estão em desvantagem por indefesas acreditarem-se.

Estão em desvantagem por desprevenidas encontrarem-se.

Estão em desvantagem por descauteladas mostrarem-se.

Estão em desvantagem e dela se aproveitam os mais cruéis e bárbaros humanos que, até esse título desonram.

Deixem-me mergulhar novamente em mar quente ou frio, não importa.

Deixem-me mergulhar para um mundo melhor poder observar.

Deixem-me mergulhar para da dor igualmente me acobardar.

Deixem-me mergulhar para de um sono profundo não mais acordar.

Deixem-me apenas... sinto-me impotente...

É CANSAÇO, SERÁ?

Sinto-me triste, solitária e até traída sem traição, mas sinto-me.
Sinto que dou tudo de mim, que me entrego com a alma que me consome diariamente e, mesmo assim, sinto-me incompreendida, julgada e mal amada.

Sim mal amada, não me envergonho de me sentir num estado que é comum em muitos mortais e que não assumem por questões várias.

Mas sinto, sinto que defendo quem bem quero, tento vários pontos de vista ter, alguns limitados, eu sei, mas também não sou perfeita, defendo quem se sente de alguma forma exposto ou até mais solitário, defendo quem mais triste se sente e de alguma forma possa estar a viver para lá do imaginário, neste mundo de umbigos próprios que não olham a meios para atingir determinados fins.

Tento que todas as pessoas se dêem bem, não fazendo juízos de valor e apenas opinando de forma construtiva, contudo, questiono-me vezes sem conta, o porquê de me atirarem para a lama, me pisarem, me humilharem e me machucarem, quando esta postura assumo?

Quem eu gostaria que me defendesse assiste de plateia e nada faz.
Quem eu queria que me amasse apenas me despreza e nada teme.
Quem eu queria que por mim lutasse não se incomoda e age sem causa

Estou cansada, estou deveras cansada, desiludida.
Choro sem lágrimas por não as poder soltar.
Choro com lágrimas quando vida posso dar-lhes.
Mas choro sempre de forma amarga, estupidamente sozinha me sinto e à beira de um abismo me apetece estar.

Apetece-me tudo largar, a minha vida, o meu “eu” e esquecer-me do mundo.
Esquecer-me das pessoas, todas, todas mesmo, de mim inclusive e, apenas deixar-me igualmente na plateia estar, viver sem vida o que assisto com morte.

Sinceramente, muito francamente, desprezo-me por ser como sou.
Desprezo-me por tudo querer e nada conseguir.
Desprezo-me por tudo conseguir, mas com a dor de quem as lágrimas derramou para as atingir.

Nada, mesmo nada, rigorosamente nada de bandeja nesta vida tive.
Nem amigos, amigas, namorados, ensino, trabalho, amor e até a própria vida.
Aprendi com a dor, cresci igualmente com a mágoa de querer ter a família perfeita, o mundo ideal, as amizades sem pedir e até os namorados sem implorar.

Mas não consegui fazer-me entender como sou e como me dou, dispo-me sem preceito de preconceitos ter, desnudo-me na escrita, denunciando-me sem nunca alguém ou terceiros citar, mas sempre, sempre com a consciência de estar a fazer tudo certinho.

Tão certinho que acabo por me aniquilar, por me matar, por me crucificar, apenas para me aceitarem como sou, como gostaria que me vissem, mas é tão difícil, tão cruelmente doloroso este caminho de crescimento sem agradecimento.

Louca Sensatez

Estou cansada, será pedir muito que me amem como sou?
Estou cansada, será pedir muito que me aceitem como sou?
Estou cansada de lutar, uma luta sem fim à vista, uma luta sem agradecimento, uma luta que me consome, uma luta...

Estou cansada, estou mesmo, está na hora de desistir.
Entrego-me derrotada e sem pudor de o assumir, em troca, peço apenas que me aceitem assim como sou, estarei a pedir demais?

UM ABRAÇO SEM VOZ

Não tenho palavras, não consigo transmitir nada do que sinto.

Apenas tenho o teu cheiro espalhado pelo meu corpo.
Apenas tenho o teu cheiro disperso nas minhas mãos.
Apenas tenho o teu cheiro derramado na minha roupa.
Apenas tenho o teu cheiro impregnado no ar que respiro.

Sinto-te como se a viagem não tivesse sequer começado.
Sinto como os teus braços me souberam amparar.
Sinto como os teus lábios adocicados me souberam beijar

Beijar-me com fome de me saciar, mas também com ternura de quem me quer bem.

Sinto que nada nem ninguém me atacaria porque nos teus braços estava.
Sinto que me saberias acolher como até então ainda ninguém o fez.

Foste o meu escudo protegendo-me em campos abertos e locais ocupados.
Foste o meu prazer por saciar e a minha vontade de te degustar.
Foste o abraço sem voz e a loucura que ri, as mãos que tocam e o coração que sorri.

És o meu desejo e a minha protecção.
És o meu amparo e a minha perdição.
És tudo o que desejo e nada do que quero.

Não quero ser mais uma, mas sim a única.
Não quero ser a outra, mas sim “eu”.
Não quero ser, mas desejo ter.

As palavras não descrevem a alma que me percorre o corpo e me arrepia a mente, atrofia o estômago e corrompe a razão.

A razão de saber viver com a sabedoria de saber ter.
A razão de saber ter com a sabedoria de saber viver.

Nos sentimentos a razão não existe, apenas irracionalidade, atropelos fortes de emoções constantes que me fazem sentir bem, me alimentam o ego e me fazem viva estar.

Não tenho palavras, apenas um abraço sem voz que se fez ouvir num silêncio sólido.
Não tenho palavras, apenas um abraço sem voz.
Não tenho palavras, apenas...

PENSAR ALTO

Gosto de pensar alto.
Gosto de escrever, escrever para mim, mas escrever.
Imaginar e dissertar.

Gosto de pensar alto, sem que as mentes pequenas me vedem com redes de arame farpado.
Gosto de imaginar e dissertar, viver papéis vários e conceber imagens imaginárias próprias do oculto, do mistério escondido por trás de algo, esse bem precioso que me fascina e me orienta para a escrita com sabor a magia.

Gosto de pensar que não estou proibida de pensar.
Gosto de pensar que não me está vedado o acesso a escrever.
Gosto de pensar que não está fechado o meu círculo de alto dissertar.

E porque gosto, continuarei a imaginar.

Continuarei a escrever, dissertar, pincelar, teclar, redigir, e tudo, mas tudo o que me é imposto por mentes que apenas lêem o que lhes salta à vista, por mentes que apenas olham o que está à frente, não me permitindo partilhar os meus escritos, descansem, descansem que não serão eles o Vosso maior incómodo.

Continuarei a presentear-me apesar de escondida me encontrar, é certo, mas a escrita perdurarei até que o prazer me destroce.

Afinal, quais os nossos limites?
Não temos, no máximo os nossos limites serão a nossa imaginação.

Poderei então continuar a imaginar, escrever, dissertar, mas poderei fazê-lo alto?
A liberdade de pensar poderá ser solta de tais mentes?
Ou até a liberdade de pensar, imaginar, criar e recriar, viver o que não se vive, pode ser condenado por parecer à partida um juízo de valor feito por alheios a quem escreve, mas nunca a quem o vive, porquê?

Porque me entrego assim para ti escrita, que me vicias por querer ser o que não sou, viver o que não vivo, porque me entregas a quem de ti nada entende e me suplica que pare, por ser-me leal, despir-me em ti e para ti, como desprovida de qualquer valor pudesse ter, a não ser a única valia por que tudo vale a pena, as memórias.

Serei a tua memória.
Uma memória escrita e escondida, mas serei sempre a tua conduta por continuar a inspirar-me até no mais ínfimo pormenor que nada parece importar, mas que rejubila musas inspiradoras, por seres tu e mais ninguém, mas por seres também a escrita de alguém.

NAVEGANTES PERDIDOS

Um mar bravo e forte, entorpecido pela chuva e pelas bárbaras ondas de sobressaltos constantes, visitaram-nos como se fôssemos navegantes perdidos.

Em demanda por algo que nem nós próprios sabíamos, apenas nos cruzámos e tropeçámos, caímos e levantámo-nos, mas perdidos continuámos.

Precisávamos de encanto e de ser encantados, a solidão bebeu-nos, por isso enfeitiçámos para sermos enfeitiçados.

Aliciados pelo mar em busca da solidão oposta, entregámo-nos.
Atraídos pelo mar em demanda por conquistas conquistar, conquistámo-nos.
Encantados pelo mar, imensidão sem solidão, voámos até mais não.

O feitiço oceânico foi a nossa perdição, pois os seus encantos eram precisamente esses, saber encantar, encantar para ser encantado, para que a solidão bravia de mar intenso e sem fim à vista nunca pudesse a nós chegar, nem tão pouco sonhar que ela tão perto iria mostrar, o que seria o nosso lugar.

Um lugar de doces feitiços onde aprenderíamos a sonhar, fantasiar ou devanear, mas nunca poderíamos sequer imaginar, que algum dia nos iríamos tocar.

Um mar bravo e forte, entorpecido pelas lágrimas de chuva que formaram ondas em desgaste, encontraram-nos como se fôssemos navegantes perdidos, desaparecemos por termo-nos tocado, o que sabíamos à partida que jamais poderíamos tocar.

Enfeitiçados, rebolámo-nos em mar aberto para que fosse ele o único a saber, que em nós, navegantes perdidos com sobressaltos constantes, mergulhámos para nos afogarmos sem saber que um dia nos tocámos.

Tocámo-nos e agora choramos, chuvas fortes e tempestades tropicais, calor ausente e mar presente, pelo mesmo ter sido o nosso feitiço, escondido pelo sorriso, mas descoberto pelo encanto.

Foi a demanda dos navegantes perdidos...foi?

UM DIA SABEREI SER

Um dia conseguirei saber-me ouvir sem me matarem.
Um dia saberei chorar alegre sem me apontarem.
Um dia conquistarei memórias sem me acusarem.
Um dia felicitarei a mágoa sem me magoarem.

São palavras que valem tudo e de nada vale.
São palavras vãs que nos fazem parar e chorar.
São palavras cruéis que nos fazem pensar e soletrar.
São palavras que dizem tudo mas não conseguem falar.

Conversas vazias que querem um lugar para preencher.
Tertúlias sem nexos que designam um espaço sem vencer.
Cavaqueiras fúteis que invadem o corpo sem perfazer.
Diálogos ociosos que penetram na alma sem abater.

É o choro da dor, da mágoa triste em estado de alerta.
É o grito falante, do sofrimento calado sem som que aperta.
É o bafo quente, da injúria sem nome em tom de desabafo.
É a crueldade aguda, que apunhala sem dor, mas corta o alvo.

Um dia serei a palavra da tertúlia com gritos ausentes.
Um dia serei a faceta da conversa de choro sem crentes.
Um dia serei o diálogo soletrado com risos bem quentes.
Um dia serei alguém também com alma de tons verdes.

São palavras sem dia e conversas sem hora.
São diálogos sem gente e tertúlias sem nome.
São gritos e bafos, desabafos e grunhidos.
São dores e mágoas, vividas e sofridas.

Um dia, serei...

MATA-ME SEM VEZ

Estou cansada, adormeço e quando adormeço invades-me os sonhos.
Acordo e quando acordo habitas em mim, refugias-te na minha alma e lá permaneces.
É como se eu fosse igualmente o teu equilíbrio, a tua chama e a tua vida, tiras-me a minha,
por me consumires com dores e lágrimas, por me queres e não sabes, por me amares e
odiares.

Sinto-me esgotada, não sei viver sem teclar, sem o sabor de saber, que um dia te irei tocar.
Sinto-me triste e melancólica, porque em tempos saberia exactamente o que escrever, e
agora já nem consigo sequer pensar, apenas ténues nuvens por mim passam, deixando
rastros do teu ser, que não sei se me quer bem ou apenas me usa para seu belo prazer.

O que faço em dias de sol quente, com gozo de praias cheias e algas de tons verdes.
O que faço em dias de chuva pranto, com lágrimas sem espanto e almas sem manto.
Faria leituras e embrenhava-me nas histórias, esquecia-me de mim e vivia personagens.
Em última fila ficava, veria filmes a só, viveria contos de fadas e sonhava ser mais amada.

Não me restam dúvidas, que para lá de todo o bom senso, conseguiste rasgar-me e
penetrar-me, soltastes-me a alma e venderes-me ao diabo, conseguiste ser o génio que
libertaste em ti, por sabes que de ti iria sentir, respirar saudades e viver em sonhos, o
que em vida vivo também.
É a tormenta de sabes lucrar, de ser o teu ego e o teu alimento.

Caí, caí e aos poucos estou a levantar-me, quero equilibrar-me sem de ti precisar.
Rastejo em lamas escondidas por não poder mostrar a alma aos meus, mas saberei sempre
viver com dores de felicidade, porque serei eu também feliz, por momentos apenas, mas
por momentos marcantes, serão eles o meu ego, a minha chama e a minha virtude, por
saber que nesses momentos eu soube ser feliz.

Felizmente ou não, conseguirei harmonizar, saborearei a dor que estou a sentir, mas
deixarei morrer em mim, por não mais consentir que me uses e abuses, a mulher de
alguém, o corpo que nunca foi teu, mas a alma que soubeste ter e a ti pertenceu.

Poderia ser um sonho e foi por breves instantes, poderia ser um alimento e foi por poucos
momentos, poderia ser o sorriso e foi por curtos ápices, mas quiseste queimar com fogo,
com dor gélida e ardor quente, com sabor do pranto e odor do vento, toque por saciar sem
sequer saber matar-me.

Mataste-me, extorquiste-me e aniquilaste-me, viveste em mim e de mim abusaste.
Saboreaste-me e beijaste-me, delíciei-me mas queimei-me, por seres diabo que me
alimenta, por seres sujeito que me sacia, por seres homem que me embeleza, inigualável e
sensual, por seres frio e meigo, quente e ausente, por seres a dor e a loucura, por seres
único e devaneio, por seres tu e apenas tu, delírio, demência, frenesi e alucinação,
impaciência e nervosismo, inquietação e desassossego.

Mata-me de uma vez, mas liberta-me da tua tez, que me sacia sem poder e me consome
sem comer.

PEDAÇOS INSENSÍVEIS

Como é possível viver um dia inteiro em ti?
Como é possível sentir que a minha alma está apenas em ti?
Como é possível visitares-me com aura e logo de seguida retiras-ma?
Como é possível invadires-me o corpo e depois dares-te a vários?

Dói muito saber que nada te cobro, nada te imploro e nada suplico.
Dói muito saber que acusada várias vezes sou, mesmo sem razão.
Dói muito ler escritos vários e perceber que te estou a perder.
Dói muito sentir-te meu e no momento a seguir seres de várias.

Escondido te dás, por trás me enganas e pela frente me enfrentas.
Acusas-me de tudo e de nada também, mas acusas-me e magoas-me.
Sofro por me ver sem amparo, por te querer e não poder, por te amar.
Sofro como sempre o disseste, não me amem, pois quem me ama sofre.

Estarei eu à altura de ti, com todas as tuas características, próprias de um homem que gosta de ser visto como o centro das atenções, como se de um Leão se tratasse, exibindo a sua juba de macho com vontade própria.

Prendes-me a alma, roubas-me os sonhos, elevas-me aos céus e de seguida, deixas-me caída, sem aura e sem sonhos, apenas me deixas no inferno cair.

Leio cada palavra tua, invejo-te por saberes com elas manusear cada letra, fazeres delas o teu apetite e a tua vontade de saciar com fome, derrubar com morte e perturbar com requintes, quem delas apenas faz as suas conquistas de refúgio sem nome, ou de amparo sem braço.

Como é possível a traição em ti não habitar, se tu és a própria traição em pessoa?
Trais-te sem culpa ou sem remorsos, com crueldade e frieza, subjugas mundos fora, quando és o próprio mundo que subjugas, subjugas-te a ti e em ti, talvez por seres apenas o homem que tudo quer, tudo dá, mas nada promete, nem nada te prende.

Nada que te faça ser a dignidade que por mim diz chorar, talvez por outras chore também.
Uma honra sem nobreza, porque te acusas e te amparas, sem escrúpulos e sem hesitações, são os momentos da fraqueza que te fazem sentir o que não gostas de ser, mas és, por seres igual a todos os homens, por seres humano, e principalmente, por condenares sem razão o que tu próprio determinas, mas não aplicas, porque te dás a tudo o que condenas, mas apenas nos outros e nunca em ti.

Como é difícil amar sem abraços e com dúvidas, com dor e receio de ser novamente acusada de algo que não se fez?
Como é possível fazer-te entender o quanto me magoas e afastada me irei manter?
Como é possível dizer-te apenas, terminou sem te magoar, mas cortando-me com dor de um sangue que me invade e cobre um corpo sem nome e uma alma sem dono.

Dei tudo e de nada serviu, pois apenas a dor saboreou, o sofrimento floreceu como se a alma fosse corpo e o corpo fosse alma.

Floreaste em mim pedaços insensíveis de mesquinhez sem nome, de angústia e amargura, de desgosto e aflição, de uma luta sem fim, por a mesma não poder sequer ter o direito de algum dia iniciar.

Já não sei escrever, não sei pensar, nem divagar.
Quero vingar neste mundo de letras que me fascina mas não me acusa.

Já não tenho inspiração, ela evaporou-se quando me convidou para a acompanhar em momentos próprios de loucura pela escrita, em momentos próprios da vida que me ensinou a colocar em papel sentimentos profundos, tocantes e alheios também.

Já não sei expor-me e denunciar-me, nem tão pouco acusar-me e inocentar-me.
Falta-me musas inspiradoras para na escrita me descobrir mais e melhor, para na escrita me conhecer como quero e sinto, para na escrita me apaixonar e devanear.

Quero aprender, ensinar e perfilhar também, quero abraçar um mundo recheado de culturas, um mundo com sabor a livros, um mundo com cheiro a sabedoria, um mundo com vontade própria, sem censuras e lamúrias.

Já não me leio, nem me lêem, não me redigem, nem partilham.
Já não sou eu, nem sou tu, já não sou ninguém, nem alguém.

Sou apenas mais uma, sou apenas quem trauteia letras sem som e escreve palavras sem voz.
Sou apenas o nada que queria num mundo saber viver, mas também não consigo morrer.

Vivo do nada porque escrevo sem plateia e vivo do tudo, porque vivo sem viver.
Vivo mortalmente e querendo acusar-me, escrevo com vontade, escrevo com a alma, com o corpo e com a mente, mas escrevo com o abandono que a escrita faz de mim, escrevo com a aura que os textos me compõem, mas continuo a escrever.

Escondida num mundo meu, queria eu ser descoberta.
Fechada num espaço só, queria eu ser amparada.

Apenas as letras me ouvem, as palavras me conhecem e os textos denunciam-me.
Entrego-me escrevendo o que desejava mas não tenho, não consigo nem exijo, apenas queria mas não me nomeiam.

Já não sei escrever, não sei pensar, nem divagar.
Quero vingar neste mundo de letras que me fascina mas não me acusa.

Quero ser conhecedora de tão belas caricaturas que o lápis desenha sem carvão.
Quero ser sonhadora de tão belos escritos que um dia serão lidos mas não serão vencidos.

Quero apenas ser, sonhar, viver sem morrer, vencer sem vingar, conquistar sem me denunciar, mas quero escrever, escrever e escrever, ler e aprender, ensinar e divagar, quero apenas voltar a saber pensar, pensar alto, ouvir-me sem som, escutar-me sem voz, mas quero continuar a escrever...

NÓS SEM AMARRAS

Diz-me que estou a amar sem pecar
Diz-me que estou a abraçar sem tocar
Diz-me que estou a sonhar sem acordar
Mas diz-me,

Diz-me que não me irei magoar nem chorar
Diz-me que esta dor vai passar e acalmar
Diz-me que estou a beijar e desejar, mas...

Conforta-me a culpa e ampara-me a inocência,
Oculta-me o corpo e invade-me a alma,
Abraça-me com força e consola o meu eu,
Deseja-me por tudo e anseia-te em mim,

Rejuvenesce-me, recria-me e revigora-me,
Faz de mim mulher sensível e desejada,
Mulher amada e cobiçada, mas ajuda-me apenas,

Ajuda-me a parar sem pensar,
Ajuda-me a cuidar sem divagar,
Mas ajuda-me...

Quero-te e não posso
Desejo-te e não permito-me

Dói-me amar-te assim perdidamente, sem saber ser, sem saber honrar
Estremeço só de pensar, sonho sem adormecer,
Vivo sem morrer e morro sem viver,
Mas desejo com querer e quero com desejo,

E não sei o que fazer, não sei o que dizer, nem tão pouco o que sentir,
Culpo-me vezes sem conta e inocento-me outras tantas,
Sentimentos maduros misturam-se com sentimentos ponderados,
Contradigo-me e questiono-me, receio e perco-me,

Ajuda-me a querer sem poder, mas a beijar sem tocar,
Ajuda-me a desejar sem errar, mas fantasiar sem sonhar,
Ajuda-me a deitar-me sem leito e a amar-te sem ti,
Mas ajuda-me...

Estou desgraçada sem saber como te ter,
Estou desamparada sem saber como me conter,
Estou, apenas estou, apenas sinto, apenas desejo, apenas...

Desembaraça-me os nós da vida e amarra-me apenas a ti,
Destrói o caminho percorrido e esventra-te apenas em mim,
Mas esquece-me sem dor e conquista-me com dor,

É um poço sem fundo que escrevo e nada digo,

Louca Sensatez

É um caminho sem destino que asseguro e nada vejo,
É um gosto em sentir-te, amar-te e penetrar-me,

É um requinte sem nome, um pasto sem dono,
É a alma perdida e o corpo apetecível,
É a magia do querer e a vontade de correr,

Correr para ti, para os teus braços abraçarem-me,
Correr para ti, para o teu corpo saciar-me,
Correr para ti, para me teres e protegeres-me,

Diz-me apenas para sentir e não pensar,
Diz-me apenas para acalmar sem divagar,
Diz-me apenas, por favor...

Desejo-te com dor, escrevo-te com dor e anseio-te igualmente com dor,
Desejo ser tua, mas nunca tua serei e serei tua sem eu, sem mim e sem corpo, com alma e
com vida...

Diz-me por favor...
Desembaraça-me os nós da vida e amarra-me apenas a ti,
Apenas nós seremos, assim, assim, sem não e sem sim, mas assim...

MAR DE SESIMBRA

Vejo o mar como pano de fundo, azul celeste com requintes de verde branco, banhado de areia fina e húmida.

Uma brisa abraça-me o corpo, o calor acompanha-me com o sol, e a alma aquece-me com o tempo.

Caminho sobre areia incerta, divago sobre um mar sem fim, relaxo ao som de ondas que apenas se adoçam em rochas sem medo, em praias de areia fina e húmida, por onde caminho e me perco, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer e sem saber como sentir.

Sinto-me livre e sem destino, sem lugar ou preconceito, mas sinto sensações esquecidas no Inverno e revividas no Verão.

Sinto-me criança com vontade de brincar, criança com vontade de chorar ou gargalhar. Sinto-me criança com vontade de correr, criança com vontade de embrulhar-me em areia, fazer do meu corpo croquete sem mar, andar pela muralha, empoleirar-me sobre muro equilibrado, sentir a traquinice que em mim habita, quando criança quero ser, mas em mulher não posso deixar permanecer.

Pequenos momentos que fazem a diferença dos grandes momentos. Pequenos momentos que escolhem a qualidade e cospem a quantidade. São pequenos grandes momentos, por serem memoráveis se tornam grandes, por serem inesquecíveis se tornam eternos.

Marcam a hora e o dia, o tempo que vivo agora, irei recordar e saber que vivi, com saudades de voltar a sentir o que agora recordo e ontem senti.

Caminho e divago, perco-me em mar aberto e a solidão acompanha-me. Sinto-me sem manto, e os longos cabelos negros protegem-me de olhares alheios, a minha descontração alienada do mundo, alia-se a mim e ampara-me de terceiros.

Sinto-me solta e sem vontade própria, como se no meu corpo eu nada ditasse, como se sem alma eu ficasse, o “eu” aqui não existe, ficou lá, algures esquecido no tempo e longe daqui.

Aqui, apenas existe a brisa que me abraça e o calor que me aconchega.
Aqui, apenas existe um corpo sem “eu”.
Aqui, apenas existe uma alma sem corpo.
Aqui, apenas não existo, mas vivo também.

Aqui sinto-me viva, num mundo com forma de forma, mas sem forma de nada, mas continuo a sentir a imensa solidão de mar sem fim, um vastíssimo retiro de mar sem fundo, continuo a sentir, apenas.

As lágrimas forçam a sua entrada para nelas me perder, tento à viva força detê-las, aprisioná-las sem grades para não me denunciarem.
Tapo a cara, solto um sorriso escondido, e aconchego o olhar para a areia do mar.

A tristeza invade-me e a angústia visita-me.

Louca Sensatez

Quase que por nada vivo e apenas existo.
Existo sem viver e vivo sem saber.

Saber alegrar-me e sorrir com vontade, pois enquanto o sol brilhou a minha alegria reinou, mas esta chuva que agora cai, são as minhas lágrimas que tentei deter, escaparam-se de mim sem licença pedir, atropelaram-me aqui, onde queria eu ter-me esquecido, deixar-me por lá, mas não aqui, mas elas em mim voltaram e quedaram-se por mim, por saberem que não vivo e apenas existo.

O abraço que começa por ser ingénuo torna-se cúmplice do beijo desejado.
Um pensamento que começa por ser inocente, rapidamente se transforma na dor ausente.

Namoro de adolescentes que nos faz sentir a alegria de viver, sem preocupações e sem luxos, mas sempre com a felicidade esbatida na face e com o brilho num olhar presente.

Cumplicidades acusadas pelas posturas denunciadas, que nos fazem vibrar sensações, sentir tentações, e até, acalantar dissabores de ciúmes pautados por elegantes palavras recheadas de emoções, o receio de perder o que ainda não se conquistou ditado pela desordem, é a prova de tais agitações.

Um constante desassossego de mal entendidos que nos tiram do sério, mas que nos fazem sentir a vivacidade do que é a paixão com vontade de amar, que nos fazem sentir a loucura na sua insanidade mais pura, e que nos fazem reflectir, apenas pelo gosto de sentir.

Os anos passam e com eles deixamos a nossa pureza inocente, a nossa existência deixa de viver para passar apenas a existir, esquecemos até de alimentar numa constante, a relação que em tempos fazíamos questão de venerarmos, como se de um Deus se tratasse, e depois?

Depois surgem as tentações, as derradeiras saudades de nos sentirmos amados, de nos sentirmos novamente adolescentes com vontade de brincar sem preconceitos, com vontade de amar sem receios, com vontade de beijar ou até mesmo apenas abraçar, caminhar de mãos dadas pela rua, olharmos cúmplices um pelo outro e denunciarmo-nos estupidamente apaixonados.

Um simples toque de lábios, dedos entrelaçados em mãos trocadas, olhares penetrantes e cumplicidades constantes, começam a desafiar-nos para voltarmos a ser o que em tempos fomos, mas não soubemos saborear o momento, talvez pela imaturidade, talvez pela inexperiência de uma vida ainda por viver, ou até, pela pressa de querer viver tudo num minuto, como se no minuto a seguir o mundo fosse acabar.

A beleza do amor, a pureza do namoro, é isto mesmo, é olhar cúmplice, é mãos que nos tocam e nos fazem estremecer, é beijo leve com requintes fortes de desejo e prazer, é nó no estômago por querer e não poder, é tentação assustadora que nos remete para os limites mais profundos, mas que nos trava por saber que também sabe bem, namorar apenas sem nos deitarmos.

Saborear pequenos momentos como quem vive a intensidade de cada um, dissertar e até divagar, pensar alto e aprender a sentir novas sensações, motivação de querermos sempre protecção, causarmos incessantemente boa impressão, mas saborear, viver, sentir, experimentar, gozar, e até mesmo possuir e desfrutar, um namoro esquecido no tempo por estar fora de tempo.

DÚVIDAS DE LEITO

Amar-te é pouco, dar-te é ainda mais limitado
Ser-te em ti, será ainda insuficiente, mas,
Ser-te em ti, por ti e a ti, é a medida certa,
Por saber-me desejada e mulher apaixonada

Perdidamente apaixonada, capaz de grandes loucuras fazer
Estupidamente encantada, capaz de pequenos detalhes apreciar

Oh meu amor, como te desejo, te quero e anseio
Oh minha ânsia, minha âncora de perdição

Serei tua e tu meu, seremos um sem desuniões
Seremos apenas fluidos, odores e gemidos.

Acalentaremos prazeres e esventraremos gozos
Dilacerarei gritos de deleite, selvagem me evocarei,
Sem saber de outra maneira amar ou até apreciar.

Ensinar-me-ás tu a estremecer com nova forma?
Aprenderei eu a ser mulher sem ser selvagem?
Mulher delicada e meiga como se porcelana fosse,
E quebrada poderia ficar, se selvática fosse...

Saberei eu estar?
Saberei eu aprender?
Saberei eu estar sem preconceito ou vergonha?
Saberei, saberei? Ou apenas me excitarei e depois apenas o medo, o receio, os princípios e pudores evocarei para me proteger?

Como serei eu, depois de te conhecer?
Como estarei eu, depois de me penetrares?
Como ficarei eu, depois de nos deleitarmos, gozarmos prazeres saciados de ânsias em fogo que nem água apaga e apenas acalenta mais desassossego?

Desorientada ficarei sem saber o que fui e o que serei, mesmo sem saber o que actualmente sou...

Mas como serei? De que forma me darei?
De que modo me aceitarás?
Ou simplesmente não me aceitarás?
Chocaremos incontrolados sem saber travar o desejo? E depois?
Como ficarei a saber como és? E tu? Como ficarás a saber como sou?
Seremos apenas novos nestas lides, ou invocaremos os nossos "Eus" como estados normais que até então temos sido, eu selvagem e tu, não sei?

Receio, amedronto-me e confronto-me, por me desejar contigo e apenas contigo.
Não sei amar assim, serei eu capaz de ser digna de ti sem ser mulher vadia ou mulher selvagem? Serei?

SINTO-ME APENAS

Fecho os olhos sem fechá-los
Encosto a cabeça sem encosto
Desfruto um descanso sem descanso
Imagino um sossego sem sossego

Sinto-me quebrada
Sinto-me esgotada
Sinto-me cansada
Sinto-me acabada

Quero apenas dormir
Sem de todo existir

Fechar os olhos e não mais poder abri-los
Encostar-me no peito com alma de colo
Deixar-me cair sem a cabeça pesar-me
Desfalecer nos braços de quem me abraça

Sinto-me quebrada
Sinto-me esgotada
Sinto-me cansada
Sinto-me acabada

Quero apenas dormir
Sem de todo existir

Silêncio que companhia em mim sentias
Deixei-te partir e deixei-me ficar
Sem tão pouco saber se algum dia irias
Por breves momentos poder pernoitar

Sinto-me quebrada
Sinto-me esgotada
Sinto-me cansada
Sinto-me acabada

Quero apenas dormir
Sem de todo existir

SEREI APENAS ESCRITA

Estou onde estou,
e apenas quero escrever
Estou onde não estou,
e a escrita consegue vencer

Invade-me sem contas exigir
Isola-me sem licença pedir

Quero libertar-me, mas não consigo
Quero soltar-me, mas não me permito

A escrita encosta-me à parede
A escrita consome-me a mente

Com ela morrerei
Com ela ficarei

Com ela simplesmente serei
Apenas a letra de alguém

OIÇO A CHUVA LÁ FORA

O cheiro a terra molhada,
desperta-me sentidos esquecidos.
Viajo em areia recheada,
de aromas quentes e já vividos.

Uma chuva quente, gotas cristalizadas,
com odor a humidade e calor abafado.
Com chuvas tropicais de lágrimas salinadas,
conhecer cálidas águas de clima acalentado.

Leva-me e queima-me, sussurra-me a aura,
migalhas de brasas e levezas de vento.
Crema-me o corpo e deleita-me a alma,
molha-me em pedaços e refresca-me a calma.

Delicia-te com ondas esbatidas em mim,
desfruta-me o corpo despido e fervido.
Devasta e invade-me, apodera-te de mim,
incendeia-me a força de corpo aquecido.

Presenteia-me memórias por apagar,
pelo tempo que se faz lembrar.
Decididamente me veio visitar,
o que esperava não poder afagar.

Calor ardente, ardor a brasa.
Abraça-me o corpo e aquece-me o ânimo.
Aconchega-me apenas calor de Verão.
De ti sou feita, de ti preciso, e de ti careço.

SABE BEM SORRIR

Sabe bem sorrir,
Sentir a felicidade
Transbordar alegria
Viver a crueldade
E vestir a fantasia

Sabe bem sorrir,
Viver o momento
Estalar o sensual
Sentir cada vento
E viver amor carnal

Sabe bem sorrir,
Primeiro e único
A viver emoções
Inesquecível e puro
A sentir as paixões

Sabe bem sorrir,
Viver e sentir
Acordar alto mar
Despir e vestir
Amar sem acordar

Sabe bem sorrir,
Saborear e sonhar
Acalentar e imaginar
Fantasiar e divagar
Experimentar e gozar

Sabe bem sorrir,
Admirar e respirar
Desfrutar, apreciar
Estimar sem calar
Silenciar sem ocultar

PAIXÃO ATROPELADA

Quando somos atropelados pela paixão, ela derruba-nos e esmaga-nos com a pujança do desejo, deixando-nos à beira do precipício sem limite e sem princípio, deixando-nos em estado de choque sem retorno e sem regresso.

Denunciamo-nos no nosso maior íntimo, cumplicidade animal e deveras emocional, num estado dilacerado de desejo por nos termos, desejo por nos possuímos, como se os limites fossem eles próprios, a sua maior quebra, não havendo fronteiras ou metas, existindo apenas a vontade de amar, com paixão e garra de saber honrar, de quem quer deitar e apenas sentir, para deixar de existir e simplesmente morrer por prazer de saber ser.

São os desequilíbrios da vida, momentos inesquecíveis que passam por todos nós, podemos usufruí-los de forma triste, ou então aproveitá-los, fazer deles mesmo a loucura na sua plenitude e na sua fonte de prazer, pois a vida é curta, a morte não sei, mas enquanto vida tiver, serei sempre um maremoto que rebenta ondas, e uma tempestade que me faz chorar, apenas por querer sentir a música no meu corpo, na alma e na cama, sentir e viver a chama com a paixão em tudo o que digo e em tudo o que faço.

Quero calor na minha vida, luto incessantemente por ele, pois é e será ele a minha mais nobre motivação, de saber viver emoções fortes, sair da linha e criar ilusões, regressar ao passado e fazer loucuras, alimentar demências e saciar a fome, rir e gargalhar, empolgar-me e divertir-me, chorar de exultação e reviver perturbações, baralhar sensações e ser o espírito rebelde, que quer loucura, insanidade e devaneio, quer conquistas e cegueiras de vontades insaciadas, desatinos vadios, mas quer, por isso me sinto assim, exaurida até à exaustão.

Que todas as loucuras sejam como esta, haveria mais loucos saudáveis e menos loucos débeis, a vida desequilibra-me de vez em vez, confesso que muitas vezes por culpa minha, mas um pouco de loucura dentro dos limites da insanidade, nunca será a loucura de um débil sem mente, mas apenas saber-se viver na insanidade dentro da sua plenitude mais pura.

VERÃO PRIMAVERIL

Primavera, tempo incerto, tempo próprio e encoberto, tempo louco incorrecto.
Folhas que desfolham, flores que recriam, cheiros que libertam odores que procriam.
Roupas semi quentes e trajas semi frios, cabelos soltos ao vento, espalham-se em fios.
Corpus nus impacientes, por calor despidos do frio, ansiosos de cor, enfeitados com amor.

Viagens por chegar e andorinhas a voar, levem-me convosco para assim poder amar.
Irei sem saber que destino irei tomar, mas irei com vontade de saber o que é viver.
Viver nua e selvagem, em campos agrestes e campestres, saberei ser única e assim andarei.
Andarei em caminhos, por terras desconhecidas, vales e montanhas e se preciso sem trilhos.

Espera-me que eu vou, estarei onde estás, viverei onde vives e amarei o que amarás.
Em desgraça já estou, sem saber dela sair, quero viver ainda mais e em desgraça cair.
Nos teus braços que me amparam, nos teus braços que me beijam, viverás o reboiço de saber que me desejam...

Sim sou eu, sim sou tua, sim sou nua, sim sou véu.
Sem cor e sem textura, transparente com amargura.
Perante ti, serei assim, Primavera estação incerta.
Tempo de mudança, mas que tudo o vento alcança.

Por isso, serei sempre estação quente, o Verão está a chegar e dele não poderei nunca abdicar.
Com ele chega também a alegria e o calor, a adrenalina e a cor, a fantasia e o odor, repleto de rubor.
Odor de praia fresca, cor de campo silvestre, sabor a água salgada e perfume de papoila campestre.

Desperto-me com vida e a alegria visita-me, presenteia-me momentos e reclama-me talentos.
Desfaço-me do corpo, delato-me sem pudor, contagio-me de emoções e alimento-me de sensações.
Mas em areia da praia salgada me deleito e em campos de plantas agrestes me encanto.

Descalça e meio vestida, de cabelos pretos ao léu, o vento me leva como a brisa me saboreia, uma brisa de aroma quente, fim de tarde que me mata, por saber-me saciada de bálsamo Verão farta.

ASSUMIDAMENTE

Tenho dias que gosto de calar
Tenho dias que gosto de falar
Tenho dias que gosto de mimar
Tenho dias que gosto de camuflar

Apenas são dias, apenas tenho dias

Apenas dias que gosto de inventar
Apenas dias que gosto de escrever
Apenas dias que gosto de entender
Apenas dias que gosto de ler

Por isso admito, admito gostar
Gosto de gostar, por isso,

Admito que gosto de ser mimada
Admito que gosto de ser lisonjeada
Admito que gosto de ser apaparicada
Admito que gosto de ser presenteada

Apenas admito, sou o Centro
Apenas me assumo, sou Leão.

Por isso, é tão fácil gostar
Por isso, é tão fácil desejar
Por isso, é tão fácil estimar
Por isso, é tão fácil amar

Assumidamente, admito ter dias.
Por isso, me compilo,

Compilo sentimentos e emoções
Compilo palavras, frases e textos
Compilo os momentos e a vida
Compilo o meio, e o início do fim
Compilo um livro sem ser livro

Compilada me assumo
Assim sou, apenas Eu.

CRIANÇA SOZINHA

Um dia apeteceu-me vaguear pela praia, quando lá cheguei descalcei-me e deixei ficar as sandálias em lugar incerto.

Saltitei cada passo em areia molhada, observei cada marca dos meus passos viajantes. Andei por pedras e caminhei em rochas cobertas de conchas, rasguei-me por dentro, mas flutuei por fora.

Vagueei ao vento e senti a maresia, senti a leveza de querer ficar sozinha. Quis recordar o que em tempos vivi, apenas em sonho o que nunca senti.

Os tempos esqueceram-me, mas as memórias ficaram, brincadeiras de criança, recheadas de saudades.

Fugi de mim, apenas quis lembrar-me dos momentos de mar, apenas quis recordar a infância esquecida, apenas quis ser a menina entretida.

A dor interior que me fez crescer e o caminho das pedras que me fez percorrer, nunca foram um mar de rosas, contudo, as marcas transformaram-se em pétalas e, amaciaram-me os pés doridos pelas pedras já caminhadas.

Agora, de sandálias calçadas sinto a areia molhada e caminho sobre pedra lascada, mas a dor que outrora sentira é agora uma dor de crescer sozinha.

Quis e quero sempre ter um pedaço de criança dentro de mim, mesmo que essa criança caminhe sozinha, mesmo que essa criança vaguei sem destino, mesmo que essa criança não tenha motivo, mas quereirei sempre ser criança entretida em mares abertos e campos silvestres.

Adoro-te.
Apenas porque existes.

Por me fazeres rir
Por me fazeres chorar
Por me fazeres sentir
Por me fazeres amar

Adoro-te.
Apenas porque escreves.

As palavras saem da tua boca e fazem estragos.
As palavras (dizes tu) saem da tua alma e fazem estragos.
As palavras proferidas e por proferir, de ti abusam e mais uma vez fazem estragos.
As palavras com que brincas produzem efeitos e novamente fazem estragos.
As palavras serão apenas só palavras, mas não deixam de fazer estragos.

Adoro-te.
Apenas porque me feres, com palavras sentidas.

Por vezes uma palavra mal empregue destrona uma frase.
Por vezes uma palavra mal proferida corrói uma fase.
Por vezes uma palavra não sentida humilha com classe.

Confesso que para mim as palavras têm um poder inigualável, com elas construímos, mas também destruimos, por isso te adoro, por me construíres, mesmo destruindo.

SOLIDÃO COMO COMPANHIA

E quando a tristeza nos invade e coloca-nos num chão sem terra, num mar sem água, num céu sem estrelas e num caminho sem rota?

A vida é tudo e por ela tudo faço, mas quando a tristeza me devasta, exijo que seja a vida que faça algo por mim.

É verdade que a fraqueza me visita muitas vezes, me abala e me derruba, mas através da escrita, encontrei o meu equilíbrio, o meu porto de abrigo, o meu ombro amigo, sem trações físicas e apenas platónicas ou virtuais como a evolução lhe chama.

Mas há momentos das nossas vidas que insistem em pernoitar dentro de nós e, quando queremos adormecer apenas acordamos assustados.

Talvez numa noite a saudade da ausência dessa noite pernoite nos meus ombros, por saber que também eu gosto de estar sozinha, perdida nos meus momentos a que chamo de solidão.

Na nuvem da solidão sinto sempre um abraço, um abraço silencioso que me aconchega a alma, por isso preciso de um silêncio ensurdecador, com abraço e com aura.

As memórias são a minha força para enfrentar cada dia de toda uma vida que ainda irei percorrer, mas são também a coragem e a determinação, a vontade e a motivação.

Destes adjetivos, apenas um me ensinou a crescer com dignidade, mas aqui não está presente, chama-se sofrimento, lágrimas sem choro e caminho de pedras sem manto, mas mesmo assim, no seio da solidão sem abraço e sem gritos de silêncio, nunca existiu nada, nem nunca existirá nada, mas mesmo nada que me derrube.

Assim, solidão amiga, estado de alma que me acompanhas, quero-te apenas como companhia, chegaste e instalaste-te, é contigo que vivo e aprendo a crescer, adoro-te como pertença da minha alma, mas quero saber viver sem ti, e isso minha amiga, nem tu nem ninguém me ensina, por isso, hoje acordei e despertei, decidi então aprender a viver sem a tua companhia.

Escondida algures de forma provocadora de modo a poder presentear-me com momentos de emoção, desabafo sentimentos escondidos que por vezes surgem à superfície e se manifestam sem pedir licença, assim, na calada do desabafo, visto-me na companhia da escrita sem a minha solidão.

Não tenho dúvidas que colho o dia e aproveito o momento.

DEIXEI-TE ENTRAR NA MINHA SOLIDÃO

Tenho a alma a chorar,
a tristeza procurou-me.
Tentei fugir dela, mas ela
apanhou-me sem medo.

Tenho a alma triste,
a solidão que sempre
me acompanhou, deixou
o meu espaço, e sem ela,

jamais saberei ser,
jamais saberei estar,
jamais saberei viver,
jamais saberei amar,

Gosto de estar sozinha.
Gosto de gostar, mas
também gosto de mimar,
sonhar e até mesmo voar.

E agora? Sem alma alegre,
sem alma a sorrir, como
serei eu daqui em diante?
Saberei algum dia ser feliz?

Como poderei eu ser feliz,
agora que te conheci?
Como poderei eu não
chorar, depois que te vi?

Escreverei eternamente
sozinha, letras pegadas
de memórias sentidas,
mas vividas também.

Com a alma a chorar,
com a alma triste,
irei novamente aprender
a viver sozinha e no meu

mundo ficar, sem alma
viva entrar, para que nele
seja eu, sem companhia
e sem parceria, apenas

serei eu, no meu mundo
sozinha, por ninguém me
ter ensinado a viver no
mundo que é teu também.

ESCRAVIZAS-ME SEM NADA EM TROCA

A Vida é feita de pormenores que se tornam a grandeza de honrar a palavra Vida.
A Vida é feita de pormenores que se eternizam numa plenitude de felicidade sem igual.

São pequenos detalhes que de nada são feitos, mas que se encontram recheados de um tudo, que nos permitem dizer e igualmente sentir o que significa verdadeiramente a palavra felicidade.

A felicidade de ouvir a palavra que nos faz chorar.
A felicidade de sentir a palavra por proferir.
A felicidade de abraçar a palavra que nos faz viver.
A felicidade de ver a palavra escrita em memórias várias.
A felicidade de saber que a palavra em mim permanecerá.

Eternamente te respeitarei, por seres a palavra que escrevo, por seres o Dom do meu aconchego, por seres feita de nada e conectada de tudo, por seres a minha relíquia e o meu tormento, mas principalmente por saberes ensinar-me a viver com vontade de honrar-te.

A ti palavra, tudo te devo e nada te dou.

Devo-te a experiência de saber ouvir-te.
Devo-te a lição da leitura e da escrita.

E apenas com palavras sem gestos.
E apenas com palavras sem letras.
E apenas sem frases feitas ou refeitas.

Mas devo-te a honra, por me fazeres sentir que também eu sou palavra, por me fazeres ver, seres a palavra que mereces ser, num dia em que o pormenor fez a diferença, num dia em que o detalhe fez a felicidade, num dia em que me eternizaste com a honra de ser-te Palavra.

Fazes de mim a tua escrava, a tua leal serva, e a ti tudo te devo e nada te dou.

ESTA JÁ NÃO SOU EU

Esta não sou eu
Já não tenho vida
Já não sinto nada
Esta não sou eu

Fui em tempos alguém
Fui pessoa de bem e de mal
Fui pessoa alegre e triste
Fui em tempos alguém

Agora sou outra
Uma vida por viver
Uma vida por sentir
Agora sou outra

Quem sou eu afinal?
Serei alguém ou fui alguém?
Serei eu ou serei outra?
Quem sou eu afinal?

O que me faz sentir?
O que me faz viver?
O que me faz sofrer?
O que me faz mover?

Será o que fui?
Será o que serei?
Será o que sou?
Ou apenas será Alguém?

Esta já não sou eu...

ALMA CALADA E GRITO AUSENTE

Choro por me sentir só, incompreendida e rejeitada me alheio.
Isolada de todos e de tudo, com ausência total do meu ser.
Queria sentir paz, compreensão e até cumplicidade familiar.

Queria ouvir-te apenas dizer, terás o meu apoio, terás até a minha força se dela necessitares, mas em vez de palavras sentidas, oiço apenas palavras soltas, desinteressadas sobretudo por mim, por aquilo que faço, mas principalmente por aquilo que sinto, e igualmente por aquilo em que acredito.

Compilo-me sozinha, como dizem que tantos outros escritores o fizeram também.
Reservo-me isolada, como dizem que tantos outros autores o fizeram também.

Diferencio-me apenas porque não sou escritora, nem autora, nem tão pouco pessoa, quanto mais criadora.

Sou apenas mais uma,
Sou apenas uma entre tantas,
Sou apenas alguém,

Que queria ouvir, sentir e ver o que serei para ti, se tu de mim nada tivesses...
Por isso choro, choro e choro
Por isso grito, grito e grito
Por isso calo-me, calo-me e calo-me
Por isso sou, alma calada e grito ausente.

CINZAS FÉRTEIS

Das cinzas plantadas numa terra fértil em nascimento,
foram lá semeadas as minhas origens e o meu destino.

Originarei algo, que eu nem sei bem o que será, mas algo será.
Será espinho ou erva, plantas ou flores ou até musgo ou relva.

Mas algo será, e esse algo ditará o que fui e o que serei.
Esse algo fingirá ter existido ou apenas será esquecido.

Serei apenas terra envelhecida ou orquídea selvagem.
Serei apenas musgo seco ou papoila eterna.

Ou serei simplesmente nada, porque da terra nascemos nós.
E nós não semeamos o que de melhor ela nos dá.

Das cinzas plantadas numa terra fértil em nascimento,
morrerei e semearei ternura e afecto, sem protecção ou violação.

Foram lá semeadas as minhas origens e o meu destino.
Apenas liberdade darei e amor também.

O SILÊNCIO DAS PALAVRAS

Sem palavras, porque por vezes também elas são silêncio.

Porque silêncio é também ele a palavra que não se solta.

Porque silêncio é também o sentido da palavra não dita.

Porque silêncio é murmurar sem ouvir e apenas sentir.

Porque silêncio é um grito sem voz com som de lágrima.

Porque silêncio é dançar sem música e soletrar sem letra.

Porque silêncio é ensurdecer sem som e calar sem voz.

Porque silêncio é amar calada e discretamente sofrer.

E das palavras se solta um silêncio.

E das palavras se solta um grito.

E das palavras se solta um choro.

E das palavras se solta um sorriso.

E das palavras se solta um gemido.

E das palavras se solta um som.

Porque silêncio é paz sem limite e harmonia sem palavras.

Porque silêncio é som sentido com palavras escondidas.

Porque silêncio é a palavra, porque por vezes também elas são silêncio.

SABER MORRER COM VIDA

Uma vida recheada de alimentos saciados e com vontade de mais.
É sempre fácil viver a vida que é de outros e não saber viver a nossa.

Saberia ser mulher se à minha vida soubesse dar aquilo a que ela pertence.
Mas apenas sei existir e nem tão pouco consigo viver ou até mesmo morrer.

Morrer com vontade de esquecer e viver com vontade de largar.
Matar a morte e Nascer a vida é renascer em outra pessoa.

Viver a vida com vida e não ter vontade de morrer nem tão pouco de largar.
Viver, simplesmente viver, brindando à vida como é saber viver.

Saberia eu saber viver se soubesse também morrer.
Mas como saberei eu morrer se para morrer é preciso viver?

Não sabendo nem sequer viver nunca saberei também morrer.